



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Ana Paula da Silva Conceição Oliveira

**Práticas formativas no contexto da cibercultura: desafios e possibilidades
em uma disciplina do Curso Normal**

São Gonçalo
2017

Ana Paula da Silva Conceição Oliveira

Práticas formativas no contexto da cibercultura: desafios e possibilidades em uma disciplina do Curso Normal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Linha de Pesquisa: Políticas, Direitos e Desigualdades.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Glaucia Campos Guimarães

São Gonçalo
2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

O48 Oliveira, Ana Paula da Silva Conceição.
Práticas formativas no contexto da cibercultura: desafios e possibilidades em uma disciplina do Curso Normal / Ana Paula da Silva Conceição Oliveira. – 2017.
167f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Glaucia Campos Guimarães.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação – Inovações tecnológicas – Teses. 2. Tecnologia da informação – Teses. 3. Professores de ensino fundamental – Formação – Teses. I. Guimarães, Glaucia Campos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 37:62

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Paula da Silva Conceição Oliveira

**Práticas formativas no contexto da cibercultura: desafios e possibilidades em uma
disciplina do Curso Normal**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Linha de Pesquisa: Políticas, Direitos e Desigualdades.

Aprovada em 17 de maio de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Glaucia Campos Guimarães
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Marco Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Vilson Sérgio de Carvalho
AVM – Faculdade Integrada

Prof^a. Dra. Helena Amaral da Fontoura
Programa de Pós-graduação em Educação da FFP/UERJ

São Gonçalo
2017

DEDICATÓRIA

À minha amada mãe Ciléia, que sempre me apoiou, incentivou e acreditou em meu potencial.
Ao meu amado pai Nilton, homem de caráter inigualável, um exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas maravilhas que me foram concedidas e pela oportunidade de viver o Mestrado, um sonho realizado. À minha família que sofreu algumas ausências, mas compreendeu meu desejo em construir políticas de presença nos “não lugares” em que passei para a culminância da pesquisa. À minha doce Ana Clara, meu sonho mais lindo, obrigada por compreender minhas viagens aos congressos, aos livros e campos de estudo. Felizmente, durante minhas ausências físicas, pudemos contar com as Tecnologias Digitais em favor de nossa comunicação. Te amo minha vida! A você Xande, que (des)compreendendo compreendeu minha dedicação aos estudos e pacientemente viveu o período da pesquisa, tornando-se ao final deste processo mais um estudioso das tecnologias. Nosso amor é pleno!

Ao meu querido, inesquecível, adorável amigo e mentor Vilson Sérgio de Carvalho, que durante minha estadia na academia como docente me ensinou tantas coisas sobre a universidade e sobre a vida. Você, que abriu as portas do conhecimento e me incentivou em meio a tantos conflitos e batalhas da vida cotidiana a pesquisar, escrever, palestrar, lecionar e viajar em prol dos saberes. Obrigada, meu querido Dr., pela arte de viver o meio ambiente lecionando humildade, sabedoria e inventividades. Você me inspira! Qualquer semelhança entre nós não é coincidência, mas providência divina.

Aos educandos do Curso Normal, meus queridos professorandos, que sempre me acolheram de braços abertos, com largos sorrisos, entusiasmados para a construção de saberes e vivências midiáticas crítico-constructivas. Como aprendi com vocês nas experiências pedagógicas, nas conversas “dentro-fora” da sala de aula e nas redes estabelecidas ao longo do tempo. Vivemos, de fato, uma educação online facilitada pela ubiquidade das TICs.

Aos colegas docentes do Instituto de Educação Clélia Nanci, que se dispuseram a colaborar com a pesquisa, concedendo seu tempo para as entrevistas, revelando olhares e experiências sobre o campo pesquisado. A todos aqueles que pisam o chão da escola, mantendo a alegria e a esperança de transformá-la sempre em algo melhor.

A todos os professores da UERJ-FFP, que souberam substituir “ensinagens” por ambiências de leitura, reflexão e aprendizagens. Obrigada pelo cumprimento ético de suas docências, impregnadas de “discências” tão necessárias neste tempo em que novos educadores se formam para devolver à sociedade as colheitas deste plantio.

Às amigas de Mestrado, que comigo compartilharam pesquisas, coorientações, congressos, viagens, diálogos, tecnologias e “outros papos”. A vocês Mari, Ju e Cla, meu

carinho eterno! Nas tentativas de viver este lugar, alegro-me por termos chegado ao mesmo tempo, onde sem nos conhecer, nos conhecemos e construímos uma linda amizade. Marietta Nidecker, nossas histórias se completam, mulher guerreira, sonhadora, sensível e poética, juntas conquistamos a Europa, voar é preciso. E a você, Clarissa Quintanilha, menina transdisciplinar, pesquisadora, enciclopédica e conectada: feliz por nosso encontro! Juliana Godói, você é um lindo desvio, dócil e companheira; sempre dedicada às transformações, sua personalidade e profissionalidade vivificam as inspirações de António Nóvoa.

À ela, Gláucia Guimarães, minha orientadora! Obrigada por permitir minha autoria, pela tranquilidade em todo este percurso que tornou o Mestrado uma experiência saudável, sem pressões, (des)controles e desesperos acadêmicos. Obrigada por ser você e, neste processo, permitir uma autonomia necessária, em que aprendi a desenvolver escutas, falares e escritas tão minhas.

Deixe-me citar o não citado, gritar o que em mim foi calado, deixe-me ser autora, não silencie a minha voz. Deixe-me ter vez para amanhã contemplar um semblante feliz, reflexo de quem na escola se expressou quando quis.

Ana Paula Oliveira

RESUMO

OLIVEIRA, Ana Paula da Silva Conceição. *Práticas Formativas no contexto da cibercultura: desafios e possibilidades em uma disciplina do Curso Normal*. 2017. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

Estamos no século XXI, uma sociedade demarcada pela presença das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que apresentam novas formas de convívio social. Um tempo acelerado e dinâmico, onde os aparatos tecnológicos encontram-se em inúmeros ambientes, caracterizando o cenário da cibercultura. Em meio à ubiquidade das mídias digitais, pensamos na formação dos professores, em suas compreensões sobre esta temática, apropriações e práticas formativas realizadas. Através da metodologia exploratória, centralizamos nossos estudos em uma disciplina denominada Integração das Mídias e Novas Tecnologias, que compõe o Curso Normal oferecido pela rede estadual de ensino. No percurso da pesquisa, reunimos leituras sobre as TICs e seu potencial comunicacional para a educação; realizamos entrevistas com docentes do componente curricular analisado e desenvolvemos experiências formativas com professorandos, alunos da disciplina em questão, explorando a cibercultura. Na tentativa de articular teoria e prática, desenvolvemos a pesquisa no campo escolar observando as políticas de presença realizadas por seus praticantes (professores e alunos) frente às ausências produzidas pelas políticas públicas sofridas pela escola. Assim prosseguimos a pesquisa, analisando os “usos astutos” das TICs, as possibilidades da cibercultura para a educação, seus potenciais comunicacionais e a necessidade de inovação, não só tecnológica, mas, fundamentalmente pedagógica. Para além de usos instrumentais, observamos ações crítico-constructivas que tendem a apropriar-se das ambiências de aprendizagem colaborativa, da interatividade cibercultural, do compartilhamento de saberes e do pensamento permeado pela cibercultura e pela prática docente desprendida dos antigos modos de ensinar e flexível às novas formas de aprender. Observamos, em síntese, a necessidade de estudos que considerem estas ações, com vistas a avaliar melhor as alternativas que hoje são possíveis e disponíveis, aumentando o campo das experiências credíveis e expandindo boas expectativas, não só para um futuro melhor, mas para um presente diferente.

Palavras-chave: Curso Normal. Integração das Mídias e Novas TICs. Cibercultura. Práticas Formativas. Educação Dialógica.

RÉSUMÉ

OLIVEIRA, Ana Paula da Silva Conceição. *Pratiques formatives dans le contexte de la cyberculture: défis et possibilités dans une discipline du cours normal*. 2017. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

Nous sommes au XXI^e siècle, une société marquée par la présence de technologies de l'information et de communication (TIC) présentant de nouvelles formes d'interaction sociale. Un temps rapide et dynamique où les dispositifs technologiques sont dans de nombreux environnements présentant des paysages de la cyberculture. En raison de la diversité des médias numériques, nous pensons en la formation des enseignants dans leur compréhension de ce sujet, les crédits et les pratiques de formation effectuée. Grâce à la méthodologie d'exploration, nous avons centralisé nos études dans une discipline appelée intégration des médias et des nouvelles technologies qui composent le cours normal offert par les écoles publiques. Au cours de la recherche, nous avons entretiens menés avec les enseignants et nous développons des expériences de formation avec professorandos visant à explorer le cyberculture. Dans une tentative pour unir théorie et la pratique, nous observons politiques de présence et de absence dans les écoles publiques. Nous avons donc continué la recherche, l'analyse de la «utilisation astucieuse» des TIC, les possibilités du cyberspace pour l'éducation, leur potentiel de communication et la nécessité d'unir la technologie et l'éducation. En dehors des utilisations instrumentales, observons les actions critiques et constructives qui ont tendance à se approprier d'apprentissage collaboratif ambiances, l'interactivité cyberculturel, le partage des connaissances et de la pensée imprégnée par la cyberculture et l'enseignement pratique détaché les anciennes méthodes d'enseignement et flexible de nouvelles méthodes d'apprentissage. A pris note, en résumé, la nécessité d'étudier à considérer ces actions afin de mieux évaluer les alternatives qui sont maintenant possibles et disponibles, augmentant le champ d'expériences crédibles et l'expansion des attentes élevées, non seulement pour un avenir meilleur, mais pour un présent différent.

Mots-clés: Cours normal. Intégration des medias et nouvelles TICS. Cyberculture. Pratiques formatives. Education Dialogic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 e 2 -	Gráfico de pesquisa – SEEDUC A e B	54
Figura 3 -	Gráfico SEEDUC C	55
Figura 4 -	Acesso indisponível	56
Figura 5 -	Gráfico de pesquisa – SEEDUC D.....	56
Figura 6 -	Quantitativo de participantes na enquete	58
Figura 7 -	O currículo mínimo da disciplina de IMNT.....	70
Figura 8 -	O AVA no Facebook.....	103
Quadro 1 -	Quadro de recursos do Facebook	103
Figura 9 -	Enquete no Facebook	105
Figura 10 -	Reflexão sobre a tecnologia nas aulas	106
Figura 11 -	Vídeo “geração copia e cola” – Parte 1.....	109
Figura 12 -	Vídeo “geração copia e cola” – Parte 2	110
Figura 13 -	Situação do bairro	111
Figura 14 -	Entrevista com professores	113
Figura 15 -	Entrevista com alunos	113

Figura 16 -	Dialogando sobre interatividade	115
Figura 17 -	Depoimentos no AVA	118
Figura 18 -	Depoimento no AVA 2	119
Figura 19 e 20 -	Disponibilização de arquivos 1 e 2	122

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CIBER	Cibercultura
IECN	Instituto de Educação Clélia Nanci
IMNT	Integração das Mídias e Novas Tecnologias
SEEDUC	Secretaria de Estado de Educação
TACs	Tecnologias de Aprendizagem e Convivência
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

	RECORDANDO MINHA TRAJETÓRIA	13
	INTRODUÇÃO: UM BARCO GUIADO PELA PESQUISA	20
1	ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	24
1.1	Sobre a realização das entrevistas	25
1.1.1	<u>Sobre as categorias de análise das entrevistas</u>	29
1.1.1.1.	O Facebook como ambiente de produção e sistematização de dados	30
2	REVISÃO DE LITERATURA	33
2.1	A sociedade da cibercultura: Pontos e Contrapontos	33
2.2	<u>A escola no tempo da cibercultura</u>	37
3	O CURSO NORMAL ENTRE FIOS E DESAFIOS	46
3.1	A disciplina de IMNT entre textos e contextos	52
4	AS POLÍTICAS DE AUSÊNCIA NA DISCIPLINA DE IMNT	64
4.1	A docência como política de presença na disciplina de IMNT	77
4.2	<u>Uma disciplina, suas TICs e apropriações</u>	87
5	UMA EXPERIÊNCIA CIBER MEDIADA PELO USO DO FACEBOOK	101
5.1	Por uma educação dialógica e interativa	124
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS	140
	APÊNDICE - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	1478

RECORDANDO MINHA TRAJETÓRIA:

“O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, sua significação.”

Paulo Freire (1996)

Ao iniciar este estudo, gostaria de recorrer ao tempo e rememorar algumas de minhas experiências que ajudaram a constituir meu percurso formativo, vivido no contexto da discência e da docência. Nesta apresentação inicial, penso no processo identitário compreendido como uma mistura dinâmica que define o modo como cada um “se sente e se diz ser professor” (NOVOA, 1992, p.16). Através das leituras do autor aqui citado, vimos que as identidades docentes se constroem durante a vida dos sujeitos, e que suas experiências, histórias e contextos sociais influenciam na formação de cada educador, atribuindo significados e práticas ímpares importantes para a pesquisa e investigação no âmbito escolar e acadêmico.

Desde a primeira infância, já desenhava minha história no terreno educacional; os lápis, canetas e livros dos meus irmãos foram as primeiras tecnologias por mim experimentadas. Segundo minha mãe, iniciei a escrita com dois anos de idade em sua carteira de trabalho, assinando ali meus rabiscos, até hoje guardados. Aos cinco anos, comecei a frequentar a escola e ainda recordo o seu cheiro, as histórias, os espaços, inclusive, as primeiras professoras que me marcaram positivamente. Eu gostava de estar lá, de brincar, de fazer os trabalhos, de arrumar os cadernos de capas vermelhas com bolinhas brancas e de ver aquelas folhas rodadas no mimeógrafo, que chegavam em minhas mãos, ainda úmidas e com cheirinho de álcool. Aquela tecnologia já me fascinava. Lembro que, ainda pequena, observava aquele artefato curioso na sala dos professores, que transformava os papéis ofícios através da impressão de letras e figuras. Anterior ao equipamento, percebia que as atividades eram preparadas pelas mãos das professoras que usavam folhas pautadas e uma espécie de carbono azul escuro. Quando as atividades apareciam coloridas, era uma sensação mágica diante dos olhos de uma menina curiosa, que observava a professora na sala de aula preparando mais novidades; de repente, carbonos verdes e rosas giravam naquele aparelho sensacional que estampava textos e imagens coloridas. Fazendo um resgate destas

lembranças, consigo perceber meu interesse em pesquisar sobre as tecnologias na Educação que, de algum modo, iniciaram em minha infância.

O tempo passou e, de todas as brincadeiras fora da escola, a minha preferida era a de ser professora. Eu conversava com meus alunos invisíveis, explicava os assuntos e distribuía os livros pelas mesas e cadeiras que montava na sala de minha casa ou mesmo no quintal repleto de árvores e flores; ali, já representava minha sala de aula. Lembro que perto dos livros, com uma folha de papel e uma caneta, construía minha máquina de escrever e, enquanto meus alunos imaginários faziam suas leituras, eu datilografava novos textos que seriam trabalhados em aulas posteriores. Remeto-me às leituras de McLuhan (2007) que, ao estudar a máquina de escrever, compreendeu que esta une composição e publicação, permitindo ao poeta lançar-se ao público imediatamente com suas expressões, sejam elas de murmúrios, gritos, assobios ou risadas de uma menina curiosamente imaginativa e feliz. Assim, ia projetando minha história, inventando e reinventando tecnologias, construindo meus brinquedos e brincadeiras e encenando meu futuro.

Recordo dos brinquedos que inventava no sítio de minha tia, dos carrinhos de lata e rodinhas de laranja, da amarelinha desenhada no chão de um terreno tão frutífero com meus riscos e rabiscos, das salas de aula também ao ar livre, embaixo das laranjeiras, das descobertas através das histórias lidas, contadas e encantadas. Foram vivências inesquecíveis que me compuseram e me permitiram fazer outras redes. Relembro as leituras de Williams (1992), que entendia a técnica como uma habilidade, um invento técnico como consequência desta habilidade, e uma tecnologia, primeiramente como o marco de conhecimentos necessários para o desenvolvimento de habilidades e aplicações inovadoras, o que me fez pensar nas condições e sentidos que damos às práticas e experiências concebidas desde a infância, entre as máquinas de escrever e os brinquedos que inventei; os livros por mim datilografados, lidos e rabiscados, avançavam nas leituras e eu desejava aprender mais. Eu gostava daquele lugar, daquele espaçotempo¹ que me compôs como sujeito de histórias e marcas tão onipresentes e que me instigaram a imprimir outros movimentos, me fazendo acreditar que toda aquela brincadeira um dia se tornaria realidade. Resgatando estas memórias, ressalto a concepção de Bragança (2014), ao compreender que o movimento da memória nos permite olhar o passado e perceber nele lampejos e fragmentos que se unem, compondo assim, o sentido de nossa trajetória de vida. Rememorar meu percurso me fez

¹ Modo de escrever adotado por Nilda Alves como forma de superar a dicotomização herdada do período no qual se “construiu” a Ciência Moderna. O mesmo se aplica para “dentrofora” e “aprenderensinar”.

pensar o quanto as experiências de minha infância ensaiavam e elucidavam algumas de minhas realizações da vida adulta.

Inspirada em Freire, diante de uma curiosidade inquietante, movi-me em busca da docência tão sonhada e encenada na infância. Chegou o momento de ingressar no Curso Normal, de formar-me no que mais desejava: ser professora. Em 1994, iniciei a formação pedagógica; foram três anos vividos intensamente no Colégio Trasilbo Filgueiras, situado no município de São Gonçalo – RJ, onde experienciei momentos formativos felizes. Meus olhos brilhavam, meu coração se alegrava cotidianamente, estar naquele lugar realmente me preenchia. Após a conclusão do curso, a esperança em lecionar na escola me fazia buscar este lugar, este espaço no âmbito educacional. Neste caminho, em 1997, surgiu uma escola que não estava em meus planos iniciais, mas que, de algum modo, possibilitou novas redes e tessituras em um contexto permeado por muitas tecnologias. Meu primeiro emprego foi em um curso de informática, onde construí novas aprendizagens, apropriei-me de estudos na área, ministrei aulas e me aproximei de uma realidade diferente daquela pensada inicialmente. Encontrava-me no campo do ensino e as tecnologias, mais uma vez, se faziam presentes e compunham minha história.

Diante do amadurecimento profissional e da necessidade de formação continuada, daquela curiosidade que me inquietava e fazia compreender-me como sujeito aprendente e ensinante, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá no ano de 1999, buscando conciliar as atividades profissionais e acadêmicas. Em 2002, comecei a trabalhar com informática aplicada à Educação em diferentes escolas, relacionando a Pedagogia com a tecnologia, pesquisando e reinventando minhas práticas docentes.

Vivenciei experiências ímpares, trabalhei em pares, realizei redes e conexões inesquecíveis. Muitas foram as matizes que me desenharam como discente e docente reflexiva e comprometida com as práticas educacionais e seus desafios. No ambiente acadêmico, comecei a amadurecer e a compreender inúmeros aspectos que envolviam a educação, o que me fez criar um movimento de potencialização, de desejo de transformar, de dar voz a quem sempre foi silenciado, de enxergar o ser humano como alguém possuidor de histórias e marcas próprias, de experiências e vontades, de direitos e sonhos.

Desde o início da graduação em Pedagogia, resolvi ampliar leituras sobre as práticas pedagógicas de professores mediadas pelo uso das tecnologias, buscando refletir sobre os impactos e tensões que envolviam as relações de aprendizagem na escola. Pensar na cultura do aluno entrelaçado por um universo tecnológico e na necessidade de formação dos professores para lidar com esta realidade de forma crítica, já me inquietava em busca de

novos saberes. Nesta perspectiva, minha atuação profissional se solidificava no ambiente escolar permeado pela presença das tecnologias, inicialmente pensadas como recursos potenciais de aprendizagem. Vivi, desde então, a docência como professora de informática educacional, realizando atividades pedagógicas na Educação Infantil, Fundamental e no Ensino Médio. Buscava realizar práticas integradas com os professores regentes das diversas áreas do conhecimento, integrando conteúdos curriculares com as tecnologias, almejando uma educação menos técnica e mais humana, algo que a Pedagogia me impregnava. Muitas ainda seriam as aprendizagens, outros olhares e inquietações surgiram na caminhada; meu envolvimento com a tecnologia na escola, assim como as possibilidades, limitações e inquietações cotidianas, me fizeram buscar novos saberes e realizar novas conexões no universo acadêmico. Deste modo, iniciei uma especialização em Tecnologia Educacional no ano de 2009, oferecida pelo Instituto a Vez do Mestre – AVM (UCAM).

Através da pós-graduação Lato-Sensu, foi possível ampliar minhas leituras e vivências sobre a cultura midiática e os desafios de educar com as tecnologias da informação e comunicação. As aprendizagens ali construídas potencializaram minha prática e possibilitaram novos olhares e conhecimentos sobre a educação *online* que, segundo (SANTOS, 2014 p.18), não significa “uma mera evolução das práticas massivas da EaD”. Assim, pude refletir sobre a necessidade de formação de professores diante das novas tecnologias interativas, que suscitam a comunicação bidirecional (SILVA 2014), tão importante no cotidiano escolar. À luz dos autores estudados e dos saberes construídos, iniciei a realização de novos projetos educacionais em instituições escolares mediados por diversas TICs. Neste âmbito, incentivava professores e alunos a desenvolverem práticas pedagógicas construtivas, que viabilizassem experiências de ensino e aprendizagem realmente significativas. Vivi o crescimento da internet, a era do disquete, do cd rom², do *pendrive* e da memória *flash*³, trabalhei com o icq⁴, com as salas de bate papo *online* e com os *blogs* em favor da construção da leitura e escrita. Um trabalho inspirado na visão de Paulo Freire, que considerava a aprendizagem da leitura como entendimento do mundo, pois, desta forma, o

² Sigla para: *Compact Disc Read-Only Memory*. Pt: Disco Compacto - Memória Somente de Leitura, foi desenvolvido em 1985.

³ Memória *flash* é um chip de memória de computador que mantém informações armazenadas sem necessitar de uma fonte de energia.

⁴ ICQ é um dos primeiros programas de comunicação instantânea da internet, criado em 1996. Pertence a companhia *Mail.ru Group*. É um acrônimo baseado na pronúncia em inglês (*I seek you* – I (ai) C (si) Q (kiu)) e em português, “Eu procuro você”.

acesso ao conhecimento seria o caminho que conduziria o ser humano à transformação da sociedade, através de seu olhar crítico, de suas vivências e de sua formação de opinião. Tudo isso exigia um percurso de investigação, reflexão e formação contínua, pois não cabia pensar nas mídias digitais apenas como recursos técnicos ou artefatos de consumo. Nesta perspectiva, compartilhar minhas experiências formativas com os outros docentes e discentes no âmbito da escola concebeu-se como experiência rica de sentidos e significados.

Diante das experiências vividas, dos estudos e das práticas formativas que compunham minha trajetória, no ano de 2011 fui convocada pelo governo do Estado do Rio de Janeiro, em função de uma aprovação no concurso público para docente do curso de formação de professores. Desde então, atuo como professora regente desta modalidade, lecionando disciplinas pedagógicas, entre elas, Práticas de Ensino, Laboratórios Pedagógicos, Sociologia da Educação, Estágio Supervisionado, Políticas Educacionais e Integração das Mídias e Novas Tecnologias. Mais uma vez, as mídias e tecnologias faziam parte de meu cotidiano, agora em uma nova realidade, na instituição pública como docente que contribuiria na formação de novos professores; formação e mídias unidas no contexto que me preenchia pessoalmente e profissionalmente. Iniciei assim, minha trajetória de educadora no Curso Normal, espaço este que tornou-se também o campo de pesquisa no âmbito do Mestrado, confirmando meu percurso como professora-pesquisadora.

Conforme NOVOA (1992), não há como separar o eu pessoal do eu profissional, especialmente numa profissão repleta de ideais, valores, sentidos e experiências. As contribuições do autor ganharam notoriedade científica nos estudos sobre a formação docente, principalmente por investigar, a partir de dentro, o professor como pessoa e a indivisibilidade da pessoa que é o professor. O tempo, os estudos, a maturidade, as leituras e experiências cotidianas demarcavam sentidos em minha profissionalidade, o *khronos* favoreceu outros vínculos, ou seja, novas redes seriam tecidas. Nesta tessitura, ainda em 2011, ingressei na AVM - Faculdade Integrada na tutoria presencial e *online* do curso de especialização em Docência do Ensino Superior. Chegar ao ambiente acadêmico como professora é motivo de muita alegria, pois, poder participar de pesquisa, amadurecer como docente e ampliar conhecimentos me faz querer alçar novos voos rumo à formação acadêmica continuada. Em 2012, iniciei minha segunda especialização Lato-Sensu no Laboratório de Novas Tecnologias da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde prossegui meus estudos sobre Educação a Distância e Cibercultura, buscando investigar as especificidades deste universo crescente em nossa sociedade, que percorre também os espaços escolares formais. Neste sentido, foi possível perceber as possibilidades entrelaçadas na educação *online*, o que, de acordo com

Santos (2005; 2006), amplia situações de aprendizagem a distância e presencial através de situações híbridas que aliam as tecnologias aos encontros face a face. Assim, venho caminhando, percorrendo minha trajetória em busca de novas conexões.

Conforme Alves (2010), aprendemos e ensinamos em várias redes de conhecimentos e muitas são as significações dentro e fora da escola que impregnam o nosso ser professor. De acordo com a autora, “a formação de professores se dá em múltiplos espaços e tempos.” (ALVES, 2010, p. 1196); neste sentido, no tempo atual, respirando o âmbito do mestrado, sinto-me extremamente feliz por poder continuar meu processo formativo, realizando novas leituras e amadurecendo como pesquisadora. Uma longa jornada ainda será percorrida, mas, ocupar este espaço acadêmico, significa a concretização de um sonho e, como professora-pesquisadora, inspiro-me continuamente em Freire (1996, p.103), permanecendo “a favor da esperança que me anima apesar de tudo”. Esta esperança me inquieta, fortalece e viabiliza um movimento de busca, de investigação e formação contínua.

No caminho da pesquisa, venho trilhando o chão da escola pública, lugar onde inúmeras experiências acontecem cotidianamente, espaço que preenche nossas inconcretudes e nos permite articular conhecimentos acadêmicos e profissionais, através dos diálogos realizados com os professores, estudantes e o corpo escolar, materializado por vivências, desafios e redes de saberes. Neste sentido, realizar uma pesquisa de mestrado atuando no campo escolar, envolve reconhecer as práticas docentes como fontes fidedignas de conhecimento. De acordo com Nóvoa (2013), é importante criar redes de (auto) formação participada, o que implica em conhecer a totalidade do sujeito atribuindo a formação como um processo interativo. A proposta da interação consiste em valorizar a troca de conhecimentos, de experimentos e práticas, o que nos coloca como sujeitos formadores e formandos. Será nesta perspectiva que a pesquisa aqui relatada discorrerá, e, posicionando-me como FREIRE (1996), pesquiso para constatar, intervir, educar e me educar, pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e divulgar uma novidade.

Neste percurso, em busca de novas notícias e com uma esperança movente, decidi realizar uma pesquisa exploratória no Curso Normal, especificamente estudando a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias, que compõe a grade curricular do referido curso. Neste espaço-tempo, como pesquisadora e uma das docentes da referida disciplina, realizei novas leituras e construções, me formando e formando futuros professores que lidarão diariamente com as crianças nascidas na cultura atual, que é aquela *touchscreen*, ou seja, dos cliques e toques. Vivemos a era da cibercultura que, de forma proposital, estampa o título desta pesquisa, necessitando ser investigada e analisada como possibilidade formativa,

emergindo outras formas de aprender e ensinar, através de tecnologias digitais que compõem uma sala de aula cada vez mais híbrida, ou seja, perpassada por mídias e inúmeros artefatos tecnológicos que compõem o cenário educacional, possibilitando outras formas de comunicação e de aprendizagem.

A pesquisa remete olhar para este lugar ao qual decidi trilhar: um caminho como professora-pesquisadora, de forma a desvendar as práticas formativas ali perpassadas, refletir sobre a escola normal tradicionalmente instituída e seus rumos frente à sociedade da cibercultura, o que torna-se um grande desafio, especialmente em um curso que traduz um marco na história da educação brasileira. Através destas páginas iniciais, apenas sinalizo algumas pegadas, tentando demonstrar aos leitores que fazer uma pesquisa sobre o terreno que sempre pisei com alegria, me formei e me reinventei, significa dialogar e devolver à sociedade as construções realizadas no âmbito do mestrado, entendendo ser este meu papel ético e cidadão. Aqui, busco registrar os conhecimentos e tecnologias desenvolvidas no percurso de dois anos de pesquisa, como contribuição aos educadores epistemologicamente curiosos, conforme afirma FREIRE (1996, p.29), quando dialoga que “faz parte da natureza da prática docente, a indagação, a busca, a pesquisa”.

INTRODUÇÃO: UM BARCO NAVEGADO PELA PESQUISA

A ideia de navegar é muito propícia para esta pesquisa, especialmente por ser um termo não só utilizado para referir-se às embarcações marítimas, como também ao ciberespaço, afinal, na sociedade atual, muitos já devem ter se deparado com a expressão “navegar na net”. Provavelmente, este não é um termo muito utilizado atualmente, pois as tecnologias têm avançado aligeiramente, tornando-se parte de nós, não permitindo que qualquer atividade humana se perceba separada das tecnologias móveis. Então, acessar um site, uma rede social ou realizar qualquer outra atividade *online* tornou-se uma prática “natural”; na verdade, “navegamos” constantemente, mas não paramos para pensar sobre.

O termo navegar sugere uma poética, que ousamos expressar em uma dissertação de mestrado, com todo o respeito à academia, às suas normas e ao leitor deste texto. Falamos tanto em respeito à diversidade, valorização das culturas, democratização do conhecimento e reinvenção da escola, que consideramos uma contradição a rejeição de qualquer expressão, mesmo que timidamente poética, na apresentação de uma pesquisa. Sendo assim, tomamos um barco e nos abandonamos em alto mar para a realização de um estudo sobre as práticas formativas realizadas na disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias (IMNT), abrangendo o cenário da cibercultura, que caracteriza a sociedade atual.

Neste caminho, diante de um cenário cibercultural, ao problematizar o consumo das tecnologias, especificamente na disciplina de IMNT, consideramos pertinente superar um questionamento apenas técnico, interessado somente em saber se professores encontram-se capacitados ou não para usarem as tecnologias no âmbito educacional como ferramenta de trabalho. A pesquisa ora apresentada compreende a importância da formação continuada dos professores em relação ao uso das TICs, porém, articulada à formação dos educadores, há de se pensar, fundamentalmente, na função social da escola, que precisa refletir sobre a sociedade atual, buscando responder criticamente aos seus desafios, sem denotar um movimento de alienação ou apenas de instrumentalização para o trabalho. Deste modo, para além de uma utilização das tecnologias como ferramentas instrucionais, denotamos um sentido mais amplo sobre as mesmas, através de uma usabilidade crítico construtiva, oportunizando aos praticantes escolares a possibilidade de experimentar os potenciais comunicacionais da cibercultura, que configuram novas formas de pensamento, sendo estas “colaborativa, plural e aberta” (LEMOS, 2014, p.27).

Desta forma, refletir sobre os usos das TICs no Curso Normal, especificamente na disciplina de IMNT, requer pensar também nas possibilidades de produções e compartilhamento de saberes, permitido pelo ambiente da cibercultura, suscitando outras maneiras de viver a escola e conceber o conhecimento. Sobre este aspecto, compreendemos que aprender na atualidade envolve o rompimento com o conhecimento linear e com práticas de ensino verticalizadas e transmissivas, embasadas na unidirecionalidade e centralidade do professor. Ousamos refletir sobre as práticas escolares permeadas pelas tecnologias digitais, compreendendo-as como revoluções em forma de conhecimento e criticidade.

O trabalho proposto parte do pressuposto que os espaçotempos precisam ser analisados de acordo com o momento histórico, acrescentando ainda que, de algum modo, carregamos e “reproduzimos o que aprendemos com as outras gerações e com as linhas sociais determinantes do poder hegemônico” (ALVES, 2003, p.66). Segundo a referida autora, temos a capacidade de mudar as situações e criar mecanismos que burlem as tentativas de manipulação ou alienação. Será neste sentido que a pesquisa discorrerá, conhecendo as práticas pedagógicas existentes mas, ao mesmo tempo, inferindo as potencialidades comunicacionais das tecnologias, superando o conceito de transmissividade, tão redutor e minimalista ainda prestado às TICs, frente às heranças de uma escola configurada na educação clássica, que tinha à sua disposição outras técnicas e tecnologias que não eram digitais. A partir do exposto, ressaltamos que as experiências e construções realizadas na educação clássica, assim como os artefatos e tecnologias de sua época, de algum modo, proporcionaram sentido, não se constituindo como restos dispensáveis ou rejeitáveis, pois as experiências ali tecidas demarcavam-se em outros espaçotempos (ALVES, 2010).

Ao estudarmos o tempo atual, notamos que os educandos vivem e convivem em um contexto aparentemente dinâmico, interativo e cibernético, pelo menos este tem sido o panorama da sociedade denominada de tecnologia da informação e comunicação (TICs). Diante desta realidade, as preocupações tornam-se mais amplas, visto que, antes de qualquer inovação ou novidade tecnológica existente na sociedade, a escola precisa ser compreendida e respeitada como uma tecnologia fundamental, repleta de sentidos e de práticas que ainda não foram visibilizadas, mas que, aos poucos, corrompem com a concepção hegemônica, representada por conceitos e sentidos dominantes transvestidos nas reformas educacionais e curriculares (SILVA, 2010).

A realização da pesquisa no Curso Normal permitiu observar e registrar a criação de mecanismos e tecnologias de superação, tornando visíveis as histórias, experiências e aprendizagens construídas em rede; redes estas que, no tempo atual, se estendem aos

ambientes *online*, caracterizando a cultura midiática. Neste sentido, apesar dos artefatos culturais encontrarem-se presentes na escola em diferentes momentos históricos-sociais, atualmente, os computadores, *tablets* e celulares conectados à internet provocam outras formas de se comunicar e aprenderensinar, sinalizando potencialidades para as práticas educacionais e formativas. Desta forma, este estudo buscou pesquisar os diferentes modos que os praticantes assumiram estes artefatos na disciplina de IMNT, conhecendo suas possibilidades e desafios para as práticas formativas e desvendando as formas astutas sobre o “uso” das TICs no Curso Normal. Como problematização, buscamos refletir sobre o cenário que compõe a disciplina de IMNT, suas práticas formativas e apropriações tecnológicas assumidas pelos praticantes escolares em uma sociedade demarcada pela cibercultura, mas nem sempre explorada em educação. O objetivo geral da pesquisa se deteve em pesquisar práticas formativas que compõem a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias no Curso Normal de uma unidade escolar localizada em São Gonçalo – RJ. A análise será conduzida através de referenciais teóricos que abordam a relevância das TICs para a educação, do acesso ao documento de apresentação do componente curricular, das entrevistas realizadas com os professores que lecionaram a disciplina, de exemplificações coletadas no contexto pesquisado e das experiências vivenciadas na rede social *Facebook*, construída para atividades concernentes à disciplina.

Dentre os objetivos específicos, consideramos necessário identificar correntes teóricas que abordam a importância do uso das tecnologias digitais e da cibercultura na educação, considerando suas possibilidades e potenciais para o processo ensino-aprendizagem; verificar a opinião dos docentes em relação à disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias; conhecer as apropriações das tecnologias digitais adotadas pelos professores, analisando os usos das TICs como práticas de ensino; discutir a importância da disciplina pesquisada no Curso Normal, verificando as possibilidades e desafios encontrados em sua regência e explorar recursos da cibercultura como ambientes de aprendizagem, entre elas a rede social *Facebook*, identificando suas possibilidades e limites. A partir das rotas de navegação traçadas, o ponto de partida da pesquisa apresentou, em seu primeiro capítulo, a abordagem teórico-metodológica que substanciou todo o percurso deste estudo exploratório. O segundo capítulo, através de uma revisão de literatura, apresentou reflexões sobre a cibercultura, buscando situar seu desenvolvimento e contexto atual, onde transformações nos modos de se relacionar e comunicar configuram a contemporaneidade, num misto de humanos e tecnologias. Aqui, discorreremos sobre a escola no tempo da cibercultura, que

propositadamente, estampa o título da pesquisa, refletindo sobre sua relevância para a educação.

O terceiro capítulo dialogou sobre o Curso Normal, buscando refletir, de forma breve, sobre as políticas que sinalizam sua situação atual, assim como sua relevância para a formação em nível médio. Em seguida, apresentamos os estudos referentes à disciplina de IMNT, campo específico da pesquisa, analisando sua inserção na grade curricular do Curso Normal, verificando seu programa de ensino e sua função, refletindo ainda, sobre a sua importância para o curso de formação de professores.

No quarto capítulo, inspirados em Boaventura de Souza Santos (2002), foram traçadas as compreensões sobre as políticas de ausência sofridas pela disciplina e os movimentos que denominamos de políticas de presença adotados pelos professores, através das práticas formativas assumidas e das apropriações tecnológicas divulgadas pelos docentes.

O quinto capítulo apresentou as apropriações do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), criado através da rede social *Facebook* e das TICs adotadas. Discutimos sobre a proposta da educação dialógica, afinada ao contexto da cibercultura, e dialogamos sobre a mediação pedagógica e tecnológica no que tange ao processo de aprendizagem e às práticas sociais, ressaltando a relevância da interatividade como prática formativa em educação.

Neste momento, discorreremos a pesquisa tomando nosso barco, sentindo a força do vento e da correnteza, mas, ao mesmo tempo, apreciando a liberdade em percorrer destinos e sentir a beleza, o som, a cor e o cheiro do mar, que nos inspirava a continuar a navegação, nos aventurando a descobrir seus (des)caminhos, suas vicissitudes e trajetos incansáveis, que nos levariam ao horizonte tão desejado. Sim, as ondas nos levaram a conhecer diferentes percursos, sem grandes certezas. Talvez, a única delas fosse o ponto de partida da pesquisa, pois a chegada, esta ainda reservaria grandes surpresas. Assim, nos abandonamos e navegamos guiados por este estudo, em busca de um horizonte possível.

1 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Realizar uma pesquisa científica não é um processo simples, pelo contrário, exige planejamento, organização e sistematização de leituras, dados e informações que objetivam alcançar possíveis respostas à problemática levantada. Entendida como um procedimento legítimo, a pesquisa torna-se viva quando articula teoria e prática, conectando-se à realidade investigada. Nesta perspectiva, o pesquisador Carvalho (2014, p.148) acrescenta que “os objetos de pesquisa possuem movimento e historicidade, especialmente no campo das ciências sociais”, o que reforça ainda mais a compreensão de que a pesquisa não ocorre de forma isolada, mas, através de um extenso processo de reflexão que envolve considerar, impreterivelmente, o contexto do objeto pesquisado e as relações ali estabelecidas.

Ao realizar considerações sobre a pesquisa, Gil (2002) afirma que a ciência objetiva tanto o conhecimento em si mesmo quanto as contribuições práticas oriundas desse conhecimento. Deste modo, uma pesquisa pode ser “aplicada” quando se refere aos problemas práticos, podendo levar à descoberta de princípios científicos ou por fornecer conhecimentos suscetíveis de aplicação prática imediata. À luz das contribuições metodológicas do referido autor, a presente pesquisa definiu-se como exploratória, preocupando-se em realizar um estudo sobre uma disciplina específica do Curso Normal, denominada Integração das Mídias e Novas Tecnologias (IMNT), considerando o contexto da cibercultura, tendo em vista a escassez de estudos sobre esta temática no curso de formação de professores em nível médio.

Ao refletirem sobre metodologia, Silveira e Córdova (2009) afirmam que a pesquisa exploratória torna o problema mais explícito, possibilitando a construção de hipóteses. Nesta perspectiva, com a finalidade de coletar dados que substanciassem a pesquisa, o presente estudo preocupou-se em: a) realizar um levantamento bibliográfico, através da consulta a livros, artigos, revistas, materiais webgráficos, entre outros, que consolidaram a fundamentação teórico-metodológica deste estudo; b) entrevistar professores que lecionam ou já tenham lecionado a disciplina pesquisada, impreterivelmente por possuírem experiências práticas com o problema pesquisado; c) analisar experiências formativas desenvolvidas no ambiente da cibercultura, através da rede social *Facebook*, criado pela pesquisadora no ano de 2015, período este em que foi iniciada a pesquisa, encontrando-se sua autora como uma das professoras do campo estudado. Ao referir-se sobre as pesquisas voltadas para as Ciências Sociais, Minayo (2002) ressalta que existe uma identidade entre sujeito e objeto, explicitando

que a pesquisa possui um substrato comum de identidade com o investigador, o que os torna interligados e comprometidos.

1.1 Sobre a realização das entrevistas

Com a finalidade de obter maiores informações sobre o campo investigado, a pesquisa optou pela realização de entrevistas que, de acordo com Gil (2002), é uma técnica de investigação que permite a obtenção de dados através do ponto de vista dos pesquisados. Desta forma, efetuar as entrevistas foi um procedimento metodológico pensado desde o início da pesquisa, entendendo ser este um instrumento que permitiria não só ouvir, mas analisar as vozes dos professores que viveram a disciplina de IMNT no cotidiano escolar, permitindo uma compreensão maior sobre o universo estudado. Neste sentido, as entrevistas foram realizadas com professores que lecionaram a disciplina de IMNT no período de 2013 a 2015, totalizando três entrevistados (dois homens e uma mulher), ambos docentes do Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN), campo este onde ocorreu a pesquisa. Convém informar que os entrevistados tinham, no mínimo, cinco anos de experiência no Curso Normal, encontrando-se outros em uma variável de dez a quinze anos de experiência. A mostra reuniu docentes com uma média de idade de trinta a quarenta e cinco anos. Os entrevistados tiveram suas identidades preservadas, identificados no decorrer da pesquisa com a seguinte nomenclatura: #Professor A, #Professora B e #Professor C. As entrevistas foram transcritas, sendo respeitadas, de forma íntegra, a fala de todos os participantes, sem cortes ou edições, estando estas disponíveis no anexo deste trabalho. Acrescentamos, ainda, que foi dialogada com os entrevistados a utilização dos dados coletados com exclusividade para a pesquisa. No que concerne ao cronograma da pesquisa, todas as entrevistas estavam previstas para o primeiro semestre de 2016, ambas agendadas previamente com os professores na unidade escolar. Em função de um extenso período de greve, seguido de ocupação dos estudantes no campo pesquisado, no período em que ocorreriam todas as entrevistas, duas delas não puderam acontecer nas datas agendadas, tornando-se necessário realizar uma dinâmica diferenciada na realização das mesmas. Deste modo, as entrevistas aconteceram em espaços e tempos distintos, através da utilização de recursos tecnológicos disponíveis na atualidade, o que não significou prejuízos na organização do trabalho, pelo contrário, apenas acrescentaram-se formas outras de se comunicar com os participantes da pesquisa. Neste sentido, uma

entrevista ocorreu presencialmente e duas delas a distância. Com a finalidade de registrar a entrevista presencial, foi utilizado um aplicativo de gravação de voz instalado no celular da pesquisadora, o que possibilitou a coleta e o registro de dados.

Em relação às entrevistas reagendadas e realizadas a distância, foi utilizado o aplicativo *WhatsApp*, algo que consideramos positivo, especialmente em um estudo sobre as mídias e novas tecnologias digitais, que envolvem o contexto das redes sociais. Desta forma, utilizamos o recurso de áudio do aplicativo, no qual a pesquisadora realizava uma pergunta por vez e o entrevistado respondia. Evidenciamos as possibilidades de diálogo através das tecnologias digitais, pois, conforme Santaella (2003), as mídias são apenas meios, suportes materiais nos quais as linguagens transitam e são corporificadas. O que ressaltamos e reafirmamos na pesquisa é a potência comunicacional proporcionada através da mídia. De acordo com a autora, veículos são apenas canais, “tecnologias que estariam esvaziadas de sentido se não fossem as mensagens que nela se configuram” (SANTAELLA, 2003, p. 25). Foi em busca das vozes e linguagens enunciadas pelos entrevistados que o trabalho discorreu, tornando o aplicativo de conversação um importante meio para a captação e coleta de dados para a pesquisa. Convém ressaltar que uma estratégia não anula a outra, tornando-se ambas as entrevistas fundamentais, tanto a ocorrida presencialmente quanto as que ocorreram a distância, o que apenas confirma este universo híbrido, que abrange o humano e o tecnológico rompendo, assim, com as barreiras do tempo e do espaço.

Em relação à realização das entrevistas, Brandão (2002) acrescenta que estas precisam firmar-se em categorias que, ao serem bem definidas, certificam a consistência de dados, potencializando a densidade da análise e a interpretação dos mesmos. Deste modo, as entrevistas ocorreram seguindo um roteiro previamente elaborado, contendo treze perguntas, que obedeceram as seguintes categorias: a) opinião dos professores sobre a disciplina de IMNT no Curso Normal; b) os desafios e possibilidades encontrados na regência da disciplina; c) a formação dos professores concernente à especificidade da disciplina; d) os recursos tecnológicos utilizados; e) as estratégias e usos dos recursos tecnológicos como prática formativa; f) o uso das redes sociais na disciplina; g) a opinião dos professores sobre a permanência ou não da disciplina no Curso Normal; h) o uso da sala de informática; i) o uso do celular nas práticas formativas; j) a disciplina no primeiro ano de formação; k) as tecnologias como temática no Curso Normal; l) as dificuldades e desafios na regência da disciplina e m) a possibilidade de lecionar novamente a disciplina.

No decorrer da pesquisa, consideramos as contribuições de Nóvoa (2008), quando compreende que os educadores se formam na continuidade, através das práticas vivenciadas

no ambiente escolar. Portanto, conhecer as experiências relatadas significa abastecer-se de histórias outras que, ao serem compartilhadas, podem dar novos sentidos aos praticantes escolares, promovendo possíveis pistas para o trabalho. Nesta perspectiva, reforçamos a relevância de ouvir os professores, verdadeiros praticantes do campo pesquisado, e que no cotidiano escolar, estavam diretamente em contato com a disciplina pesquisada, através de sua regência.

ROTEIRO DA ENTREVISTA APLICADA

Primeiramente, era feito um agradecimento ao (a) entrevistado (a) por sua disponibilidade em participar da entrevista; em seguida, era explicitada, de forma resumida, a proposta da pesquisa com o cuidado de não influenciar em suas respostas. Por fim, iniciavam-se as perguntas. Convém esclarecer que, durante a realização da entrevista, caso o (a) entrevistado (a) não aprofundasse alguma questão ou demonstrasse objetividade na resposta, a entrevistadora solicitava que esclarecesse mais e, quando necessário, apresentasse exemplos sobre a temática discutida. Do mesmo modo, quando o (a) entrevistado (a) antecipava uma possível resposta de outra questão, a mesma permanecia no roteiro e era realizada com o objetivo de coletar mais dados sobre as afirmativas dos participantes.

A) OPINIÃO SOBRE A DISCIPLINA

1) Dê sua opinião sobre a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias no Curso Normal.

B) DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA REGÊNCIA DA DISCIPLINA

2. Para você, existem mais possibilidades ou desafios na regência da disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias?

C) A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

3. Você possui alguma formação específica para lecionar esta disciplina?

D) OS RECURSOS TECNOLÓGICOS UTILIZADOS

4. Você utilizou recursos tecnológicos como prática formativa para trabalhar com esta disciplina no curso Normal (*Facebook, AVA, Youtube, Blogs, WhatsApp*)? Como foi?

E) USOS DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS COMO PRÁTICA FORMATIVA

5. Ainda na perspectiva do uso das tecnologias em suas aulas, o que lhe rendeu destes recursos como prática formativa?

F) O USO DAS REDES SOCIAIS NA DISCIPLINA

6. Você acha que as redes sociais podem ser usadas para a aprendizagem desta disciplina?

Explique:

G) SOBRE A PERMANÊNCIA OU NÃO DA DISCIPLINA NO CURSO NORMAL

7. Você é contra ou a favor da permanência desta disciplina no curso Normal? Por quê?

H) O USO DA SALA DE INFORMÁTICA

8. Você fez uso da sala de informática para realizar atividades desta disciplina no Curso Normal?

I) O USO DO CELULAR NAS PRÁTICAS FORMATIVAS

9. Qual é a sua opinião em relação à presença do celular em sala de aula? Você já realizou práticas formativas com os alunos do Curso Normal através do celular? Por quê?

J) A DISCIPLINA NO PRIMEIRO ANO DE FORMAÇÃO

10. Você acha que esta disciplina deve permanecer no 1º Ano do Curso Normal ou trocaria para outro ano?

K) AS TECNOLOGIAS COMO TEMÁTICA NO CURSO NORMAL

11. Como professor, você considera que discutir sobre as tecnologias na atualidade faz diferença na formação dos seus alunos do Curso Normal? Por quê?

L) AS DIFICULDADES E DESAFIOS NA REGÊNCIA DA DISCIPLINA

12. Quais foram as suas maiores dificuldades/desafios ao ministrar esta disciplina?

M) A POSSIBILIDADE DE LECIONAR NOVAMENTE A DISCIPLINA.

13. A partir da realidade que você já vivenciou, você escolheria essa disciplina para lecionar novamente?

Ao final da entrevista, a pesquisadora agradecia novamente ao (a) entrevistado (a) pelo tempo e atenção disponibilizados, expressando que sua participação foi de extrema importância para a pesquisa. Foi informado a este (a) que, assim que a pesquisa fosse concluída, inclusive apresentada na defesa do Mestrado, este (a) seria informado.

1.1.1 Sobre as categorias de análise das entrevistas

O quadro abaixo apresenta as principais categorias utilizadas, os objetivos da análise e a questão correspondente aos mesmos.

CATEGORIAS	OBJETIVOS/FOCO DA ANÁLISE	QUESTÕES
A Disciplina de IMNT no Curso Normal.	Analisar a opinião dos professores sobre a Disciplina de IMNT no Curso Normal. Verificar o que pensam os professores regentes sobre a disciplina no 1º Ano de formação.	1; 10
Regência da Disciplina	Verificar se o (a)s entrevistado (a)s quantificam mais possibilidades ou desafios na regência da disciplina de IMNT, identificando-os, e analisar suas consequências para a realização das aulas. Analisar a opinião dos professores sobre a possibilidade de lecionar novamente a disciplina de IMNT. Identificar as dificuldades e desafios encontrados na regência da disciplina.	2; 12; 13
Formação dos Professores	Verificar se os professores possuem formação específica para a regência da disciplina.	3
Recursos Tecnológicos utilizados	Identificar os recursos tecnológicos utilizados pelos professores e conhecer a aplicabilidade adotada.	4
Estratégias e Recursos Eficientes nas Práticas Formativas	Analisar as estratégias e usos eficientes das TIC como práticas formativas e verificar os resultados obtidos.	5

O uso das Redes Sociais na Disciplina	Conhecer a opinião dos professores sobre o uso das redes sociais como recursos de aprendizagem da disciplina e verificar se o (a)s entrevistado (a)s já utilizaram as redes sociais com intencionalidade pedagógica.	6
A Permanência da Disciplina no Curso Normal	Conhecer a opinião dos professores sobre a permanência ou não da disciplina na grade curricular e analisar sua relevância para o Curso Normal.	7
Uso da Sala de Informática	Verificar se os professores utilizaram a sala de informática na regência da disciplina de IMNT.	8
Uso do celular como prática formativa	Conhecer a opinião dos professores sobre o uso do celular em sala de aula e verificar sua aplicabilidade como prática formativa.	9
As Tecnologias como temática no Curso Normal	Verificar se o (a)s entrevistado (a)s consideram que discutir sobre as tecnologias na atualidade faz diferença ou não na formação de professores.	11

1.1.1.1 O *Facebook* como Ambiente de Produção e Sistematização de Dados

Dedicar-se à pesquisa qualitativa no campo de trabalho remeteu ao estudo de temáticas que envolviam as mídias no contexto escolar, a observação atenta sobre os desafios encontrados na escola pública, assim como a análise das práticas formativas perpassadas por tecnologias digitais. Embasado nas leituras de SILVA (2014), o presente estudo buscou explorar a Educação Bidirecional, proposta pelo autor, que compreende as tecnologias interativas com potencial pedagógico, suscitando outras formas de recepção da mensagem, permitindo a bidirecionalidade, a participação, a intervenção e inúmeras conexões entre os sujeitos. As leituras do autor sugerem o rompimento com a ideia reducionista de emissão e recepção de saberes, pois tanto professores quanto alunos, através do cenário cibercultural, têm a possibilidade de tornarem-se protagonistas do processo educacional, assumindo a posição de autores e coautores, evitando, assim, práticas de ensino tradicionais, que veem apenas o professor como transmissor do saber. O referido autor afirma que “as novas tecnologias interativas renovam a relação do usuário com a imagem, com o texto, com o

conhecimento” (SILVA, 2014, p.14). Desta forma, o estudo aqui proposto refletiu sobre as novas formas de produção de saberes e os diferentes espaços visuais e temporais que podem ser mediados pelos professores através de uma nova perspectiva de aprendizagem, que envolve o contexto das mídias e novas TICs, entre estas, o *Facebook*, que foi um dos ambientes explorados na pesquisa. De acordo com Gil (2002), o planejamento da pesquisa exploratória é bastante flexível e permite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado, possibilitando, ainda, a análise de exemplos que estimulem a sua compreensão. Neste sentido, a pesquisadora criou três grupos de estudo concernentes à disciplina de IMNT no ambiente virtual, através da rede social *Facebook*, comprometendo-se em realizar um estudo ético que desencadeasse, em seu percurso, experiências formativas no ambiente da cibercultura. Através desta metodologia aplicada, objetivou-se coletar e analisar dados que favorecessem um entendimento sobre o objeto pesquisado, estreitando, assim, uma relação entre teoria e prática. A proposta deste ambiente, ao qual denominamos de Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), destinou-se a explorar alguns espaços da cibercultura, entendendo serem estes potenciais para as práticas formativas, especialmente em uma disciplina que imprime o título de Integração das Mídias e Novas Tecnologias. Convém ressaltar que o *Facebook*, além de ser um recurso gratuito, já era uma rede social utilizada pela maioria dos normalistas implicados na pesquisa, tornando-se um elemento facilitador para a organização dos grupos e sistematização da proposta pedagógica, atrelado à pesquisa no ambiente *online*. Sublinhamos ainda que, através das ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo, estratégias de trabalho na perspectiva da educação *online* poderiam ser analisadas na prática, entre elas, postagens de vídeos, imagens, enquetes, discussões através de comentários, trocas de mensagens síncronas e assíncronas, entre outras possibilidades alinhavadas neste estudo.

Consideramos importante explicitar que a pesquisa se deu em uma escola pública que atua apenas com a modalidade de ensino presencial. Deste modo, não possuía nenhum AVA específico. A proposta em explorar o *Facebook* com intencionalidade pedagógica refletia na busca e análise dos potenciais que ali poderiam ser verificados, frente ao contexto da cibercultura, que caracteriza a sociedade atual e que se apresenta fundamentada teoricamente neste trabalho. Sobre o exposto, Minayo (2002) denomina a teoria como um conhecimento que nos servimos no decurso da investigação como um sistema organizado de proposições, que orientam a obtenção de dados e sua análise. Ao fazer uso de um conjunto de proposições logicamente relacionadas, a teoria busca uma sistematização do pensamento que se articula com o real e o concreto. Nesta perspectiva, o *Facebook* foi um instrumento de observação,

produção, experimentação e sistematização de dados, devido à configuração de sua plataforma, que permitia a realização de práticas formativas no ambiente virtual em um contexto interativo, dinâmico e colaborativo, o que indicava a possibilidade de um estudo que articulasse o embasamento teórico metodológico proposto pela pesquisa que, denominando-se exploratória, responsabilizou-se em apresentar exemplos reais, verificando-os na prática e analisando possíveis proposições.

Partindo das exemplificações ocorridas no *Facebook*, também foram consideradas neste estudo reflexões sobre a participação dos alunos e apresentação de alguns de seus depoimentos realizados no AVA sobre a experiência de cursar a disciplina, explorando o *Facebook* como ambiente de aprendizagem. Aqui, não aprofundamos um estudo sobre o alunado, mas compreendemos que as práticas formativas contemplam também os discentes, tornando-se estes fundamentais no processo ensino-aprendizagem, afinal, na perspectiva de uma educação dialógica, tanto professores quanto alunos são entendidos como sujeitos aprendentes e ensinantes, verdadeiros colaboradores e coautores das práticas formativas e experiências educacionais. O não aprofundamento do estudo sobre o alunado justifica-se pela necessidade de recorte da pesquisa e pela ausência de tempo hábil para a mesma, entendendo ser esta temática ampla e merecedora de um novo trabalho, algo que posteriormente a pesquisadora demonstra interesse em realizar frente alguns dados já coletados, mas ainda não divulgados ou analisados nesta pesquisa.

Muitos seriam os fios aos quais gostaríamos de tecer na realização deste estudo, porém, não damos conta de tudo e, talvez, este seja o ponto mais interessante, tanto para as pesquisas quanto para os pesquisadores que vivem em busca de respostas diante das problemáticas que os atravessam. Buscas moventes contribuem para aprendizagens ímpares que dinamizam a vida dos sujeitos, tornando-os mais sábios e astutos. Lembramo-nos de Freire (1996), quando afirma que a curiosidade é o que nos inquieta e nos insere na busca, pois, sem ela, não aprendemos nem ensinamos. Desta forma, nos fios que aqui conseguimos tecer, alinhamos nossas leituras, refletindo sobre as práticas formativas propostas pelo autor supracitado que, exploradas no contexto da cibercultura, muito teriam a contribuir, especialmente à luz de uma educação dialógica por ele defendida. Nesta tessitura, seguimos investigando as práticas formativas que se davam na disciplina de IMNT, desvendando as tensões ali vividas, as conexões realizadas, os desafios enfrentados e as possibilidades permeadas pelas TICs que ali foram exploradas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A sociedade da cibercultura: pontos e contrapontos

O presente capítulo tem como proposta discutir as transformações da sociedade frente ao crescimento significativo das tecnologias que geraram outros modos de pensamento, comunicação e comportamento da humanidade. Consideramos importante realizar uma reflexão sobre a cibercultura, entendendo ser esta a cultura da atualidade que atinge a todos os setores sociais, inclusive a educação. Para efeitos de entendimento, esclarecemos que cibercultura define-se como a cultura fundamentada na internet, nos artefatos eletrônicos e nas TICs.

Ao realizarmos um panorama sobre as TICs, percebemos avanços notáveis em seu processo de desenvolvimento; constata-se uma sociedade demarcada pelo crescimento da internet, do acesso à informação através de meios digitais, das transformações nos modos de comunicação e reinvenção nas formas de convivência. De acordo com Lemos (2005), a informatização da sociedade foi iniciada na década de 1970, convergindo na tecnologia *personal computer* (PC), tornando-se as décadas posteriores (1980 e 1990) um período de difusão da internet, através de uma popularização ascendente. As transformações tecnológicas ganharam uma ampla dimensão, propondo outros modos de conexão com o ciberespaço através do “computador coletivo” (CC) (LEMOS, 2005, p.2).

Representada pela difusão da *Web 2.0*, a internet apresentou outras possibilidades de usos dos computadores, propiciando novas experiências com o ambiente virtual, permitindo ao usuário o acesso às páginas e sites com configurações convidativas, que despertavam a possibilidade das pessoas interagirem em diferentes espaços, percorrerem *links*, acessarem vídeos, imagens, sons, participarem de salas de bate-papo, estudarem/trabalharem *online* e criarem suas páginas pessoais e profissionais.

Com a evolução dos ambientes virtuais, a possibilidade de comunicação e interação dos sujeitos foi ampliada, configurando uma sociedade cada vez mais conectada através de *blogs*, redes sociais, canais no *Youtube*, *Wikipédia* e provocando movimentos de coautoria, colaboração e interatividade entre os sujeitos. A *Wikipédia*, uma enciclopédia livre, permite aos usuários a possibilidade de desenvolver suas escritas, editando e reeditando conteúdos, participando e cooperando com seus conhecimentos, através de um movimento de autonomia

e autoria. Sua essência baseia-se na utilização da internet numa perspectiva de colaboração e interatividade.

De forma consistente, as tecnologias digitais passaram a compor o cenário atual, tornando-se a internet um espaço de virtualidades e “presencialidades”, afinal, a ubiquidade das TICs transmite, cada vez mais, a ideia do virtual como presença e não como distância. De acordo com Santaella (2014), o ser humano não vive sem narrativas e estas tornam-se potentes através das possibilidades de transmissão mediadas pelas TICs, num processo de interatividade e cocriação. Percebemos, então, a cultura das mídias como uma cultura do disponível, tornando-se a cibercultura a cultura que representa uma convergência do acesso à cultura de massa e à cultura das mídias, provocando, assim, um crescimento exorbitante das formas de informar, comunicar, ler e produzir dados por meio de uma “ciberrealidade”. Através da ideia de ubiquidade, o acesso ao ciberespaço não se limita mais ao computador estático, corrompendo, assim, com as barreiras do espaço, pois numerosos tornam-se os lugares em que a conexão é possibilitada através dos aparelhos móveis e celulares.

Inúmeras tornam-se as discussões frente à predominância da cibercultura na atualidade. De acordo com Primo (2013), os discursos sobre a democratização de acesso às formas de produção e distribuição midiática, normalmente presentes nas pesquisas sobre cibercultura, apresentam-se cada vez mais sedutores; porém, há a necessidade de se pensar criticamente sobre as vertentes ideológicas que permeiam o ciberespaço. Desta forma, o autor reconhece a relevância da política de expressão ocorrida através das interfaces digitais gratuitas, como os movimentos ciberativistas e as manifestações sociais que representam a força popular e seus atos de resistência através das mídias digitais. Por outro lado, o pesquisador sinaliza uma vulgarização da cibercultura, através das práticas do mercado que incitam ao consumo de diversos produtos, quando afirma que:

Não apenas os movimentos sociais souberam utilizar as novas mídias para fins comunitários, comunicacionais e de resistência, como também o próprio mercado percebeu que poderia incorporar a colaboração on-line em suas estratégias informacionais, promocionais de venda (PRIMO, 2013, p.17).

De acordo com o autor, a colaboração em redes sociais na internet torna-se útil tanto para os interesses dos movimentos políticos/ativistas quanto para as campanhas de *marketing*, tão sedutoras e convidativas. Neste sentido, a cibercultura provoca várias ambiências e formas de usabilidade, tanto os protestos sinalizados através das redes sociais, como o próprio *Twitter*, “quanto sofisticadas estratégias de *marketing* viral, que baseiam-se na circulação

cooperada de informações.” (PRIMO, 2013, p. 18) Entendemos que a cibercultura apresenta inúmeras possibilidades comunicacionais, enquanto espaço aberto para consumos e resistências. Vendar os olhos para estes aspectos significa manter-se alheio aos seus potenciais e armadilhas sedutoras, pois estas existem em todos os espaços. Através de uma perspectiva mais otimista, o desenvolvimento das TICs produziu novos sentidos para a humanidade, maximizando as possibilidades de viver, conviver e se relacionar num híbrido do humano com os artefatos técnicos. Diferentemente de um conceito de distanciamento, as TICs teriam propositado outras ambiências e potências comunicacionais, permitindo uma aproximação com o conhecimento, com as diversas culturas e com novos modos de pensar e agir, traduzindo-se como “tecnologias intelectuais ou tecnologias da inteligência” (LÉVY, 2010, p.183).

Notadamente, a evolução das TICs trouxe consequências significativas para a vida da humanidade, afetando não só o campo profissional, como também, o pessoal dos sujeitos, incitando um pensar crítico a esse respeito. Do mesmo modo que Freire (1996) em seu tempo não divinizava nem diabolizava as tecnologias, consideramos fundamental refletir sobre a realidade da cibercultura, sem invisibilizar seu lado “perverso”, mas dando visibilidade à sua face “benéfica”, representativa de muitos ganhos para a vida social. Talvez este seja o lócus que gostaríamos de deixar em evidência, pois, através da cibercultura, mesmo sendo ela um projeto da globalização acompanhado por uma lógica de mercado, também se configura como campo de luta e de re(ação) daqueles que nela transitam. Para Lemos (2014 p. 2), a rede define-se como mediação onde associações são constituídas, na qual o social só existe através dela, visto que “não há social sem formação de redes e todo objeto (humano e não humano) é um ator-rede” num misto de individualidade e pluralidade. Neste sentido, a potência das redes *online*, estabelecidas através dos dispositivos eletrônicos e dos computadores coletivos móveis (CCM), traduzem-se como novas formas de convivência e transformação social. O cenário da cibercultura está posto, pensemos sobre ele:

Olha, é só olhar a vida que se faz ao nosso redor e veremos como os objetos digitais e em rede (o que podemos chamar de “ciber”) estão em constante hibridização com os humanos e outros não humanos. Isso é a cultura contemporânea, ou cibercultura, se usarmos esse péssimo termo apenas para delimitar um “domínio”. É útil, mas não ajuda muito na ontologia do social. Em todas as áreas, estes objetos-rede e estes “quase-sujeitos” (em rede) se relacionam de forma a alterar estabilizações anteriores. A internet, os telefones celulares, os *tablets* e os computadores entram em associações como hábitos, práticas, normas; por isso, há enormes mudanças na atual cultura (LEMOS, 2014, p.2).

De acordo com o autor, as redes ampliadas ao ambiente virtual reforçam o uso do espaço urbano, criando novos sentidos de lugar, favorecendo uma conexão contínua que permite interações, experiências e comunicações cada vez mais intensas. Nesta direção, talvez o maior desafio enfrentado pelos sujeitos no contexto da cibercultura, caracterizada por uma relação híbrida envolvendo humanos e TICs ou humanos e “não humanos”, refira-se à dificuldade de isolamento, pois a todo tempo estão conectados, expandindo suas relações, comunicações e convivências, tornando a solidão praticamente inexistente. Indubitavelmente, a sociedade transformou-se de um contexto cultural, permeado por tecnologias mais estáticas e transmissivas, para vigorar uma era de TICs móveis e comunicativas, onde a interação entre os sujeitos estendeu-se aos ambientes virtuais, estabelecendo formas outras de comunicação humana. Hoje, vivemos outra concepção de tempo e espaço, permitindo que estejamos em determinado lugar fisicamente, mas nos comunicando e interagindo com outras pessoas em lugares distintos.

Viver a cibercultura demonstra novos modos de vida, enquanto “armadilha” da própria indústria, visto que esta precisou reinventar-se frente ao paradigma da conexão. Notam-se modificações nas estruturas comunicacionais dos programas televisivos, que saem de uma perspectiva de transmissividade e passam a buscar interatividade com o telespectador. Inicia-se um novo tempo, onde a comunicação do público com os telejornais e programas de entretenimento começam a ficar em evidência, através da prática de envio de imagens e vídeos que retratam suas realidades locais, registradas pelos aparelhos celulares e apresentadas instantaneamente na TV. Observa-se as páginas virtuais dos programas televisivos ocupando espaços de destaque para a produção de *marketing* efetivo, em busca de seguidores, curtidas, *likes*, comentários e *emotions*, pois o público encontra-se mais em rede do que propriamente de frente para a televisão; na verdade, a TV está na net. Ainda nesta perspectiva, a televisão tem se transformado, pois hoje uma TV *Smart* oferece acesso *WI-FI* ao *Facebook*, ao *YouTube* e aos canais de filmes *online* (LEMOS, 2014, p.20), assim como temos acesso aos jogos de videogame disponíveis no ambiente virtual (AV) e os serviços de *streaming*⁵ dispostos na tela, bastando ao usuário apenas escolher o ícone e navegar.

Os modos de divulgação e propaganda das empresas ajustaram-se ao AV que, de forma cada vez mais conectada, tendem a invadir as telas dos celulares, *nets* e *tablets* sem ao menos pedir permissão. Abre-se uma página *online* e as chamadas surgem através de *pop-*

⁵ Refere-se à uma tecnologia que transmite informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando a internet com o propósito de possibilitar conexões mais rápidas, como exemplo, temos o site *YouTube* e diferentes canais como a *Netflix*.

pups, *links* que seduzem e estimulam ao consumo; vive-se o fetiche da globalização, a sensação de liberdade para o consumo livre e para o empreendedorismo individual na rede. Como reflete Pereira, “a velocidade com que as tecnologias se apresentam parece exceder a capacidade de compreensões mais amplas acerca de seus efeitos sobre o indivíduo e a sociedade” (PEREIRA, 2015, p.1). Contudo, outras ideologias também ocupam a cibercultura, através de coletivos que expressam movimentos de resistência contra uma hegemonia instaurada, seja por meio de grupos que defendem os direitos à cidadania, à mídia livre, o jornalismo independente, à sustentabilidade, ecologia, economia solidária e movimentos participativos e ativistas/ciberativistas.

A cibercultura está posta e, com ela, observamos um cenário de tecnologias digitais disponibilizadas a usabilidades diversas; uma ubiquidade rege o controle e a vigilância através de câmeras espalhadas em todos os espaços, e *check-ins* são realizados pelos próprios usuários das redes; vive-se uma sedução cibercultural e o desvio dos “rebeldes”, que conseguem apropriar-se astutamente dos aparatos dispostos ao consumo, transformando-os em “meios” de resistência, polifonia e luta.

A partir do exposto, intencionamos apenas sinalizar, de forma breve, o panorama da cibercultura, entendendo ser este o ambiente ao qual a escola está inserida, necessitando realizar seu papel formativo, que não deve limitar-se ao consumo irreflexivo das TICs, mas, impreterivelmente, orientar e vivificar ambiências de aprendizagem colaborativa, dinâmica e contextualizada com a realidade do educando que vive a era digital. Ressaltamos, ainda, a necessidade de reflexão crítica sobre a escola no tempo da cibercultura.

2.2 A escola no tempo da cibercultura

Iniciamos aqui refletindo sobre a escola que, através de uma função formadora, também é cercada por conflitos cotidianos. Uma escola que, segundo Sibilia (2012), assemelha-se a um dispositivo destinado a produzir algo, traduzindo-se como uma tecnologia de época. Neste sentido, a escola teria sido inventada para atender as necessidades e projetos da sociedade, sustentando assim seus interesses. A autora acrescenta a ideia de escola como maquinaria, subentendendo que a educação proposta aos sujeitos que ali se encontram destina-se a configurar um modelo de sociedade. Não há como negar que a escola também existe para corresponder aos interesses políticos e econômicos de um sistema capitalista que,

no decorrer da história, vem revelando sua intenção de poder e autoritarismo sobre a população. Afinal, enquanto instituição formadora, será necessária a produção de “cidadãos” preparados para atender as demandas do universo globalizado. Para Martins⁶ (2017), há uma escola de massas nascida na revolução industrial, porém, ainda presente no século XXI; “mudaram os estudantes, mudou a sociedade e mudou o mercado de trabalho”, mas, e a escola?

Certamente, a escola ainda apresenta princípios enraizados no século XIX, caracterizado pelas práticas de ensino conservadoras, pela insistência na disciplina dos corpos, na organização de cadeiras enfileiradas, na centralidade do professor e na preocupação em transmitir conhecimento. Contudo, também visualizamos mudanças, pois, apesar da escola possuir algumas configurações de dois séculos atrás, o cenário atual impôs outros desafios, provocando a necessidade de transformação. Vivemos a onipresença das tecnologias da informação e comunicação e esta onipresença tem modificado as práticas sociais, inclusive as escolares. Desta forma, o trabalho com as TICs nos colégios também tem evidenciado outros movimentos e ações, transgredindo assim com a educação tradicional.

Chegamos ao tempo de transformações tecnológicas, em que notamos modificações na economia, nos modos de ver a sociedade e de (con)viver nela. A cultura é outra e, por sua vez, as formas de comunicação também são outras. Temos a nossa disposição uma infinidade de TICs que possibilitam formas outras de nos relacionar e interagir com a humanidade. Estamos no tempo da cibercultura, ou seja, “a cultura contemporânea mediada por tecnologias digitais em rede no ciberespaço e nas cidades” (SANTOS, 2014, p.13). Entendida como cultura, a cibercultura está na escola, configurada através de um cenário repleto de aparelhos móveis conectados à internet. Os alunos estão na rede e em rede, conexos. Neste sentido, entendemos que “as redes manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços” (COGO; BRIGNO, 2010, p.6). Algo neste espaço chama a atenção dos estudantes, olhos compenetrados na tela, dedos inquietos, conversas atrativas, sons, imagens, *sélfies*, conexões, *links*, textos e hipertextos; realmente, esta cultura é ciber. E a escola, ela também é ciber? Suas práticas formativas são ciber?

No contexto da cibercultura, há de se pensar em uma escola que também seja ciber, que forme os que ali se encontram para a transformação, para o crescimento e o avanço da sociedade de forma globalizante, ou seja, para todos. Para Medeiros (2007), qualquer nação que pretenda uma posição menos subalterna na complexa estrutura mundial, precisa enfrentar

⁶ <https://www.publico.pt/temas/jornal/quando-a-escola-deixar-de-ser-uma-fabrica-de-alunos-27008265>. Acesso em 11 fev. 2017.

corajosamente as questões do acesso à informação. Desta forma, a educação da população traduz-se como um importante fator de mudança. Entendemos que educar os cidadãos em um universo dominado pelo crescimento da internet e de inúmeras mídias exige um processo de conscientização sobre as tecnologias que cada um de nós pode desenvolver através destes aparatos. De acordo com Leite (2008), a tecnologia também pode ser compreendida como construção sóciotécnica, ou seja, caracterizada pelos usos e apropriações que cada um faz dos artefatos postos para consumo.

Ressaltamos o papel fundamental da escola frente ao panorama da cibercultura, inclusive, diante de sua função formadora, que não deve limitar-se apenas em atender as demandas do mercado ou à simples adesão dos produtos disponíveis para uso. Com isto, queremos dizer que a escola necessita vivificar a cibercultura em suas práticas formativas através de uma usabilidade consciente, promovendo o hábito da leitura, da produção de conhecimentos, da interpretação das informações, da aprendizagem colaborativa e da criticidade. Sublinhamos a necessidade de a escola incentivar o educando a saber ler (n)a cibercultura, especialmente por concordarmos que “textos escritos só existem quando lidos e atualizados por um leitor. Sem essa leitura são, literalmente, letra morta” (GONÇALVES, 2010, p.2). Os usos e apropriações que cada um faz da leitura é a grande potência, a alma da formação que não apenas informa, mas produz sentidos.

Diferentemente de um livro impresso, ao qual a leitura torna-se linear, tornando possível ao leitor quantificar suas páginas e percorrer suas imagens estáticas, a cibercultura provoca uma nova forma de leitura, não linear e em constante movimento. Desta forma, Santaella (2013) sinaliza três tipos de leitores, sendo o primeiro denominado de leitor contemplativo, o segundo movente e o terceiro imersivo. Segundo a autora, o leitor contemplativo seria aquele da era do livro impresso com imagens fixas, historicamente marcado pela era pré-industrial; já o leitor movente, caracteriza-se como aquele surgido a partir da revolução industrial, do contato com a urbanização, com a metrópole, com os letreiros, com o jornal, a fotografia e a televisão. Enquanto o terceiro leitor, o imersivo, teria advindo das redes de informação e comunicação, mais precisamente do contexto das redes de computadores, conforme explica a autora:

O terceiro tipo de leitor é aquele que começa a emergir nos novos espaços incorpóreos da virtualidade. Embora haja uma sequencialidade histórica no aparecimento de cada um desses tipos de leitores, isso não significa que um exclui o outro, que o aparecimento de um tipo de leitor leva ao desaparecimento do tipo anterior. Ao contrário, não parece haver nada mais cumulativo do que as conquistas da cultura humana. O que existe, assim, é uma convivência e reciprocidade entre os

três tipos de leitores, embora cada tipo continue, de fato, sendo irreduzível ao outro, exigindo inclusive habilidades perceptivas, sensoriais motoras e cognitivas distintas (SANTAELLA, 2005, p.10-11).

Através da perspectiva de um leitor imersivo, compreendemos a riqueza do ciberespaço para as práticas formativas, pois, através dele, inúmeros são os *links* e *hiperlinks* acessíveis, variadas são as imagens em movimento. O som ecoa permitindo autorias e coautorias em um ambiente dinâmico e interativo entre professores e alunos, numa espécie de coexistência de distintos tipos de leitores que não excluem um a outro, apenas se completam (SANTAELLA, 2013), afinando a arte de aprender coletivamente. Neste sentido, as possibilidades de interação e compartilhamento de leituras são ampliadas, configurando novas formas de pensar, aprender e produzir conhecimento. Apropriar-se da cibercultura no campo educacional envolve abrir-se ao novo, permitindo que diversos espaços sejam explorados com inteligência e perspicácia, pois, de acordo com Santaella (2013), as transformações da cultura digital são aceleradas, surgindo outros modos de (con)viver e de se comunicar, numa evolução surpreendente da *Web 2.0* para a *Web 3.0*, tornando-se a internet um “cérebro digital global”, caracterizada por diferentes plataformas de redes sociais como o *Facebook*, o *Linkedin*, o *Twitter*, o *Instagram*, entre outras ambiências virtuais cada vez mais crescentes, que promovem a polifonia composta por inúmeros usuários, desejosos não só por transmitir suas intenções, afetividades, leituras, valores, compreensões, opiniões, mas também, se comunicar com o mundo e se relacionar socialmente, concebendo diversos modos de colaboração, coautoria e aprendizagem.

Em meio ao universo cultural de transformações aceleradas, Santaella (2013) discute ainda sobre outro tipo de leitor, o ubíquo. Este quarto leitor advém do desenvolvimento das redes sociais e do crescimento exponencial dos aparatos móveis de comunicação, como os celulares que, conectados à internet, produzem acesso instantâneo às redes, acessando os ambientes *online* de qualquer lugar, sem a necessidade dos sujeitos fixarem-se diante de um computador. Realmente, os artefatos culturais estão dispostos pelas cidades, pelas ruas, pelas residências, restaurantes e inúmeros espaços, inclusive nas escolas. A autora acrescenta que, através deste processo, a mobilidade passa a ser dupla, caracterizada pela mobilidade informacional e mobilidade física do usuário, o que permite acessar o *Facebook*, os *blogs*, vídeos, as comunidades virtuais, as páginas de pesquisa, entre tantos outros ambientes, caracterizando-se através de uma acessibilidade em que os movimentos são contínuos, não só na navegação *online*, como também nos espaços urbanos e também rurais (Por que não?) Desta forma acrescentamos que:

O acesso passa a se dar em qualquer momento e em qualquer lugar. Acessar e enviar informações, transitar entre elas, conectar-se com as pessoas, coordenar ações grupais e sociais em tempo real tornou-se corriqueiro. Assim, o ciberespaço digital fundiu-se de modo indissolúvel com o espaço físico. Uma vez que as sobreposições, cruzamentos, intersecções entre eles são inextricáveis, chamo de espaço de hiper mobilidade esse espaço intersticial, espaço híbrido e misturado (SANTAELLA, 2013, p.21).

Consideramos que a escola, no tempo de leitores ubíquos, necessita desenvolver possibilidades educacionais construtivas, fazendo uso astuto do ciberespaço, pois as tecnologias móveis encontram-se nas salas de aula, necessitando serem pensadas, discutidas e, principalmente, integradas às práticas educacionais dos professores. Neste sentido, ressaltamos que:

Como produto e como parte da cultura contemporânea, a internet é pensada a partir de sua lógica de redes, em sua possibilidade de estabelecer conexões e dinamizar as interações sociais entre os sujeitos que a apropriam. Entendemos que é pertinente aos pesquisadores da recepção refletir sobre a internet em suas múltiplas dimensões, partindo da sua concepção como um ambiente comunicacional que permite a produção, circulação e troca de conteúdos e informações, a aproximação entre diferentes formatos e lógicas de mídias, a interação interpessoal e o diálogo, o estabelecimento de vínculos, a construção de projeções das identidades de seus usuários, a configuração de uma memória compartilhada, o estabelecimento de lógicas colaborativas (COGO; BRIGNOL, 2010, p.12).

Consideramos que as práticas formativas constituídas no espaço ciber devem transcender os modos antigos de conceber o conhecimento, através do incentivo à polifonia e à coautoria, em que professores e alunos assumem papéis ativos e colaborativos na atividade didática (KENSKI, 2008). Ressaltamos a necessidade de destacar, ainda, que a internet organiza-se sempre por meio de suas usabilidades, “que certamente não são livres, pois derivam de uma relação que decorre das próprias características da tecnologia, mesmo que muitas vezes possam ser subvertidas” (COGO; BRIGNOL, 2010, p. 12). Esta subversão é o que destacamos como potencialidade, pois, num processo de uso das TICs como tecnologias de controle e vigilância, acrescentamos outras possibilidades educacionais, inclusive àquelas referentes aos usos dos espaços virtuais como ambientes de lutas, de diálogo, de cooperação e construção da cidadania, em busca de uma “ciberdemocracia” possível. Neste horizonte, pensamos em:

Novas formas de moderação da palavra, distribuição de conteúdo livre e em rede, emergência de um “jornalismo cidadão”, disseminação de arquivos em redes cada

vez mais capilares em pares (P2P)⁷, profusão de opiniões sobre e todo e qualquer assunto em wikis, *blogs*, softwares sociais, produção de programas de computador de fonte aberta desafiando aqueles de origem proprietária, uso de tecnologias móveis para “reclamar as ruas” e realizar mobilizações políticas rápidas e descentralizadas...os exemplos são inúmeros (LEMOS; LÉVY, 2010, p.29)

Obviamente, a escola precisa caminhar muito para uma usabilidade ciberdemocrática, ou mesmo ativista, dos ambientes *online*, o que não significa que alguns passos neste sentido não tenham sido dados pelos praticantes que ali se encontram, expressando suas artes de ensinar e de desenvolver o pensamento humano numa perspectiva crítica e libertadora; não se escravizando às armadilhas do mercado, do consumo e da oferta, mas, fundamentalmente, subvertendo estas astúcias com modos mais astutos ainda, traduzidas através de aprendizagens, colaborações, conscientizações, lutas e comunicação cidadã.

Através de uma proposta de educação consciente de seu papel e preocupada com uma essência humana, observamos ainda a necessidade da disciplina de IMNT que compõe a escola atual, e de pensar em propostas educacionais crítico-constructivas, mediadas pela cibercultura. Consideramos a urgência em refletir sobre a gama de possibilidades que lhe são inerentes, especialmente em um curso de formação de professores, cujo público alvo caracteriza-se por nativos digitais. Nesta lógica, há a necessidade de ressignificação da escola como espaço de democratização do conhecimento, de valorização das diferentes culturas e de formação de qualidade, o que envolve pensar sobre as tecnologias, acessá-las, aprender sobre e através delas, desenvolvendo criticidade e autonomia. Consideramos indispensável:

[...] designar as tecnologias intelectuais como um terreno político fundamental, como lugar e questão de conflitos de interpretações divergentes. Pois é ao redor de equipamentos coletivos da percepção, do pensamento e da comunicação que se organiza em grande parte a vida da cidade no cotidiano e que se agenciam as subjetividades dos grupos (LÉVY, 2010, p.189).

Frente às colocações até aqui, refletir sobre a sociedade caracterizada pela presença das TICs tem sido um desafio a ser enfrentado, especialmente no âmbito educacional, cada vez mais atravessado pela presença de inúmeros aparatos tecnológicos dispostos nas mãos dos alunos, como os celulares, *netbooks*, *tablets* e o universo cibercultural. Considerar o contexto das mídias e valorizar o tempo digital em que os estudantes da atualidade estão inseridos seria uma forma de a escola estreitar novas relações de aprendizagens e produção de saberes. Compreender a riqueza da cibercultura e suas potencialidades para a educação implica em

⁷ P2P, ou *peer-to-peer* refere-se a uma rede de computadores onde arquivos são compartilhados pela internet. Não há um servidor geral que os armazene, mas usuários que ao mesmo tempo em que fazem *download*, também os disponibilizam para que outros busquem arquivos em sua máquina.

tomada de decisão, ousadia e experimentação; não há como negligenciar seu papel, que também pode ser formativo, especialmente em uma disciplina voltada para discutir as mídias.

Ao refletir sobre o universo da cibercultura, evidenciamos o avanço das tecnologias, o crescimento das redes sociais e as potencialidades das convivências e aprendizagens que podem ser mediadas pelos professores. Neste caminho, notamos algumas modificações no cotidiano da escola, através das ações dos praticantes escolares que têm demonstrado vontade de aprender com seus alunos sobre as TICs, introduzindo usabilidades perspicazes das mídias digitais em suas práticas pedagógicas, rompendo com o distanciamento da instituição escolar em relação às possibilidades ciberculturais.

Os educandos vivem no contexto digital e a escola, enquanto tecnologia formadora, tem a possibilidade de realizar práticas educacionais concernentes ao cenário atual, perpassado por TICs digitais. Nesta perspectiva, inúmeras transformações ainda são necessárias, mas ações têm sido realizadas nas escolas rompendo com as generalizações que se criam a respeito da resistência dos professores para o uso das tecnologias, por exemplo. Aquilo que é divulgado como totalidade nem sempre é real. Nesta sintonia, Alves (2003) dialoga sobre a tecnologia e a cultura material, sublinhando a necessidade de compreender os acontecimentos culturais, apresentando como indispensável o olhar para cada momento, para os cotidianos e contextos históricos de cada época. Neste sentido, há a necessidade de romper com o pensamento hegemônico que reduz os modos de compreender as práticas educacionais, muitas vezes rotulando-as como tradicionais ou conservadoras, conforme vimos sinalizando neste estudo. Através de uma inspiração “Certeusiana”, a autora ressalta em suas pesquisas uma criticidade necessária, buscando analisar “os modos como são fabricados os conhecimentos, com os acontecimentos culturais neles incluídos” (ALVES, 2003, p.63).

Deste modo, diversas são as práticas e usos que os sujeitos fazem dos produtos colocados para consumo, autenticando assim suas ações e formas de consumir, que são ímpares. Nesta perspectiva, há a necessidade de observar as práticas pedagógicas eficazes que são realizadas no cotidiano escolar, especialmente aquelas que utilizam as tecnologias de forma construtiva e, muitas vezes, não são mostradas. Olhar por este ângulo significa que:

É preciso criar e desenvolver o espaçotempo do saber cotidiano para se entender a introdução das novas tecnologias e dos novos conhecimentos no cotidiano de formação dos profissionais que atuam em múltiplos contextos. É preciso compreender o saber que surge do uso, com suas formas e inventividades próprias (ALVES, 2004, p.219).

Sobre o exposto, compreendemos que na escola também são estabelecidas inúmeras redes, promovem-se diálogos e experiências entre gerações diferentes, sejam elas analógicas ou digitais⁸. Não eliminamos ou desconsideramos a geração analógica que, inclusive, tem presenciado uma transição para o digital, através de uma convergência caracterizada por tempos, espaços e costumes diferentes. Afinal, duas gerações personalizadas por professores e alunos, nascidos em contextos diferentes, também exprimem divergências e conflitos cotidianos, resultantes de uma fronteira que divide duas épocas, mas não impossibilita aprendizagens mútuas, quando muros não são criados entre elas. Com isto, pretendemos afirmar que professores e alunos têm aprendido juntos, pois observamos esta experiência no ambiente da pesquisa. Notamos os praticantes escolares construindo saberes a partir de suas historicidades e realidades, estabelecendo novas histórias e novos modos de se comunicar, num processo de colaboração e cocriação permeado pelas TICs onipresentes na sala de aula.

Compreendemos que a ubiquidade das TICs é uma realidade constatada e os educandos compreendidos como nativos de um novo tempo apresentam outras formas de aprender e de se relacionar. Eles estão na *net* e são “ciber”, significando que na lógica cibercultural não há espaço para a imobilidade dos corpos, do pensamento e da (con)vivência. Nesta perspectiva, apropriar-se das TICs pedagogicamente torna-se um caminho viável para a educação, que, ao valorizar a cultura digital, cria outros movimentos e práticas formativas. Contudo, não nos posicionamos cegamente sobre o que ainda precisa ser transformado, ou seja, não negligenciamos a necessidade de infraestrutura escolar, de formação adequada dos professores, do olhar atento sobre as TICs, superando uma visão apenas instrumental e transmissiva.

Neste sentido, durante as atividades da disciplina de IMNT, pensamos no potencial didático das práticas formativas perpassadas pela cibercultura, através de uma proposta dialógica, em que a comunicação fosse produtora de sentidos, se despidendo definitivamente da Pedagogia da Transmissão, caracterizada pela comunicação clássica, através da prensa de Gutenberg, do jornal, da fotografia, do cinema, do rádio e da televisão surgida entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX (SILVA, 2008). De acordo com o autor, a mídia clássica fixa-se na emissão, reprodução e transmissão da mensagem com o intuito de difundi-la. Em contrapartida, a mídia digital não só difunde a mensagem, mas tem como característica a possibilidade de sua manipulação e transformação, “imagem, som e texto não tem materialidade fixa. Podem ser manipulados, dependendo unicamente da opção crítica do

⁸ A ideia do analógico relaciona-se ao contexto cultural do professor, nascido antes da era midiática. O professor seria um imigrante digital, já o aluno compreende-se como um nativo digital, pois já nasceu nesta cultura.

usuário” (SILVA, 2008, p.91), que, atualmente, além de lidar com *mouses*, teclados ou *joysticks*, também lidam diretamente nas telas, através de uma perspectiva *touch*, transformando as mensagens através dos *tablets*, *notes*, *netes*, celulares e tantos outros aparatos digitais.

Diante do exposto até aqui, percebemos que os desafios estão postos há algum tempo, e, atualmente, com a presença das TICs e da geração *touch screen*⁹, os praticantes escolares têm buscado enfrentar corajosamente os impactos decorrentes da ausência de políticas públicas eficazes, que correspondam satisfatoriamente às suas necessidades reais, seja no âmbito da formação continuada de professores e de alunos, de sua inclusão digital, seja na falta de acesso à internet e na infraestrutura da escola como um todo. No panorama da cibercultura e das condições físicas precárias em que muitas escolas se encontram, professores e alunos têm buscado trabalhar coletivamente, um aprendendo com o outro. De um lado, o professor com sua formação acadêmica e experiência profissional; de outro, o educando com suas leituras e conhecimentos sobre o universo digital. Ambos trabalham mutuamente e buscam uma comunicação que rompa com as fronteiras existentes, afinal, ser ou tornar-se “ciber” significa romper com qualquer linha divisória ou raia que separe os sujeitos, pois sua premissa consiste em (re)unir, concriar, colaborar, compartilhar, comunicar e socializar, inclusive na tentativa de construir uma educação de qualidade que responda criticamente a sociedade atual.

⁹ Tecnologia referente ao toque com o dedo, com a mão ou caneta no visor de dispositivos como: celulares, monitores, *tablets*, caixas eletrônicos, videogames. A geração atual já nasce neste contexto.

3 O CURSO NORMAL: ENTRE FIOS E DESAFIOS

Apesar do estudo proposto não intencionar aprofundar-se sobre o Curso Normal, entendendo não ser este o foco da pesquisa, consideramos pertinente refletir, mesmo que de forma breve sobre esta modalidade de ensino, devido a sua relevância para a formação dos professores de Nível Médio, que saem habilitados para atuarem na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, tendo como público alvo as crianças nascidas na era midiática. Reforçamos a compreensão do referido curso não ser o objetivo central da pesquisa, visto que esta apropriou-se de estudos relacionados a um componente curricular específico deste nível de formação, tornando-se o principal alvo da investigação. Realizar uma breve reflexão referente ao Curso Normal significa, a priori, reconhecer sua existência e importância, entendendo ser esta uma modalidade de formação que sobrevive à sociedade atual, mesmo encontrando-se em movimentos de transformação refletidas nas políticas educacionais vigentes.

Convém observar que a formação de professores no Curso Normal é histórica, trazendo consigo experiências desde a época do império, quando as primeiras escolas foram fundadas. No Brasil, a formação de professores surge após a independência, quando se começa a pensar na organização da instrução popular (SAVIANI, 2009). Nas últimas décadas, as discussões se intensificaram devido às constantes iniciativas de reorganização curricular do Curso Normal, do curso de Pedagogia e da implantação do curso Normal Superior, atualmente escasso no Brasil.

A sociedade globalizada em seu dever apresenta um cenário de mudanças na estrutura social, nos modos de produzir e consumir informações, de se comunicar, trabalhar e realizar as atividades da vida cotidiana, o que reflete também na constatação de mudanças estruturais que envolvem outras formas de ver e conceber a escola. Neste sentido, as discussões sobre a educação aquecidas nas décadas de 1980 e 1990, sustentavam um debate que sublinhava a necessidade em oferecer um ensino de qualidade, que correspondesse ao cenário das novas tecnologias e da “globalização que se anunciava” (LIMA; MOREIRA, 2014, p.72). O período aqui citado também foi demarcado por movimentos de educadores que propunham mudanças na educação, entre elas, não só melhorias nas condições de trabalho e a necessidade de uma gestão democrática, como também a reformulação dos cursos de formação para a docência. Falamos aqui de um curso que atravessou diferentes tempos e espaços histórico-sociais, sofreu períodos de instabilidade e ainda gera discussões sobre um possível risco de extinção,

algo que notadamente assombra os seus praticantes escolares, especialmente a partir de algumas reformas ocorridas no sistema educacional brasileiro. Entre tais políticas encontra-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) que, em sua estrutura, apresentou o desafio não só de democratizar o acesso à educação, como também de promover sua qualidade. Mudanças começam a vigorar, especialmente no que se refere à formação de professores de Nível Médio, que conforme consta no artigo 62 da LDB, passou a ser entendida como formação mínima, necessitando realizar-se no ensino superior:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal (BRASIL, 2013).

Considerar o Curso Normal como formação mínima, ao mesmo tempo em que denota a necessidade de formação continuada dos docentes em Nível Superior, também questiona sua durabilidade, visto que a formação dos professores em Nível Médio chegou a ter um prazo determinado de aceitação, algo descrito no Art. 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que instituiu a década da educação, afirmando, em seu parágrafo 4º, que até o fim desta década somente seriam admitidos professores habilitados em Nível Superior ou formados por treinamento em serviço. Desta forma, as políticas criadas elucidavam a necessidade de elevar o nível de formação dos professores, colocando em pauta a sobrevivência do Curso Normal, pois, se a formação de professores no Ensino Superior seria obrigatória em um prazo de dez anos, o referido curso correria o risco de tornar-se obsoleto e, até mesmo, extinguir-se. Nota-se, através da LDB 9394/96, um enfoque na recuperação e melhoria da qualidade da educação, algo que se estendeu em novos documentos e programas, entre eles, o Plano Nacional de Educação (PNE), instituído através da Lei 10.172, de 2001, que estabeleceu 28 objetivos e metas referentes à docência, evidenciando uma consonância com a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Desta forma, a meta de número cinco do PNE 2001-2010 propunha:

Identificar e mapear, a partir do primeiro ano deste plano, os professores em exercício em todo o território nacional, que não possuem, no mínimo, a habilitação de nível médio para o magistério, de modo a elaborar-se, em dois anos, o diagnóstico da demanda de habilitação de professores leigos e organizar-se, em todos os sistemas de ensino, programas de formação de professores, possibilitando-lhes a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu art. 87 (BRASIL, 2001).

Através do exposto, subentende-se a necessidade de elevar a formação docente, visto que novas propostas e documentos legais têm abordado esta temática ao qual não vamos aprofundar, mas consideramos relevante sinalizar, especialmente por ter sido o Curso Normal o lugar gerador da pesquisa. Deste modo, compreender a importância desta modalidade de ensino e sua representação para os praticantes que ali se encontram significa legitimar sua continuidade, afinal, o Curso Normal perdura na sociedade atual formando inúmeros professores do Primeiro Segmento que estão se inserindo no mercado de trabalho e desenvolvendo suas práticas pedagógicas em diferentes instituições de ensino. Foi possível verificar que, diante dos dispositivos legais sobre a formação docente, encontram-se mudanças, entre elas, a Lei 12.796, de abril de 2013, que revogou o artigo 87 da LDB 9394/96 citado anteriormente, eliminando a afirmativa de que até o final da década somente seriam admitidos professores habilitados em Nível Superior ou formados por treinamento em serviço. Sendo assim, o Curso Normal, apesar de permanecer como formação mínima, não perdeu sua validade no período de dez anos, conforme antes afirmado, mantendo-se na sociedade atual e apresentando reformas em seu currículo.

Elevar a formação de professores para o Nível Superior não exclui ou anula a relevância do Curso Normal em Nível Médio, especialmente pelas qualidades formativas que lhe são inerentes, legitimando a profissionalidade daqueles que ali se formam. Convém acrescentar que, ao ingressarem no Nível Superior, os professores oriundos do Curso Normal já apresentam saberes didáticos, tornando-se um facilitador para aqueles que irão atuar nas diferentes licenciaturas, que por sua vez, não abordam com aprofundamento as questões didáticas, fundamentais para as práticas pedagógicas dos professores. Sobre esta afirmação, acrescentamos que:

Atualmente, à vista do dispositivo legal que eleva essa formação para o nível superior, encontramos-nos diante de dois aspectos que se contrapõem. Com efeito, por um lado, a elevação ao nível superior permitiria esperar que, sobre a base da cultura geral de base clássica e científica obtida nos cursos de nível médio, os futuros professores poderiam adquirir, nos cursos formativos de nível superior, um preparo profissional bem mais consistente, alicerçado numa sólida cultura pedagógica. Por outro lado, entretanto, manifesta-se o risco de que essa formação seja neutralizada pela força do modelo dos conteúdos culturais-cognitivos, com o que as exigências pedagógicas tenderiam a ser secundarizadas. Com isso, esses novos professores terão grande dificuldade de atender às necessidades específicas das crianças pequenas, tanto no nível da chamada educação infantil como das primeiras séries do ensino fundamental (SAVIANI, 2009, p.150).

De acordo com as leituras do autor supracitado, o Curso Normal em Nível Médio, consolida um processo ensino-aprendizagem que vivifica não só os aspectos referentes aos

conteúdos ensinados, como também os aspectos didático-pedagógicos, considerando-os fundamentais para o trabalho com as crianças da Educação Infantil e das séries iniciais. A predominância dos conhecimentos didáticos articulados aos conteúdos presume uma experiência formativa mais eficiente, algo ainda ausente nos cursos de Nível Superior, que sobrepõem os conhecimentos teóricos e científicos menosprezando os de cunho didático, essenciais para as práticas formativas dos professores. Desta forma, o autor acrescenta que os conhecimentos peculiares da área a ser ensinada são atribuídos aos institutos ou faculdades específicas, ficando o preparo pedagógico-didático apenas para as Faculdades de Educação. Reafirma-se aqui a potência do Curso Normal, que através de suas práticas formativas, contribui consideravelmente na formação dos professores que, ao ingressarem no Ensino Superior, já possuem uma identidade pedagógica, conseguindo assim articular os conhecimentos específicos de suas áreas de estudo às formas de ensinar, o que contribuirá para uma docência diferenciada e significativa.

No dia 25 de Junho de 2014 foi sancionada a Lei que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) com vigência por dez anos (2014-2024). Por sua vez, a meta de número 15 afirma a proposição de:

Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam (BRASIL, 2014).

Através do exposto, nota-se que os programas educacionais têm reforçado um conceito formado sobre a elevação da qualidade da educação, estando esta associada à graduação em Nível Superior. Contudo, é imprescindível legitimar que a formação direcionada à Educação Infantil e às séries iniciais do Ensino Fundamental permanece ocorrendo no Curso Normal, em Nível Médio, coexistindo concomitantemente com o curso de Pedagogia e licenciaturas em diferentes áreas de conhecimento. Neste sentido, o caderno de orientação sobre as vinte metas previstas no PNE, elaborado pelo MEC, apresenta a seguinte prerrogativa:

Aos docentes com formação de nível médio na modalidade normal, não licenciados ou licenciados em área diversa da atuação docente, em efetivo exercício, deverá ser garantida a formação específica em sua área de atuação, mediante a implementação de cursos e programas, assim como caberá aos entes federativos implantar programas específicos para formação de professores para as populações do campo, comunidades quilombolas e povos indígenas. Com a consolidação da política,

efetivam-se a gestão e o acompanhamento do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (MEC/SASE, 2014, p.49).

Ressaltamos que as discussões sobre a formação de professores são incansáveis, apesar de ser uma temática que envolve inúmeros aspectos que necessitam de estudos minuciosos, sobre a qual a presente pesquisa não daria conta e, devido a sua especificidade, não caberia invisibilizar o fato de que as reformas curriculares e os programas de ensino afinam-se ao cenário da sociedade globalizada, refletindo nas estruturas educacionais, representadas através de inúmeras políticas, planos e propostas aqui sinalizadas.

Enfatizamos que o Curso Normal representa um marco na história da educação brasileira, formando professores que atuam em diferentes regiões do Brasil. Entre estas regiões, o Rio de Janeiro possui um quantitativo de noventa e seis escolas, consolidando suas práticas formativas e compondo a trajetória educacional de muitos cidadãos. Obviamente, há a necessidade de analisar sua estrutura, as peculiaridades de cada instituição que atua com esta modalidade de ensino, a formação dos docentes desta área, a infraestrutura das escolas, as práticas formativas nelas existentes, os currículos e políticas ali presentes, os discentes ali formados, suas narrativas frente à experiência de formar-se no Curso Normal, entre tantos outros aspectos aos quais não seria possível contemplar neste trabalho. Com isto, apenas confirmamos a continuidade do curso, sua legitimidade e importância para a educação, que através desta formação específica promove mão de obra efetiva para a sociedade. Ressaltando a formação de professores em Nível Médio, compreendemos que, apesar de uma tendência para o Ensino Superior, esta formação “permanece como um lócus de desenvolvimento docente”, tão aparente nas políticas educacionais atuais (LIMA; MOREIRA, 2014, p.79).

Comprovada a permanência do Curso Normal, debates calorosos sobre as reformas curriculares têm ocorrido no tempo atual, denotando reflexões relacionadas aos rumos do referido curso frente ao panorama da sociedade globalizada. No ano de 2012, a Secretaria de Educação do Estado (SEEDUC) realizou discussões que culminaram na elaboração do Currículo Mínimo da modalidade de ensino aqui discutida, implantado em 2013. Segundo a SEEDUC, este currículo traduz-se como uma importante ferramenta de auxílio ao planejamento escolar, acrescentando que:

O Currículo Mínimo serve como referência a todas as nossas escolas, apresentando as competências e habilidades básicas que devem estar contidas nos planos de curso e nas aulas. Sua finalidade é orientar, de forma clara e objetiva, os itens que não podem faltar no processo de ensino-aprendizagem, em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre. Está disponível material para consulta das 12 disciplinas da base Nacional comum, além de Resolução de Problemas Matemáticos, Produção

Textual, Conhecimentos Didáticos, Formação Complementar, Fundamentos da Educação, Laboratórios Pedagógicos, Parte Diversificada e Práticas Pedagógicas (SEEDUC, 2013).

De fato, a continuidade do Curso Normal foi constatada, não restando dúvidas sobre sua permanência; pelo menos, era o que sinalizavam os dispositivos legais, entre eles, a resolução 4843 de 2012, que indicava a redução do curso de quatro para três anos, sendo inseridos em sua matriz os Laboratórios Pedagógicos, a disciplina de Integração de Mídias e Novas Tecnologias no 1º ano do Curso Normal e a disciplina de LIBRAS no 3º ano.

A realização de discussões sobre a implantação de um novo currículo evidenciava não só a permanência do curso, como também a implantação de uma nova grade curricular que foi implantada no ano de 2013. Este currículo foi planejado pela Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECIEERJ), com a colaboração de seus docentes e de professores que atuavam nas escolas normais, previamente escolhidos através de inscrições *online* que desencadearam em um processo de seleção. O Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN) foi representado por duas docentes que participaram das discussões e reelaboração do Currículo Mínimo implantado.

Através do diálogo aqui delineado, nota-se que o Curso Normal possui identidade e relevância, significando uma importante formação inicial de professores que, apesar de apresentar-se no dispositivo legal com a conotação de formação mínima, na prática indica um sentido denotativo, através das políticas que se constroem cotidianamente por seus praticantes, ampliando possibilidades formativas e vivificando os saberes que se fundem no chão de tantas escolas.

A partir do exposto, em meio a inúmeras Escolas Normais no Estado do Rio de Janeiro, tomamos como referência o município de São Gonçalo, lugar este ao qual a pesquisadora residia no período da pesquisa e também era professora. Inserida na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo possui quatro escolas que oferecem o Curso Normal, sendo o Instituto de Educação Clélia Nanci, uma referência histórica, tradicionalmente reconhecida como uma importante instituição de formação de professores ao longo de seus quase cinquenta e cinco anos de existência, a serem completados no dia 22 de setembro deste ano. De acordo com Bragança (2014), o IECN traduz-se como patrimônio histórico e simbólico de formação de professores, apresentando histórias e memórias significativas; aqui, apenas sinalizamos que, enquanto um lugar vivo, novas outras histórias vão se construindo, não invalidando o passado, mas somando a ele novas versões, experiências, *links* e conexões em um tempo digital, apresentando ao Curso Normal uma nova

experiência do tempo (FRANCO, 2015), representada pela ligação com as tecnologias que transformam substancialmente as formas de pensar e conhecer. Nesta perspectiva, a pesquisa prosseguirá refletindo sobre as possibilidades e desafios da disciplina de IMNT, em um tempo tão inventivo, que seja possível compor outros caminhos, e em sintonia com a canção “Oração ao tempo” de Caetano Veloso; que as TICs sejam como um “tambor de todos os ritmos”, verdadeiras invenções destinadas a ecoar sons potenciais, que somadas às práticas formativas resignificam os modos de aprender-ensinar.

3.1 A disciplina de IMNT entre textos e contextos

O capítulo aqui proposto discorrerá sobre a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias (IMNT), que passou a integrar o currículo mínimo do Curso Normal, através da Resolução 4843/2012, que fixa as diretrizes para a implantação das matrizes curriculares para a Educação Básica no ano de 2013. De acordo com a Resolução 4843/12, a Parte Diversificada denomina-se como componente obrigatório do currículo escolar, devendo estar organizada articulada à Base Nacional Comum, tornando o currículo significativo e integrado. Convém explicitar que o Currículo Mínimo do referido curso subdivide-se em seis partes específicas, sendo elas: Conhecimentos Didáticos, Formação Complementar, Fundamentos da Educação, Laboratórios Pedagógicos, Parte Diversificada e Práticas Pedagógicas. Cada subdivisão apresenta um grupo de disciplinas com as séries destinadas e os conteúdos propostos por bimestre como base para o desenvolvimento das aulas.

A disciplina de IMNT encontra-se na “Parte Diversificada”, juntamente com a disciplina de LIBRAS. Sua carga horária refere-se a dois tempos de aula semanal para o 1º Ano de formação, e a disciplina de LIBRAS é aplicada para as turmas de 3º Ano, computando dois tempos semanais. Curiosamente, as duas disciplinas encontram-se direcionadas a trabalharem a tecnologia em perspectivas diferenciadas, relacionando-se a disciplina de IMNT aos conteúdos relativos à sociedade da Tecnologia da Informação e Comunicação, à proposta de utilizar as ferramentas e instrumentos para dinamizar as aulas, entre outras abordagens que aqui serão discutidas. Já a disciplina de LIBRAS aborda a importância da Língua Brasileira de Sinais e compreende a tecnologia na perspectiva da linguagem, inclusive trabalhando recursos tecnológicos para a aprendizagem da língua, inclusão e acessibilidade dos surdos na sociedade. Algumas reflexões emergiram durante o estudo exploratório da disciplina de

IMNT, desta forma, consideramos importante sinalizar os aspectos que se somaram à pesquisa sem, com isso, pretendermos desviar a atenção dos objetivos propostos. Contudo, consideramos relevante apresentar alguns dados coletados que de forma direta relacionam-se à situação atual do componente curricular aqui estudado.

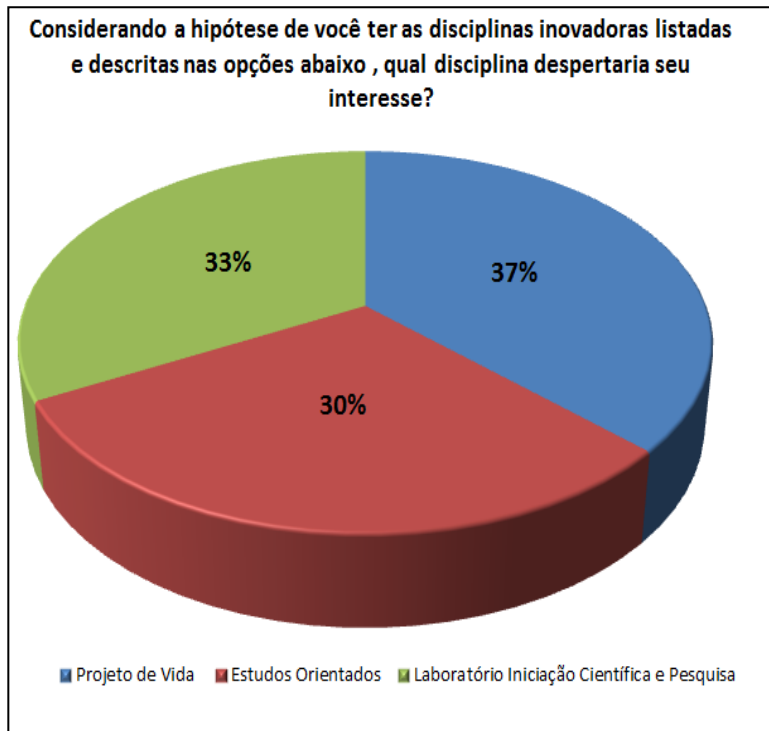
No decorrer do primeiro ano da pesquisa (2015), as escolas do Estado do Rio de Janeiro que possuíam o Curso Normal foram convocadas pela Secretaria Estadual de Educação a responderem duas enquetes referentes à reformulação da Matriz Curricular, que seria implementada no ano de 2017. Neste sentido, gestores, equipe técnico-pedagógica, professores e alunos da rede estadual de ensino puderam participar de duas enquetes *online*, ambas com perguntas específicas ao corpo docente e discente.

Em relação à enquete, entre as perguntas direcionadas aos alunos, havia questionamentos sobre a carga horária do curso, a opinião sobre as disciplinas de maior e menor interesse e a sondagem sobre a possibilidade de inserção de disciplinas novas que trabalhassem atividades direcionadas a autodescoberta, à busca de orientação para a carreira profissional e à orientação dos estudos. Os alunos foram convidados a selecionar a disciplina de base comum que ampliariam e reduziriam a carga horária e a indicar quais componentes curriculares específicos do Curso Normal consideravam de maior e menor importância.

Em relação aos docentes, a enquete apresentava perguntas direcionadas aos conteúdos curriculares que consideravam importantes para o Curso Normal, a prioridade de disciplinas, onde seria necessário indicar uma ordem de valor sobre as áreas de conhecimento que julgavam mais e menos pertinentes. Nesta enquete também era solicitado que o professor apresentasse sugestões de melhoria para o curso, que indicasse alterações de carga horária, acrescentando e reduzindo tempos de áreas do conhecimento específicas. Foi feita uma sondagem sobre a opinião dos docentes relacionada a atividades que trabalhassem relações de conflito no ambiente de trabalho, projetos de vida e orientação profissional.

No decorrer do Fórum da Matriz Curricular do Curso Normal, a superintendência da Secretaria de Estado de Educação, responsável pela apresentação do evento, disponibilizou a visualização de gráficos que expunham os resultados obtidos através da aplicação da enquete realizada. Desta forma, as imagens a seguir indicam apenas uma ilustração referente à discussão aqui proposta, sinalizando o conteúdo disposto às escolas normais presentes no Fórum. O material da reunião, elaborado através de slides, também foi disponibilizado posteriormente às secretarias regionais de educação para encaminhamento às instituições escolares.

Figura 1 - Gráfico de Pesquisa – SEEDUC A



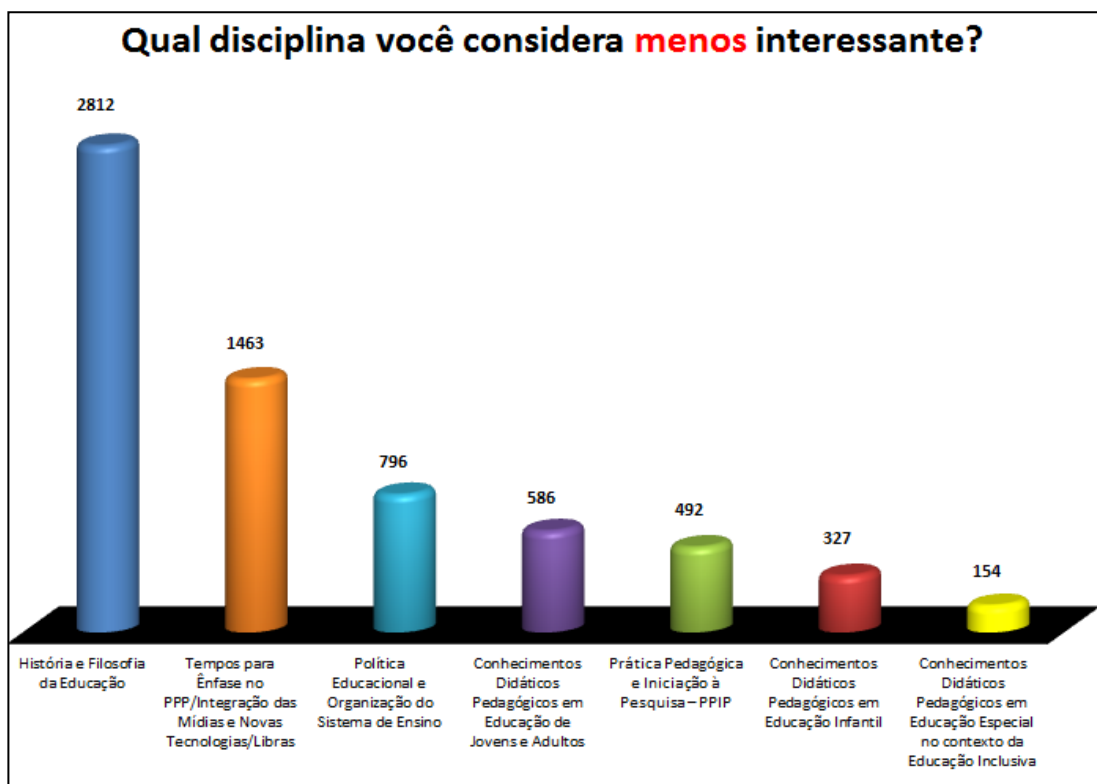
Fonte: FÓRUM: MATRIZ DO CURSO NORMAL (SEEDUC), 2015

Figura 2 - Gráfico de Pesquisa SEEDUC B



Fonte: FÓRUM: MATRIZ DO CURSO NORMAL (SEEDUC), 2015.

Figura 3 - Gráfico SEEDUC C

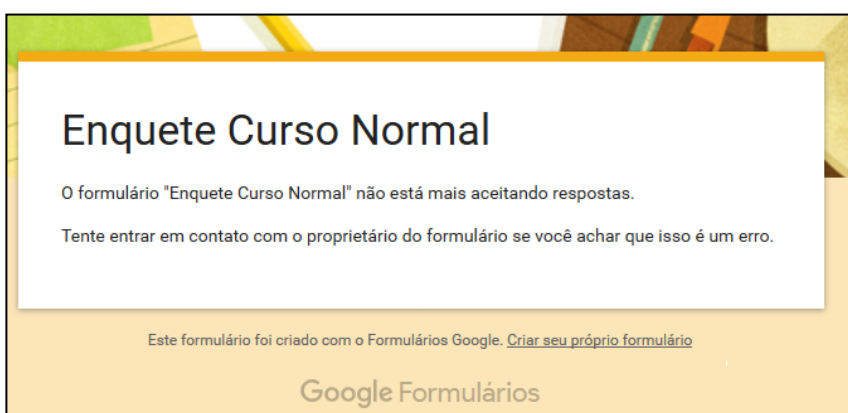


Fonte: FÓRUM: MATRIZ DO CURSO NORMAL (SEEDUC), 2015

Ao mesmo tempo em que as perguntas contidas nas enquetes direcionavam-se ao levantamento de opinião sobre o Curso Normal e sua possível mudança, também se desenhava um perfil curricular preocupado em inserir novos projetos, especificamente aqueles direcionados às questões afetivas, emocionais e possíveis projetos de vida como necessários aos futuros professores. Neste sentido, percebemos que a “pesquisa” realizada através da enquete já sinalizava a intenção de inserir novos componentes curriculares previamente pensados, implícitos nas perguntas realizadas, conforme mostrou a figura 1. Além disso, através das figuras 2 e 3, percebemos que as perguntas sobre a disciplina de maior e menor interesse não citavam a disciplina de IMNT de forma isolada. Neste sentido, o aluno poderia, por exemplo, considerar o componente Ênfase no Projeto Político Pedagógico (PPP) mais ou menos importante que LIBRAS ou IMNT, e, no entanto, as disciplinas apareciam unidas, como um único componente curricular, impossibilitando a eficácia da resposta e veracidade dos resultados. A enquete apresentou-se de maneira nebulosa, pois, além das informações aqui citadas, percebemos que outras disciplinas nem chegaram a ser contempladas, mas fazem parte do currículo atual, como Brinquedoteca, Arte e Educação, Práticas Psicomotoras, Vida e Natureza, Culturas e Linguagens e Alfabetização.

No início de dezembro do mesmo ano (2015), a superintendência da SEEDUC realizou o 1º Fórum sobre a Matriz do Curso Normal em sua sede no Rio de Janeiro, buscando apresentar os resultados da “pesquisa” realizada através da enquete. Os gráficos ilustrados acima foram apresentados pela secretaria com os “prováveis” resultados da enquete e um possível esboço da nova grade curricular pretendida para o ano de 2017. Em relação às perguntas feitas aos professores, estas não ficaram mais disponíveis para visualização após o período de participação. Ao clicar no *link* da enquete, aparece a figura abaixo:

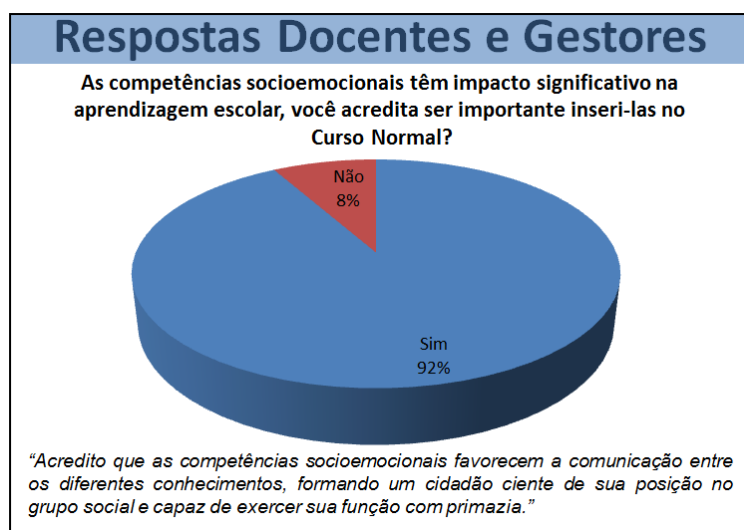
Figura 4 - Acesso indisponível



Fonte: FÓRUM: MATRIZ DO CURSO NORMAL (SEEDUC), 2015

No que se refere à apresentação de resultados referentes à enquete respondida pelos professores, o Fórum da Matriz do Curso Normal disponibilizou apenas a imagem a seguir:

Figura 5 - Gráfico de Pesquisa SEEDUC D



Fonte: FÓRUM: MATRIZ DO CURSO NORMAL (SEEDUC), 2015

Participaram do Fórum, gestores, coordenadores pedagógicos e alguns professores convidados pelas escolas; não houve uma divulgação do evento na unidade pesquisada, tornando inviável uma presença significativa dos docentes da instituição. Vivenciar este encontro contribuiu com a pesquisa, pois foi possível observar os caminhos que estavam sendo traçados sobre o Curso Normal, assim como as discussões que ainda viriam frente aos dados transmitidos naquele momento. Entre as colocações apresentadas pela secretaria, um dado importante para a pesquisa referiu-se à informação de que a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias (IMNT), entre outras disciplinas, não comporia mais a grade curricular a partir de 2017. Frente à informação apresentada, e diante da relevância da pesquisa, consideramos fundamental dialogar com os presentes no Fórum, inclusive informando sobre este estudo iniciado no âmbito do Mestrado, que se referia à disciplina de IMNT no IECN, onde experiências formativas estavam sendo registradas e acompanhadas, tornando possível analisar de perto as possibilidades e desafios deste componente curricular na formação dos professores.

Buscamos, neste sentido, afirmar a importância de olhar as realidades, perceber os projetos que acontecem nas diferentes áreas escolares, respeitando assim, suas especificidades e evitando soluções precipitadas ou mesmo verticalizadas. De acordo com HYPÓLITO (2008), as diretrizes curriculares fechadas impossibilitam avanços concretos no âmbito educacional. Deste modo, percebemos a necessidade de valorização profissional, de autonomia dos professores para pensar em suas comunidades e, a partir de suas realidades, construir os currículos valorizando suas especificidades locais. Convém ressaltar que, por trás da expectativa de aprendizagem, os modelos de gerencialismo têm penetrado nas instituições escolares através de interesses nada ingênuos e completamente mercadológicos, o que debilita a criatividade e autonomia das escolas, tão necessárias para a conquista de uma sociedade mais justa e digna.

A partir do exposto, entendemos que o gerencialismo se refere ao modelo de política caracterizado por inclinações empresariais, focadas nos interesses de uma sociedade globalizada que percebe a educação como um ambiente favorável ao mercado e ao crescimento da economia, algo que (HYPOLITO, 2008) apresenta em suas leituras. O autor afirma que este tipo de política sugere uma educação direcionada à composição de futuros trabalhadores para atender um mundo instável, de grandes disputas, seguindo uma lógica de mercado competitiva e flexível, de muita instabilidade. A escola neste sentido perde seu lugar de democratização do conhecimento, de compartilhamento de culturas e de aprendizagens significativas. A autonomia que se instaura é aquela em que cada sujeito torna-se responsável

por si, em que a competição e o mérito vão substituindo a solidariedade e a construção coletiva dos saberes. Neste sentido, o modelo gerencialista permite que o Estado se insira profundamente nas culturas, práticas e subjetividades das instituições do setor público e de seus trabalhadores, sem parecer fazê-lo. Notamos assim, a instauração de uma performatividade que mercantiliza o trabalho do setor público, transformando o trabalho com o conhecimento em níveis de resultado e desempenho (BALL, 2004), algo que a pesquisa crítica com veemência frente à riqueza das práticas pedagógicas existentes nas localidades escolares, mas desconsideradas pelo sistema que aos poucos tem alterado os programas curriculares em função do neoliberalismo.

Em relação ao Fórum realizado pela SEEDUC, durante o evento foi exposto um quadro informativo sobre a quantidade de participantes que responderam as enquetes¹⁰ por ela criada em nível Estadual. Em relação ao município de São Gonçalo (Regional Metropolitana II), somou-se 55 participantes (entre docentes, gestores e equipe técnica), e 239 alunos.

A imagem a seguir apresenta o quantitativo de participantes da enquete em nível Estadual:

Figura 6 - Quantitativo de participantes na enquete

Diretoria Regional	Docentes & Gestor/Equipe Tec. Pedagógica	Estudantes
Baixas Litorâneas	60	320
Centro Sul	105	568
Metropolitana I	73	566
Metropolitana II	55	239
Metropolitana III	35	449
Metropolitana IV	67	252
Metropolitana V	55	444
Metropolitana VI	57	413
Metropolitana VII	86	606
Médio Paraíba	100	580
Noroeste Fluminense	123	472
Norte Fluminense	102	404
Serrana I	63	573
Serrana II	119	683
Total	1100	6569

Fonte: FÓRUM: MATRIZ DO CURSO NORMAL (SEEDUC), 2015

¹⁰ Foram disponibilizadas duas enquetes *online*. A primeira destinada aos alunos do Curso Normal, disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/15c5Bm7IXsSi46eMDkPzXc6jmi27LOp8nfBiUcpFQKwg/viewform> Ao clicar no *link* ainda é possível visualizar todas as perguntas.

A segunda destinada aos professores disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1AAxycYFcpMt4NrxHxw9uafcAC5cpxflu-i6P40akQLw/viewform> O *link* não disponibiliza mais o acesso às perguntas para visualização.

Entre as alterações propostas na Matriz Curricular, a SEEDUC informou a possibilidade das disciplinas de base do curso de Formação Geral compor também o Curso Normal, alegando a necessidade dos normalistas possuírem uma formação comum que propiciasse igualdade de condições para a realização do vestibular ou Enem¹¹. Com isso, algumas disciplinas específicas do Curso Normal foram excluídas e outras unificadas. A carga horária do curso sofreu uma alteração de duzentas e quarenta horas de acréscimo. Antes possuía 5.200 horas e, com a nova proposta, passará a possuir 5.440 horas.

Segundo informações apresentadas pela SEEDUC neste Fórum, o novo currículo será composto por “Componentes Inovadores”¹², referindo-se aos projetos que têm sido pensados com o intuito de desenvolverem o protagonismo juvenil no Curso Normal. Sobre o assunto, a Secretaria afirmou que trata-se da implantação de propostas que trabalhem aspectos sócio afetivos com os alunos, considerando, inclusive, a necessidade dos futuros professores saberem lidar com as emoções e com a profissão, tornando-se pro-ativos, resilientes, participativos e empreendedores na carreira docente do século XXI. Estas ideias centrais seriam desenvolvidas em duas disciplinas que se denominam “Projeto de Vida”, inserida nos três anos do Curso Normal, e “Estudos Orientados”, nos dois primeiros anos.

A superintendência da Secretaria de Educação informou que, entre os objetivos centrais do novo modelo, pretende-se que os professorandos desenvolvam competências para realizarem seus projetos de vida, deem continuidade aos estudos, ingressem e ascendam no mundo do trabalho, convivendo e contribuindo com seu entorno social. Deste modo, os futuros professores estariam “aptos” a viverem no século XXI, através de um novo perfil de professor com competências não só cognitivas, mas também emocionais. Segundo a SEEDUC, esta temática seria aprofundada em momentos posteriores, inclusive, através de capacitações, após a aprovação final da reforma curricular.

Em fevereiro de 2016, as coordenadoras pedagógicas das instituições de ensino do Curso Normal foram convidadas pela coordenadora geral de ensino da região Metropolitana II a participarem de uma segunda reunião, que trataria da nova Matriz Curricular. Este seria um encontro formativo e de sensibilização, para que as coordenadoras pedagógicas das escolas

¹¹ Em relação ao Enem, mudanças estão sendo pensadas devido ao processo de Reformulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Discussões sobre transformações na estrutura das avaliações para acesso às universidades ganharam destaque frente a uma BNCC ainda em reformulação.

¹² Estes componentes inovadores referem-se à proposta de inserção de projetos que objetivam preparar os normalistas para uma visão de mercado, englobando novas disciplinas denominadas de Projetos de Vida e Estudos Orientados.

normais do município de São Gonçalo pudessem levar às suas unidades o novo modelo da Matriz Curricular aos professores.

Nesta reunião, foi apresentada a grade já exposta no primeiro Fórum, assim como um resumo do discurso nele apresentado. Após este encontro, foi entregue um calendário para discussão da nova Matriz nas unidades de ensino, momento este que contaria com a participação de professores e alunos. De acordo com a superintendência, as escolas normais poderiam sugerir alterações e leituras sobre o novo currículo para uma definição final, que seria publicada no diário oficial prevista para junho de 2016. Desta forma, foi estipulado o prazo de um mês para que as discussões acontecessem nas escolas e novos esboços fossem sugeridos à Secretaria de Educação durante o mês de março.

Após apresentação dos resultados da enquete, verificou-se pouca participação dos professores/equipe técnico-pedagógica e gestores. O quantitativo de cinquenta e cinco participantes não demonstrava uma representatividade significativa dos docentes do Curso Normal desta região; contudo, a pesquisa realizada não teve ampla divulgação nas escolas, inclusive no IECN. Os professores foram informados sobre a necessidade de responderem ao questionário *online* sem muita antecedência ou destaque para o tema, o que pode ter contribuído para a pouca participação notada. Não houve uma mobilização significativa sobre o assunto, em que docentes e discentes pudessem colocar a temática da reformulação em pauta, inclusive como discussão nas aulas e debates coletivos. Atrelado a isso, o ano de 2015 já demarcava grande nível de insatisfação dos professores diante da situação caótica das escolas públicas, do histórico de atrasos no pagamento, parcelamentos do 13º salário, da ausência de infraestrutura das instituições, das burocratizações do ensino, entre tantos outros aspectos que já enunciavam um ano de 2016 obscuro para a educação.

Na unidade escolar pesquisada, foram realizadas três reuniões que culminaram na construção de uma análise crítica sobre a nova reforma curricular, composta por sugestões, leituras e intervenções na grade curricular desenhada pela secretaria. Esta análise foi encaminhada à SEEDUC, porém não houve nenhum parecer ou resposta; os debates foram paralisados frente aos movimentos de greve e ocupação que tomaram as escolas, não tendo sido divulgada até o momento a possibilidade de novos debates, fórum ou mesmo retorno aos praticantes escolares sobre os próximos passos desta reforma. Neste sentido, não houve informações oficiais sobre a implementação do Novo Currículo no ano de 2017, indicando uma probabilidade de início apenas em 2018. Sendo assim, a disciplina de IMNT ainda encontra-se em vigor, e, apesar dos acontecimentos que rascunharam o seu fim ou a sua morte, continuamos escrevendo sua continuidade e vida.

Apresentamos estes dados que envolveram o campo da pesquisa, refletindo sobre a importância das práticas formativas efetivarem-se como políticas de presença, através de reflexões e discussões que propiciem a participação ativa de todos os praticantes escolares, que necessitam conscientizar-se sobre o panorama que se instaura. As transformações curriculares sugeridas colocam em pauta a ausência/permanência da disciplina de IMNT, sinalizando uma possível tendência ao risco de extinção. Neste sentido, nos inspiramos na Sociologia das Ausências e Emergências de Boaventura de Souza Santos (2002) que, ao discutir a reinvenção da emancipação social, estuda alternativas referentes à globalização neoliberal e ao capitalismo global, criadas pelos movimentos sociais que têm lutado contra atos de exclusão e invisibilidade. O autor reflete sobre a globalização contra hegemônica traduzida pelas iniciativas e experiências perspicazes dos grupos e movimentos sociais que, a partir de suas realidades e práticas, buscam romper com a hegemonia criada pela globalização neoliberal. A estas experiências e iniciativas contra hegemônicas, denominamos de políticas de presença.

Pensar nas políticas de presença à luz do autor supracitado envolveu observar e visibilizar as ações desenvolvidas pelos praticantes escolares na disciplina de IMNT a partir de uma realidade local, compreendendo-as como alternativas de trabalho significativas, mas ainda ignoradas por um sistema que padroniza suas ações, decisões, seus currículos e políticas de ensino. Deste modo, ressaltamos a necessidade de quebrar os paradigmas que envolvem o próprio conceito de conhecimento científico e não científico, assim como as decisões e padronizações que se estabelecem sobre as escolas a partir dos conceitos criados e determinados de forma globalizada, como se uma homogeneidade caracterizasse as escolas universalmente. Sublinhamos, assim, que a diversidade de realidades é legítima e que os espaços sociais apresentam suas culturas locais, desenvolvendo ações, movimentos e experiências que questionam os saberes hegemônicos instaurados como verdades absolutas. Acrescentamos que:

[...] em primeiro lugar, a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. Em segundo lugar, esta riqueza social está a ser desperdiçada. É deste desperdício que se nutrem as ideias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim e outras semelhantes. Em terceiro lugar, para combater o desperdício da experiência, para tornar visíveis as iniciativas e os movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, de pouco serve recorrer à ciência social tal como a conhecemos. No fim de contas, essa ciência é responsável por esconder ou desacreditar as alternativas (SANTOS, 2002, p.2).

A partir do exposto, compreendemos que as atividades e práticas formativas aqui discutidas, suas iniciativas e movimentos precisam ser analisados de seus lugares, se estabelecendo como possibilidades de trabalho credíveis, necessitando a ciência social ser menos dura, verticalizada e excludente. Como possibilidade reflexiva, consideramos que a sociologia das Ausências e das Emergências pensada por Santos (2002), contribuiu para a realização de uma pesquisa que valorizasse as experiências corridas no tempo atual, diferentemente da concepção ocidental de racionalidade que, ao pensar na expansão do futuro, reduz o presente e seus acontecimentos locais devido a sua habilidade em conceber a totalidade, sem que esta seja de fato real. O autor sugere um movimento inverso, tornando necessário expandir o presente (Sociologia das Ausências) e contrair o futuro (Sociologia das Emergências). Tomamos como base o conceito de Sociologia das Ausências compreendendo a possibilidade de “criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje” (SANTOS, 2002 p.3), evitando, assim, a perda das experiências atuais. A valorização destas experiências inviabilizaria a concretização de políticas e reformas curriculares de forma globalizada, tão distante das realidades escolares.

Conforme a pesquisa se desenvolvia, algumas reflexões começaram a compor nosso estudo, o que nos fez pensar, a partir da realidade investigada, que algumas políticas se desenhavam na disciplina de IMNT. A primeira delas, denominada pela pesquisadora como Políticas de Ausência, se refere ao programa da disciplina, teoricamente elaborada, enunciando em seus escritos um discurso discreto, mas afinado à lógica do mercado, assegurando ideias que contribuiriam para uma escola de qualidade, focada no século XXI, a era da tecnologia e da informação. Notamos um distanciamento entre o discurso contido no programa curricular e a realidade estrutural da escola (Política de Ausência). Em contrapartida, através das ações dos praticantes escolares, que se encontravam em condições de trabalho muito limitadas, com dificuldades de acesso à internet, falta de formação tecnológica e de materiais funcionais, percebemos as (re)ações de professores e alunos para o desenvolvimento de práticas formativas criativas, que cotidianamente buscavam superar as dificuldades, o que chamamos de Políticas de Presença. No próximo capítulo, aprofundamos estes conceitos.

Antes de desenvolvermos as discussões sobre as Políticas de Ausência e de Presença, consideramos pertinente sinalizar que o modelo de política curricular atual tem apresentado inclinações empresariais, focadas nos interesses de uma sociedade globalizada que percebe a educação como um ambiente favorável ao mercado e ao crescimento da economia, algo que

HYPOLITO (2008) aborda em suas leituras. O autor afirma que este tipo de política sugere uma educação direcionada à composição de futuros trabalhadores para atender um mundo instável, de grandes disputas, seguindo uma lógica de mercado competitiva e flexível, de muita instabilidade. A escola, neste sentido, perde seu lugar de democratização do conhecimento, de compartilhamento de culturas e de aprendizagens significativas, indispensáveis às práticas formativas. A autonomia que se instaura é aquela em que cada sujeito torna-se responsável por si, em que a competição e o mérito vão substituindo a solidariedade e a construção coletiva dos saberes, algo inconcebível aos praticantes escolares que compreendem a educação como uma dialética fundamental, capaz de produzir intervenções no mundo, não apenas reproduzindo ideologias, mas, fundamentalmente, desmascarando-as (FREIRE, 1996).

4 AS POLÍTICAS DE AUSÊNCIA NA DISCIPLINA DE IMNT

A disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias (IMNT) possui um documento de apresentação e orientação curricular elaborado pela Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC). Neste capítulo, apresentamos uma análise sobre o material estudado, refletindo sobre as políticas de ausência contidas em sua proposta, compreendendo-as como determinantes para o destino do componente curricular aqui estudado. Buscamos, à luz de Boaventura de Souza Santos (2002), realizar uma breve sociologia das ausências e das emergências, apresentando algumas reflexões pertinentes ao panorama da disciplina de IMNT, sinalizando seus desafios, limites e possibilidades. No campo das possibilidades, ressaltamos a Sociologia das Ausências e das Emergências como caminho fundamental para os debates aqui traçados, pois, anterior a qualquer processo de exclusão de um componente curricular, por exemplo, as experiências e presenças realizadas pelos praticantes escolares em suas ambiências precisariam ser vistas, ouvidas, discutidas e valorizadas, rompendo com uma homogeneidade inventada, visto que, conforme o autor sinaliza, a totalidade existe simultaneamente com outras totalidades, ou seja, as partes que compõem uma totalidade possui vida própria, o que a pesquisa definiu como Políticas de Presença.

Através da Sociologia das Ausências observamos a necessidade de ressaltar outras possibilidades obstruídas por uma hegemonia onipresente, que desconsidera uma heterogeneidade existente, insistindo em “pensar no sul como se não houvesse o norte, pensar a mulher como se não houvesse o homem, pensar no escravo como se não houvesse o senhor” (SANTOS, 2002 p.11), pensar na exclusão de uma disciplina como se em suas práticas não existissem experiências formativas potentes. Neste sentido, acrescentamos que a Sociologia das Ausências:

Trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade activamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe. O seu objecto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com elas. O objectivo da sociologia das ausências é transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças (SANTOS, 2002, p.11-12).

A partir do exposto, compreendemos que a Sociologia das Ausências permite ampliar o futuro, tendo como base a visibilidade e credibilidade das experiências atuais, entendendo estas como possibilidades de experimentação social no futuro, conforme o próprio autor

sinaliza. Desta forma, fica sugerida a substituição da “monocultura do saber científico por uma ecologia de saberes” (SANTOS, 2002 p.16), ressaltando que esta ecologia de saberes não científicos seriam alternativas ao saber científico. Em relação à Sociologia das Emergências, Boaventura propõe uma contração do futuro, pensando na divergência entre a concepção do futuro da sociedade com a concepção de futuro dos indivíduos, limitada apenas ao seu tempo de vida. Neste sentido, contrair o futuro significaria expandir e valorizar as experiências do presente através da Sociologia das Emergências, que consiste em:

Substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear (um vazio que tanto é tudo como é nada) por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que se vão construindo no presente através das actividades de cuidado (SANTOS, 2002, p. 21).

Assim, compreendemos que a Sociologia das Emergências nada mais é do que uma busca pelas possibilidades que ainda não se materializaram, mas caminham em prol de concretização. Deste modo, esta Sociologia amplia o presente unindo, ao que hoje é real e concreto, possibilidades e probabilidades futuras. O autor aqui citado indica que há um inconformismo que mobiliza a Sociologia das Ausências e a Sociologia das Emergências, sendo a primeira movida pelo campo das experiências sociais e a segunda pelas expectativas sociais. A Sociologia das Emergências busca um equilíbrio entre experiência e expectativa, se dispondo às transformações das possibilidades em atos consumados no agora, se preocupando em “analisar numa dada prática, experiência ou forma de saber o que nela existe apenas como tendência ou possibilidade futura” (SANTOS, 2002, p. 26), indicando, a partir destas experiências atuais, pistas e alternativas futuras.

Inspirados nestas leituras, buscamos refletir sobre possíveis Políticas de Ausência inculcadas no programa da disciplina de IMNT. Tais políticas se referem ao discurso do documento que revela uma posição preocupada com o mercado, mas não com o incentivo à criticidade, que limitam as TICs a uma dimensão instrumental (FILÉ, 2015), que prevê o sucesso da disciplina justificada por um processo de coautoria com os educadores, ofuscando a realidade factual e a dizibilidade docente. Notamos a Política de Ausência relacionada à falta de formação docente para o desenvolvimento das aulas mediadas por tecnologias digitais, à problemática de infraestrutura da escola e a própria (des)continuidade deste componente curricular, que, iniciado através de um discurso de sucesso, é ameaçado pela sentença da deflagração, ainda não descartada. Diante do exposto, navegamos no documento

de apresentação da disciplina, explorando suas nuances e analisando suas proposições, iniciando com a seguinte afirmação:

As práticas sociais e as relações comerciais estão cada vez mais dependentes das mídias e das tecnologias da informação e comunicação (TIC). Vivemos a globalização (SANTOS, 2001). Nesse contexto, adaptar-se aos padrões de usos de recursos tecnológicos faz-se imprescindível ao exercício profissional. O enfrentamento dessa questão da educação pode partir da maneira como o professor lida com as TIC, cada vez mais utilizadas pelos jovens (SEEDUC, 2013, p. 4).

Percebemos que o discurso sobre a implantação da disciplina está condicionado ao contexto da sociedade globalizada, inclusive quando cita “as relações sociais e comerciais” como um caminho a ser seguido, um padrão de comportamento frente ao panorama da globalização. Compreendemos a necessidade dos componentes curriculares ampliarem as possibilidades formativas dos futuros professores, especialmente em relação às tecnologias digitais. Contudo, há de se pensar também em uma formação que, além de fornecer conhecimentos e habilidades técnicas com as ferramentas do cenário global, necessita, primordialmente, produzir práticas que induzam os educandos e futuros professores em processo formativo a responderem criticamente a esta mesma sociedade, conhecendo e explorando os potenciais comunicacionais das TICs, a possibilidade de aprendizagem colaborativa, a participação ativa em movimentos, a construção de ações que envolvam a cidadania, inclusive a possibilidade de luta em prol da ciberdemocracia (LEMOS, 2014). Indubitavelmente, convém pensarmos nestes componentes sem ingenuidade, pois “vivemos num tempo de afirmação da identidade hegemônica do sujeito otimizador do mercado” (SILVA, 2010 p.8), o que exige uma postura reflexiva do educador frente a sua responsabilidade educativa, social e política. Consideramos fundamental compreender que:

[...] é nossa tarefa e nosso trabalho, como educadores e educadoras críticos/as, abrir o campo do social e do político para a produtividade e a polissemia, para a ambiguidade e a indeterminação, para a multiplicidade e a disseminação do processo de significação e de produção de sentido. Os mestres pensadores da metafísica econômica querem reduzir o espaço do político e do social às escolhas permitidas pelo mercado; nós queremos em troca, ampliar o espaço público e o do debate coletivo sobre o que significa uma “boa” sociedade e quais as melhores maneiras de alcançá-la (SILVA, 2010, p. 9).

A partir das compreensões do autor supracitado, percebemos que a tradição crítica em educação sempre esteve preocupada com as questões de currículo e sua centralidade na relação educativa, pois o mesmo solidifica ligações entre saber, poder e identidade. Deste modo, as políticas curriculares, além de autenticarem signos, conferem autoridade a uma

determinada voz, instituindo e constituindo o “real” desejado. Segundo o autor, este “real” representa os interesses da classe dominante, configurando-se através das políticas curriculares criadas. A potência que notamos em seu discurso refere-se à criticidade tão necessária no tempo atual, quando aborda a importância do debate coletivo sobre o que seria uma “boa” sociedade, sem que isto fosse imposto de forma verticalizada¹³.

Estendemos a reflexão sobre o que seria um “bom” currículo ou uma “boa” disciplina pedagógica a partir da participação legítima dos praticantes escolares, que precisam estar atentos sobre os rumos das políticas e reformulações curriculares vigentes. Entendemos por participação legítima aquela em que os praticantes escolares possam refletir e discutir ativamente sobre as transformações curriculares, tendo possibilidades de falar sobre suas realidades, dialogar sobre os desafios, as possibilidades e especificidades de suas localidades institucionais, em que os meios digitais não sejam utilizados apenas para constar uma “pesquisa”, através de enquetes sem ampla divulgação, mas, impreterivelmente, como potenciais comunicacionais em que todos os praticantes possam dialogar, produzir saberes e currículos. Consideramos fundamental que as vozes representativas das escolas sejam ouvidas e valorizadas de forma efetiva.

Viver na sociedade globalizada requer uma criticidade necessária. Desta forma, possuir uma disciplina que discuta a presença das tecnologias digitais torna-se fundamental. Ressaltamos, porém, a necessidade de transgredir as práticas implícitas no discurso da referida disciplina, tomando uma posição astuta sobre a mesma. Deste modo, as práticas formativas contra hegemônicas seriam o melhor caminho para romper com os objetivos mercadológicos incutidos na elaboração da disciplina. Com isto, não pretendemos negar a necessidade dos professores formarem-se para “usos” das tecnologias, já que o conhecimento técnico sobre as ferramentas é indispensável; porém, não deve limitar-se apenas ao manuseio instrumental. Reconhecemos o contexto da sociedade global e o panorama das TICs presentes em (quase)¹⁴ todos os ambientes, e que, apesar de a nova estrutura social caracterizar-se por

¹³ A expressão verticalizada refere-se à forma na qual a reforma curricular foi realizada, através de uma divulgação mínima nas escolas, subutilizando a rede para inserção de uma enquete que já desenhava seus objetivos implícitos, através das disciplinas que se pretendia retirar e inserir. Muitas disciplinas sequer apareciam na enquete para que a opinião dos praticantes fosse fornecida. No entanto, as mesmas fazem parte do currículo atual, mas foram excluídas da nova grade reformulada.

¹⁴ Não desconsideramos que o cenário da globalização é demarcado pela existência de desigualdades regionais e socioeconômicas, em que inúmeros estudantes não possuem disponibilidade de conexão. De acordo com pesquisa feita entre novembro de 2015 e junho de 2016, constatou-se que 3,6 milhões de crianças, em idade escolar, nunca tiveram contato com a internet, desconhecendo as potencialidades comunicacionais da rede (CETIC.br)

uma configuração tecnológica e informacional, seus modos de produção ainda são de base capitalista (CASTELLS, 2007).

A capacidade dos praticantes escolares produzirem mecanismos que ludibriem as tentativas de manipulação ou alienação subentendidas nas propostas curriculares, possibilita uma formação mais sólida, traduzindo-se em munição para a vida na sociedade, vida esta que não se limita a servir aos interesses da globalização com ingenuidade, mas, impreterivelmente, usa as suas ferramentas como ato de resistência e luta. Dialogamos, afinal, sobre uma disciplina que envolve a integração das mídias e novas TICs, destacando, inclusive, seus potenciais comunicacionais. Os instrumentos já estão em mãos, basta saber “utilizá-los”. Falamos aqui sobre as políticas curriculares realizadas através da disciplina de IMNT e suas interpelações no processo formativo dos professores de Nível Médio, que derivam diretrizes, normas e guias curriculares, que movimentam “uma indústria cultural montada em torno da escola e da educação” (SILVA, 2010, p.11).

Segundo o mesmo autor, a política curricular transformada em currículo reflete na escola e define as funções de autoridade e iniciativa versadas pelos professores e alunos, assim como determina o que transmite por conhecimento válido. Daí a necessidade de repensar e renovar os estudos e práticas curriculares, visto que, a todo tempo, o currículo é atingido frente aos novos paradigmas sociais, especialmente na atualidade, onde vivemos uma “hibridização de identidades” e a própria junção do homem com a máquina; uma era definitivamente cibernética, que precisa ser lida criticamente para não corresponder ao projeto hegemônico e sua visão de mercado, interessada em fabricar identidades afins aos seus interesses. No tempo de novas TICs, percebemos a necessidade de construção de identidades críticas, que lutem pela permanência do público, pela igualdade de condições, pela cidadania e justiça social, onde as tecnologias tornam-se meios para amplificar as vozes, produzir saberes, compartilhar culturas e confrontar as relações de poder, alienação e opressão.

Refletir sobre a inserção da disciplina de IMNT na grade curricular do Curso Normal remete pensar na cultura atual, em que as crianças e os jovens encontram-se imersos às tecnologias, apresentando grande facilidade em manusear todos os aparatos digitais, demonstrando uma relação de intimidade com as mídias. Neste sentido, novos desafios se colocam diante da formação de professores, pois tanto aqueles jovens que estão se formando em Nível Médio quanto àquelas crianças que serão formadas por estes profissionais nas séries iniciais, denominam-se nativos digitais.¹⁵ Deste modo, o documento referente à disciplina de

¹⁵ Os nativos digitais referem-se àquelas pessoas nascidas entre o fim de 1992 a 2010 (aproximadamente), denominados também de geração Z, período demarcado pelo crescimento da internet e avanço das tecnologias

IMNT propõe, a partir de sua redação, que os professores saibam lidar com as tecnologias, promovendo práticas pedagógicas que correspondam às especificidades da geração digital.

Nota-se este propósito através da seguinte afirmativa:

[...] as tecnologias que estão ao nosso alcance devem ser tratadas como instrumentos excelentes para promover o aprendizado de forma contextualizada, criativa e eficiente. Para isso faz-se necessário, que o professor lide bem com tais recursos, a fim de promover aulas mais atrativas para os seus alunos, em que exista a interação, imagens, sons, vídeos, fotografias, mensagens, jogos, programas, dentre outros. É evidente que o uso desses recursos deve estar muito bem organizado e planejado (SEEDUC, 2013, p.4).

O documento cita a importância das TICs comporem as práticas formativas dos professores, quando afirma a necessidade de organização e de planejamento das aulas. Aqui fica explícita uma intencionalidade didática, que envolve conhecer as tecnologias e utilizá-las de forma instrumental, o que, segundo o documento, conduziria a eficiência do ensino. Percebemos no documento a ausência de um incentivo à usabilidade crítica das TICs, superando um entendimento apenas instrumental sobre as mesmas. A proposta sinaliza unicamente a importância do docente “saber lidar bem” com as tecnologias, supondo assim a realização de aulas mais “atrativas”. Não intencionamos reduzir o significado do termo “atrativo”¹⁶, mas consideramos fundamental que, além da ideia de encantamento proporcionada pelas TICs, o que está em jogo é a necessidade de formação destes professores para um “saber lidar” que envolva conhecimentos instrumentais, pedagógicos, didáticos, epistemológicos e, especialmente, astutos; não minimizando o potencial das práticas formativas, que necessitam superar usos apenas instrumentais por meio de uma performance¹⁷

digitais. Para estes nativos, as tecnologias já são o próprio meio ambiente, demonstrando extrema intimidade e familiarização com as mídias digitais. Apesar da pesquisa proposta não objetivar realizar um estudo específico sobre a geração digital, ressalta sua relevância, especialmente em um estudo que engloba professores e alunos, compreendidos como aprendentes e ensinantes. Consideramos importante mencioná-la, entendendo que o alunado da atualidade refere-se a essa geração, tornando fundamental vivenciar práticas formativas que correspondam à realidade cultural destes sujeitos. Deste modo, pensar na disciplina de IMNT requer reconhecer e valorizar o contexto atual que envolve reconhecer as especificidades de sua geração.

¹⁶ Ao explorarmos o termo “atrativo”, percebemos uma alusão à ideia de usar as tecnologias como uma espécie de encanto, para chamar a atenção dos educandos. Aqui sinalizamos a possibilidade de visualizar as tecnologias digitais numa perspectiva muito mais ampla, através de um posicionamento crítico que supera a leitura minimalista de encanto ou florescência que se pretenda dar às TICs na perspectiva de uma ferramenta destinada a transmitir conteúdos e/ou informações.

¹⁷ A autora compreende a performance fundamental como aquela que certifica práticas formativas mediadas por TICs para além de uma visão apenas instrumental ou de ferramenta. Aquela que valoriza a cultura dos nativos digitais, levando-os a conhecer e utilizar as mídias com criticidade, não se tornando alienados, mas pensantes e exploradores de tecnologias como ambientes de aprendizagem significativos, de comunicação potencial, de produção e compartilhamento de saberes, de luta pela cidadania, de manifesto dos direitos humanos e de ativismo. O conceito de performance tem um sentido mais rico quando refere-se ao ato de desempenhar um

fundamental. Abaixo, para efeitos de visualização da proposta pedagógica da disciplina, apresentamos seu Currículo Mínimo, elaborado para orientar os assuntos bimestrais que devem ser contemplados pelos professores em suas práticas.

Figura 7 - O Currículo Mínimo da Disciplina de IMNT

Integração das Mídias e Novas Tecnologias		1ª SÉRIE - CURSO NORMAL
1º Bimestre		
TEMA	AS MÍDIAS E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) NA SOCIEDADE, NA VIDA E NA ESCOLA	
Habilidades e Competências	<p>Refletir sobre a influência do uso das tecnologias disponíveis na sociedade, na vida e na escola.</p> <p>Reconhecer a identidade do professor e do aluno em meio às TICs.</p> <p>Analisar o poder persuasivo das TICs na formação do indivíduo.</p> <p>Compreender a necessidade de atualização contínua para desenvolver competências que possibilitem um trabalho inovador com as TICs.</p> <p>Identificar as diferentes possibilidades de veiculação das informações nas diversas mídias.</p> <p>Explorar os recursos multimidiáticos e a internet na prática docente.</p>	
2º Bimestre		
TEMA	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E MÍDIAS DIGITAIS	
Habilidades e Competências	<p>Conhecer as diferentes linguagens midiáticas que favorecem a prática educativa.</p> <p>Apresentar possibilidades de exploração das diversas ferramentas tecnológicas como suporte a atividades pedagógicas.</p> <p>Estimular a utilização de mídias educativas para a construção de atividades motivadoras.</p> <p>Compreender a evolução histórica das ferramentas tecnológicas disponíveis, analisando as suas contribuições, suas ações e seus interesses para a sociedade.</p> <p>Identificar a usabilidade dos jogos e programas educativos que facilitam a aprendizagem escolar.</p>	
3º Bimestre		
TEMA	INTERNET, COMUNICAÇÃO E APRENDIZADO	
Habilidades e Competências	<p>Utilizar a internet e as redes sociais de maneira crítica e reflexiva.</p> <p>Analisar as contribuições que a internet proporciona ao aprendizado e à comunicação em geral, considerando o seu uso responsável.</p> <p>Reconhecer a relação ética que deve existir na comunicação entre os usuários da internet e os recursos de que ela dispõe.</p> <p>Diferenciar os diversos tipos e funções de redes sociais.</p>	
4º Bimestre		
TEMA	EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	
Habilidades e Competências	<p>Caracterizar as modalidades de educação a distância, identificando as possibilidades do uso das TICs.</p> <p>Conhecer as diversas funcionalidades dos ambientes virtuais de aprendizagem para desmistificar a Educação a Distância.</p> <p>Perceber a importância do ciberespaço como dispositivo de construção do conhecimento e de colaboração na internet.</p> <p>Identificar sítios de pesquisa confiáveis, adequados às situações educativas e do cotidiano.</p>	

Fonte: SEEDUC, 2013

papel, oferecendo um significado mais potencial do que o termo “usabilidade”, que refere-se ao ato de usar, mais afinado à proposta da tecnologia no contexto de ferramenta e ou apenas instrumento.

A apresentação dos conteúdos sugerem temáticas importantes para serem trabalhadas nas aulas, necessitando transformarem-se em Políticas de Presença diante das realidades existentes. Não adianta existir um programa nutrido de teorias e conteúdos, mas esvaziado de substâncias que promovam as concretudes.

Consideramos indispensável pensar as TICs em uma perspectiva reflexiva, visto que não basta a criação de programas e currículos, que em suas propostas visualizam as tecnologias digitais apenas como instrumentos inovadores de ensino. De acordo com Peixoto (2015), as tecnologias não aparecem nos programas de formação de professores como objeto de pesquisa e reflexão, mas apenas como ferramentas ou meios de trabalho. Neste sentido, o currículo formal apresenta uma projeção das “tecnologias como instrumento”, intencionando educar os professores apenas para uma usabilidade das TICs como recursos didático-pedagógicos, denotando a ausência de propostas que estimulem seu estudo em um contexto mais amplo e reflexivo. Neste sentido, a proposição contida no documento apresenta uma conotação embasada no interesse em instrumentalizar os futuros professores para seu exercício laboral diante do cenário da sociedade globalizada. A seguinte afirmativa confirma esta análise quando expõe que:

Refletiu-se, ainda, sobre a formação do educador para enfrentar os desafios postos pela sociedade da informação e do conhecimento na inserção de um sujeito atuante no mundo do trabalho, que utilize as novas ferramentas para auxiliá-lo na construção de suas aulas e no despertar do aluno para o aprendizado (SEEDUC, 2013, p. 5).

Obviamente, consideramos fundamental que os professores estejam habilitados para utilizarem as tecnologias digitais, afinal, vivemos uma sociedade global, sendo as TICs o que a caracteriza. Mediante a isso, reforçamos a necessidade de responder a esta sociedade com sabedoria, perspicácia e profissionalidade, superando a dimensão apenas instrumental das TICs.

Ressaltamos, ainda, que a profissionalidade aqui citada envolve uma docência munida de conhecimentos teóricos e práticos sobre as TICs, através de uma cientificidade não limitada a servir, mas impreterivelmente disposta a intervir nas realidades de um universo que denomina-se global, mas que não efetiva-se como globalizante. Sobre este aspecto convém afirmar que, para uma sociedade definir-se globalizante, necessita atender a todos, sem que haja uma distinção de status econômico ou social, através de uma relação de exploradores e explorados, interessada apenas em legitimar a continuidade do poder hegemônico em detrimento da manipulação da escola como uma tecnologia de controle, que de forma

implícita, imprime seus ideais através dos planejamentos e programas curriculares atuais, inclusive no documento aqui analisado.

Ainda nesta perspectiva ressaltamos que:

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optarmos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na história. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca (FREIRE, 1996, p.127-128).

Consideramos fundamental refletir sobre a “malvadez intrínseca” à globalização que, ao compreender a escola como uma tecnologia de controle, faz dela o plano de fundo do capital, inserindo programas e conteúdos curriculares que representam seus interesses. Analisamos aqui trechos do documento de apresentação da disciplina de IMNT e percebemos os objetivos implícitos em sua proposta. Conceituar a escola como tecnologia de controle significa usá-la como produção de capital humano para atender as demandas do mercado. Lá serão formados os sujeitos que, de acordo com as propostas curriculares, estarão “aptas” para atenderem as demandas da globalização numa perspectiva de consumo.

Ao fazer um estudo sobre a abordagem determinista das tecnologias, Peixoto (2015) menciona que sua base está nas tecnologias como determinantes para a organização social. Neste sentido, as tecnologias possuem uma lógica própria e uma espécie de “poder” sobre os seus usos. A teoria determinista situa a interatividade como própria do computador, dependente apenas do programa, aplicativo ou sistema, e não do professor que estaria utilizando o recurso. Outra vertente discutida pela autora refere-se à tecnologia como instrumento neutro. Sua base estaria nas TICs como meios ou recursos, em que sua finalidade, diferente da determinista, condiciona-se às apropriações que cada docente fará delas. Desta forma, esta perspectiva estaria atrelada ao sentido de recurso didático, entendida como meio de executar uma atividade. O professor definiria qual método utilizar, se o transmissivo ou construtivo, onde a interação, por exemplo, dependeria da ação docente, não sendo própria da tecnologia.

Ao mencionar as duas abordagens, a autora citada acima afirma que ambas não refletem sobre a abrangência dos fatores macroestruturais relacionados às TICs no universo da globalização, estando a determinista embasada apenas na concepção das tecnologias como ferramenta didática inovadora, embuída de um “poder transformador” das práticas

escolares. Já a instrumental foi fundada exclusivamente na concepção de TICs como meios de transmissão e emissão da informação, de apresentação de conteúdos que podem ser explorados pelo professor como recursos/instrumentos. Desta forma, ambas as perspectivas não identificam uma ligação entre os projetos educacionais para as TICs e os processos de exclusão econômica e visão de mercado, acrescentando ainda que:

[...] o aprendizado ao longo da vida, a preparação para o trabalho coletivo ou a importância da autonomia são tomados como referência para a ação com os alunos, sem que se destaque o fato que essas metas significam uma preparação para o nosso tempo, porque atendem as demandas para o mercado de trabalho neoliberal. Ou seja, a educação de qualidade por meio da inclusão digital não atende apenas os desejos dos alunos que frequentam as escolas: ela se coaduna a um projeto econômico que não visa a emancipação dos trabalhadores e nem a formação para a cidadania, conforme o propalado, mas a ampliação de um mercado de consumidores e de um quadro de trabalhadores competentes segundo as leis do mercado (PEIXOTO, 2015, p.323-324).

Permanecemos analisando o documento, refletindo criticamente sobre o que reza a política da disciplina aqui discutida. Entre seus fragmentos, consta a afirmativa a seguir:

Partimos do pressuposto de que a tecnologia já é utilizada no cotidiano escolar; entretanto consideramos a necessidade de ampliar as potencialidades de seus diferentes meios. Compreendemos que o trabalho desenvolvido com o uso das tecnologias pode representar uma mudança qualitativa no processo de ensino e aprendizagem (SEEDUC, 2013, p. 4).

Observamos o reconhecimento da presença da tecnologia no cotidiano escolar e a sinalização de ampliação de seu uso com o intuito de promover qualidade para o processo de ensino aprendizagem. Mais uma vez, a imagem de instrumento promovedor da qualidade da educação se afirma no documento. O autor Filé (2015) ressalta a necessidade de pensar sobre as tecnologias, não em si mesmas, mas, impreterivelmente, nas suas repercussões sobre a vida cotidiana, acrescentando ainda que as noções que muitos possuem sobre as TICs apresentam-se limitadas à dimensão instrumental, restrita à realização de tarefas, impedindo leituras mais amplas que se referem à complexidade que envolve as tecnologias na sociedade global. Neste sentido:

Tais reduções nos levam inevitavelmente a considerar as TICs a partir de interesses mercadológicos, passando pela criação de necessidade de consumo de determinados produtos, independentemente de projetos dos usuários, das necessidades e das condições que envolvem tais usos (FILÉ, 2015, p.276).

Aqui refletimos sobre as Políticas de Ausência do documento, quando discursa sobre as TICs numa perspectiva apenas instrumental, desconsiderando reflexões mais amplas e ignorando a criticidade necessária frente ao contexto das tecnologias na sociedade globalizada. Conclui-se que a qualidade da educação estaria atrelada ao “uso” da tecnologia, sem registrar oficialmente em sua proposta, a necessidade de estruturar a escola para uma acessibilidade dos recursos de acordo com sua realidade local. Afinal, se as tecnologias são instrumentos necessários à escola, elas precisam estar acessíveis, abertas, conectadas, atualizadas, em estado de usabilidade e não de sucateamento. O documento sinaliza que, a partir de cada realidade, “podemos utilizar as TICs como ferramenta educacional, possibilitando a interação entre diversas disciplinas, aparentemente distintas umas das outras”. Tal processo poderia, segundo o documento, “aperfeiçoar a formulação de um saber crítico-reflexivo” (SEEDUC, 2013, p.4).

Sobre o exposto, convém pensar que a relação teoria e prática em educação deve ser premissa de qualquer ação pedagógica. Então, pensamos em alguns aspectos que envolvem o contexto escolar: a) Utilizar as tecnologias como ferramenta educacional pressupõe acesso a elas; b) A interação entre diversas disciplinas, além de pressupor acesso às TICs, necessita de um engajamento político-pedagógico, que englobe planejamentos coletivos, trocas entre docentes, momentos para dialogar, aprender-ensinar juntos; “sem isso, continuaremos a repetir intenções que dificilmente terão uma tradução concreta na vida dos professores e das escolas” (NÓVOA, 2013, p. 206); c) Para um saber crítico-reflexivo, a dimensão da tecnologia não deve restringir-se apenas ao conceito de recurso ou ferramenta, pelo contrário, teorias, epistemologias, filosofias, metodologias, estudos e pesquisas sobre os potenciais comunicacionais das TICs na perspectiva dialógica e os efeitos da tecnologia na vida social precisariam superar as propostas conservadoras, apenas preocupadas com a habilidade técnica do docente para manuseio das ferramentas como recursos transmissivos de conteúdos; “é importante que as TICs sejam tratadas pela educação não pelo viés do mercado” (FILÉ, 2015, p. 278); e d) A formação dos professores para uso das tecnologias da educação exige um pensar junto, onde a dimensão educacional não se limita apenas à instrumentalização, mas, junto a ela, valorize as formações em serviço, reserve momentos de planejamento reais nas escolas, onde os professores possam aprender uns com os outros. Não descartamos os programas de capacitação instrumental, mas acrescentamos aquela em que os professores pudessem ter espaços de encontro em suas escolas, criando metodologias de ensino diferenciadas, formando-se com ética e respeito aos saberes do outro e de suas experiências,

isto é, reconhecendo “a necessidade de a formação de professores se fazer a partir de dentro da profissão” (NÓVOA, 2013, p.201).

Certamente, as proposições acima compreenderiam uma intervenção sobre as Políticas de Ausência, transformando-se em Políticas de Presença. Diante das colocações do documento da disciplina de IMNT, muitos fios precisariam ser tecidos, no sentido de promoverem uma educação realmente significativa, preocupada não só em atender as demandas da globalização, mas, impreterivelmente, intervir nos entornos da sociedade em busca de “transformações sociais e políticas” (LEMOS, 2010, p.27). As práticas educacionais mediadas por TICs numa dimensão reflexiva e atuante rompem com sua subutilização tão presente nas propostas e programas curriculares.

Ao realizarmos a leitura do documento referente à disciplina de IMNT, observamos que seu texto conclusivo apresenta a seguinte declaração:

A construção deste documento se deu por intensas pesquisas bibliográficas, debates aprofundados, olhar crítico e o propósito principal foi aproximar os conteúdos curriculares da realidade dos alunos e dos professores da rede estadual de ensino. Por isso temos a convicção de que haverá uma implantação bem-sucedida por parte dos professores, já que estes foram coautores, de fato, desta proposta. Tal colaboração foi fundamental para transferir o olhar de cada um e das suas respectivas realidades ao documento aqui apresentado (SEEDUC, 2013, p.5).

De acordo com a afirmativa, percebemos um discurso que fundamenta a elaboração do documento de forma coletiva, contando com pesquisas teóricas e “debates” com alguns praticantes escolares. Neste sentido, começamos a pensar na concepção conservadora de educação, quando compreende a tecnologia como ferramenta ou recurso didático instrumental. Nota-se um aprisionamento na concepção tradicional de ensino, quando o olhar para as TICs se resume à ótica da transmissão do conhecimento, através dos dispositivos que predominam a sociedade da informação. Talvez a perspectiva de transformação mais aparente na proposta curricular da disciplina refira-se à existência de novas tecnologias, afinal, inúmeros são os aplicativos, *hardwares* e *softwares* inventados e reinventados na atualidade, disponíveis para usos, tornando estática apenas a forma de pensar a educação que, em sua estrutura, ainda versa uma concepção de ensino conservadora. Os métodos de ensino, suas propostas e práticas pedagógicas intencionadas no documento também precisam ser reinventadas, mais precisamente, transformadas. Sobre este aspecto lembramos que:

[...] é preciso considerar que o acesso e a utilização das tecnologias condicionam os princípios e as práticas educativas e induzem profundas alterações na organização didático-curricular. Não se trata, portanto, de adaptar as formas tradicionais de

ensino aos novos equipamentos ou vice-versa. A opção e o uso da tecnologia digital, sobretudo das redes eletrônicas de comunicação e informação, mudam toda a dinâmica do processo (KENSKI, 2008, p.92).

Consideramos fundamental pensar na concepção de tecnologia apresentada pelo documento, que muito se relaciona à tradição escolar fundamentada na transmissividade dos conteúdos. Deste modo, as reformas e programas curriculares ainda alimentam-se dos ransos da educação clássica, mesmo em meio a tantas tecnologias digitais, que evidenciam outras formas de pensar, fazer, (con)viver, criar e (com)partilhar saberes. Percebe-se que as configurações de base do ensino permanecem intactas, apenas com algumas transformações que envolvem mais o âmbito do cenário educacional perpassado por TICs do que propriamente mudanças estruturais das propostas e modelos educacionais vigentes.

Reforçamos, ainda, a necessidade de pensar sobre a convicção do sucesso da disciplina, associada às ações do professor contidas no documento, pois muitos são os aspectos que envolvem o processo de execução da disciplina nas localidades escolares para tamanha redução do discurso. Referimo-nos aqui sobre outras Políticas de Ausência, traduzidas pela falta de TICs acessíveis às escolas, carência de computadores e outros artefatos conectados à internet, ausência de recursos audiovisuais que permitem a produção de ricas polifonias, (des) conhecimento técnico, científico, teórico e metodológico sobre as tecnologias educacionais, deformação dos modos de ver e conceber a escola perpassada por celulares nas mãos dos praticantes escolares, mas ainda invisibilizados pedagogicamente pela escola. Compreendemos que “uma implantação bem-sucedida” da disciplina de IMNT não depende unicamente da ação do professor, exigindo outras políticas de ação emergenciais que caminhem ao encontro de uma reestruturação da gestão educacional e da flexibilização das estruturas de ensino (KENSKI, 2008, p.86).

Convém afirmar que, em relação às práticas docentes, estas tendem a constatar-se como as Políticas de Presença mais concretas vistas nas localidades escolares que, frente às inúmeras dificuldades cotidianas, sobrevivem astutamente às imagens reais de seus espaçostempos, que sofrem a violência do abandono e do descaso característico das políticas de ausência aqui discutidas. Compreendemos as Políticas de Presença vivificadas no cotidiano escolar pelos praticantes escolares como aquelas produtoras de sentidos, que se apresentam criativas diante dos cenários que as tomam, geradas através das experiências vividas em suas práticas contextuais (LOPES, 2010). Tais políticas, em oposição às de Ausência, transfiguram-se em modos astutos de (re)ação.

4.1 A docência como Política de Presença na disciplina de IMNT

Ao pensar sobre a docência, começamos refletindo sobre a força motora que alimenta “o ser professor” de todos nós. Notadamente, há uma fusão da personalidade com a profissionalidade (NÓVOA, 2013), caracterizando identidades docentes próprias, peculiares, tão particulares que se assemelham às digitais, ou seja, cada um possui a sua. Contudo, a grande riqueza da profissionalidade docente refere-se à possibilidade de conhecer e aprender com as experiências do outro, afinal, o ensino abraçado pela docência define-se como um processo cultural rodeado pelo conhecimento de mundo, pelas vivências, experiências e modos de ser/estar no cotidiano escolar que, ao somar-se às historicidades de seus entornos, ganham novos sentidos e novas práticas. Assim, pensamos na potência característica dos praticantes escolares (docentes) que, em meio às suas práticas pedagógicas específicas, não abandonam a prática de questionar, inquietar e pensar sobre os rumos da escola, sobre os sentidos ou não sentidos de seus currículos, suas presenças e ausências e as mazelas que os afligem diariamente.

Certamente, existe uma força motriz que vitaliza o pensamento educacional, fazendo a profissão docente ser vivida com ênfase na ação, afinal, a prática de ensinar é uma habilidade inerente ao professor, normalmente acompanhada da capacidade de “decidir politicamente pela responsabilidade vital de educar” (CORAZZA, 2016, p.1315); uma prática entendida como poética e política. Poética por demonstrar uma arte de sentir e fazer a escola, e política porque educar não se esgota à prática da teoria ou apenas no falar bonito (FREIRE, 1996, p.47), ela se estende à concretude, ou seja, à ação propriamente dita, (re)inventada por cada um e (re)vitalizada por um anseio de mudança.

Com isto, queremos dizer que o desejo de transformação que instiga os professores também procede de suas realidades locais, do chão que pisam, ora calçados ora descalços, num processo constante de sofrimentos e alegrias, do ímpeto de seus manifestos, das artes e das poéticas que lhe tomam um fazer necessário. De fato, há uma poética e uma política movente nas práticas de cada professor, nos fazendo compreender que:

Certamente, é por meio da vontade do que poderemos ser um dia, que não nos deixamos reduzir a meros aparatos receptores e transmissores; tampouco a emissores de reflexos e instrumentos de condicionamentos; condições que nos levariam à dominação; ao servilismo dos velhos problemas acompanhados das caducas soluções; e, mesmo, ao consenso usual e corrente, que reduz as ações docentes a dar uma aula, um currículo, um conteúdo ou uma matéria (CORAZZA, 2016, p. 1317).

Na perspectiva do currículo, mais precisamente da matéria, discutiremos neste subcapítulo sobre as Políticas de Presença contidas nas (re)ações pedagógicas dos professores que lecionaram este componente curricular aqui discutido. Denominamos de Políticas de Presença àquelas referentes às práticas astutas dos educadores e educandos que, de algum modo, revelam uma arte de fazer a disciplina de IMNT em seu cotidiano. Consideramos os saberes construídos pelo coletivo escolar como legítimos (DURAN, 2007), pois estes desenvolvem suas práticas formativas a partir de suas realidades, promovendo novos valores, sentidos e representações. Reforçamos a importância de olhar atentamente para as apropriações que os usuários fazem dos produtos que lhe são apresentados para consumo (CERTEAU, 1994), visto que estas práticas traduzem-se como verdadeiras Políticas de Presença, pois se encontram no cotidiano escolar, mais precisamente, no chão da escola, através das experiências dos professores e alunos que, de algum modo, vivificam a disciplina de IMNT, construindo suas identidades, inventividades e possivelmente astúcias.

Partindo da temática “astúcia” aqui exposta, lembramos que entre os dados coletados no decorrer da pesquisa, talvez um dos mais surpreendentes tenha sido a possibilidade de exclusão da disciplina de IMNT da grade curricular do Curso Normal. Logo, o estudo foi tomado por mais um embate: as práticas formativas e experiências tecidas nesta disciplina seriam silenciadas. Desta forma, o incômodo da notícia gerou outras medidas de resistência: seria necessário olhar os praticantes escolares e notar suas Políticas de Presença locais (suas astúcias), expressadas nas produções, inventividades e ações desenvolvidas no cotidiano escolar, que vitalizam tantas práticas formativas ainda não vistas. Assim, prosseguimos a pesquisa, escrevendo o não dito e o não visto pelos programas curriculares, mas construída na realidade da escola, no chão pisado, no ar respirado e no híbrido que envolveu as práticas formativas da disciplina de IMNT, permeada por encontros que reuniam virtualidade e presencialidade dos praticantes, misturando objetos técnicos com o humano (SANTOS, 2014).

Ressaltamos a necessidade das políticas educacionais valorizarem aqueles que estão no terreno escolar, desenhando suas histórias, experiências, aprendizagens e construções. Desta forma, excluir um componente curricular recentemente “nascido” tornou-se um dado importante para a pesquisa, precisando ser analisado com cautela, pois inúmeros tornaram-se os questionamentos a esse respeito. Neste sentido, as entrevistas realizadas com os docentes também demarcaram dados importantes sobre a ausência/permanência deste componente curricular. Anterior ao destino de um fim ainda incerto, refletimos também sobre as vivências e produções ali constituídas, sobre as práticas formativas em forma de Políticas de Presença,

que podem pelo menos, sinalizar possibilidades de sua permanência, pois as mídias estão na escola infiltrando suas paredes (SIBILIA, 2012). A partir do exposto, compreendemos a importância de verificarmos os “currículos” produzidos nas relações cotidianas de seus praticantes, assim como as possibilidades discursivas no ambiente de formação de professores, orientando e refletindo sobre os “usos” realizados através das tecnologias da informação e comunicação. As vozes aqui amplificadas contribuíram para uma melhor compreensão sobre os desafios/possibilidades da disciplina de IMNT. Entre as perguntas feitas aos professores, a primeira delas referiu-se à sua opinião sobre este componente curricular. Neste sentido, segue a opinião de um dos sujeitos da pesquisa:

Bem, a minha opinião sobre a disciplina né, primeiro assim: eu caí de paraquedas nesta disciplina, quando eu assumi não tinha outra coisa, me colocaram isso, Infelizmente não foi nenhuma disciplina que eu tenha escolhido pra atuar. É eu fui tomar ciência da existência dela no dia que eu cheguei e me pediram que lecionasse essa disciplina né, então eu fui tomar pé, pegar toda a diretriz curricular pra ver como que eu poderia trabalhar, mas assim, já de antemão eu entendo que é uma disciplina importante, eu acho que ela contextualiza, é... como eu posso te dizer? Não é que ela contextualiza, ela está contextualizada com o que a gente tem vivido, né. Eu acho que é uma forma da educação caminhar com os avanços tecnológicos que estão colocados na sociedade. Que não dá assim pra gente enquanto educador né e formando futuros educadores achar que a gente pode simplesmente fazer uso do lápis, papel, borracha, o quadro e o giz. Então assim, eu acho que o intuito dessa disciplina é também trazer novas possibilidades de recursos que podem ser utilizados na educação né, pra incrementar e pra melhorar (Professora#1).

Como ponto de partida, analisamos a fala inicial da docente, que afirmou ter assumido a disciplina sem que esta fosse um componente curricular de seu conhecimento, percebemos, através da expressão “eu caí de paraquedas nessa disciplina”, que a professora não tinha como área de interesse sua regência, algo que se confirma através da afirmativa “quando eu assumi não tinha outra coisa, me colocaram isso, infelizmente não foi nenhuma disciplina que eu tenha escolhido pra atuar.” Notamos que assumir a disciplina apresentou-se, inicialmente, como um desafio para a professora. A resposta à pergunta realizada veio após seu desabafo inicial, quando a docente compreende a importância das TICs para a formação dos futuros professores, entendendo que as tecnologias mais clássicas, como o lápis, o quadro e o giz não deveriam ser os únicos instrumentos utilizados em sua prática pedagógica e nas práticas de seus alunos, futuros professores. A docente associou a ideia das TICs como recursos que poderiam contribuir com a qualidade da educação, possibilitando um melhor desenvolvimento. Apesar de demonstrar-se inicialmente temerosa com a regência de uma disciplina nova, houve uma iniciativa de busca, de leitura e enfrentamento do desafio, não estagnando sua prática ao lócus de não formação para o trabalho, mas de busca ao

conhecimento. Ao realizarmos a mesma pergunta a outro docente, obtivemos a seguinte resposta:

A disciplina é boa, a proposta da disciplina eu acho que é válida, só que a falta de recurso e a falta de espaço pra trabalhar eu acho que atrapalha, só que a disciplina e até o currículo mínimo né foi bem trabalhado. Eu acho que ao invés de estar no primeiro ano que eles estão muito sem base, ela deveria ir para o 2º ano ou 3º ano, eu acho que essa arrumação não foi uma arrumação legal (Professor#2).

Ao referir-se à disciplina, o professor concorda com o seu planejamento teórico, contido na proposta do Currículo Mínimo, e acrescenta algumas críticas em relação à sua inserção no 1º Ano, entendendo que a proposta pedagógica da disciplina poderia ser explorada em uma das séries seguintes, pois os alunos já estariam mais ambientados com a proposta do Curso Normal e teriam mais maturidade para as discussões. Entre as considerações do professor, percebemos a sinalização da ausência de infraestrutura como um problema para o desenvolvimento das aulas. Consideramos relevante analisar os dados emitidos por todos os professores sobre a primeira questão, entendendo ser esta fundamental para a proposta da pesquisa. Aqui, buscamos entender o que pensam os docentes regentes sobre a disciplina estudada, afinal, estes vivenciaram cotidianamente o componente curricular. Neste sentido, o terceiro docente afirmou que:

Olha, é... a primeira experiência que eu tive não foi nem exatamente no Clélia Nanci, tá? Em 2008 eu trabalhei no Curso Normal no Colégio Frederico Azevedo e lá o PPP, eles trabalhavam com uma disciplina chamada Tecnologia Educacional. Foi lá que eu tive assim meu primeiro contato, é trabalhando para o Curso Normal com esse tipo de disciplina. E se a sua pergunta foi da importância da disciplina no sentido da formação pras alunas, é... eu acho muito importante, tá? Acho muito importante sim porque hoje em dia né, informática, é mídias, tecnologias, isso faz parte da vida cotidiana de praticamente todas as pessoas e qualquer profissional precisa ter um mínimo de conhecimento e dominar um pouco esse assunto pra poder trabalhar com os alunos, porque os jovens principalmente são aqueles que estão mais inteirados desse tipo de novidade, de tecnologia, das coisas que surgem. Então o profissional precisa tá no mínimo inteirado, capacitado pra lidar com essa realidade (Professor#3).

A fala deste professor apresenta algumas informações importantes. A primeira delas refere-se ao Projeto Político Pedagógico (PPP) de outra escola que também atendia a modalidade de ensino Normal e que inseriu em sua proposta uma disciplina destinada a trabalhar as mídias. Não existia este componente no Currículo Mínimo anterior, porém, a escola, através de suas Políticas de Presença, desenvolveu atividades sobre esta temática, demarcando a cultura e o currículo daquele espaço como prática de produção e sentido

(SILVA, 2010). O professor percebe relevância na disciplina, citando a necessidade dos docentes estarem capacitados para lidarem com o contexto das mídias que já está posto.

No que se refere à opinião dos docentes entrevistados, percebemos que ambos possuem um olhar positivo em relação à disciplina, pelo menos no que se refere à formação dos futuros professores. Os docentes apresentam em sua fala a relevância da disciplina em suas práticas e nas práticas dos futuros professores que ali estão se formando. Ambos concordam que a formação de professores precisa desenvolver atividades que englobem as tecnologias, entendendo ser esta a cultura atual. Neste sentido, os educadores não se opõem à temática das TICs na escola, o que revela a possibilidade de valorização da identidade cultural dos alunos e a possibilidade de reinvenção da escola (CANDAUI, 2015). A autora compreende a “reinvenção da escola” como um processo de desenvolvimento dos processos educacionais articulados ao seu contexto histórico, situado ao momento em que se encontra, em que a educação contemple os processos sociais, trabalhando teoria e prática com os educandos, valorizando sua cultura e realidade em favor de uma educação significativa, plena e produtora de sentido. Acrescenta-se, ainda, a perspectiva de reinvenção da escola, aquela em que as práticas de ensino-aprendizagem consigam:

Favorecer processos de construção de sujeitos autônomos, competentes, solidários capazes de ser sujeitos de direito no plano pessoal e coletivo, capazes de construir histórias e apostar em um mundo e em uma sociedade diferentes, de utilizar metodologias ativas, participativas, personalizadas e multidimensionais, articuladoras das dimensões cognitiva, afetiva, lúdica, cultural, social, econômica e política da educação (CANDAUI, 2015, p. 8).

Atentamos para a valorização da cultura dos discentes que, na perspectiva da pesquisa, referem-se à cultura digital, mas sinalizamos a relevância das “metodologias ativas”, que exigem outras formas de educar, distantes de uma concepção conservadora e transmissiva de conteúdos que nada correspondem aos educandos da atualidade. Neste sentido, a disciplina de IMNT, enquanto espaço formativo, seria um ambiente propício para práticas formativas mediadas por tecnologias digitais como meios de educar pensando na cultura atual, que vive imersa às TICs. Refletimos sobre uma proposta educacional que se preocupa também com a metodologia do trabalho pedagógico, pois não caberia pensar no ambiente da cibercultura apenas como fonte de consumo de informação e, muito menos, nos artefatos culturais como meros objetos para transmissão de conhecimentos. A lógica da metodologia ativa exige dar voz aos alunos, dar visibilidade aos seus conhecimentos, entre eles, os tecnológicos,

traduzindo-se as práticas formativas como possibilidades de maximizar os conceitos sobre ensino e aprendizagem.

Sobre o exposto, necessitaríamos pensar no uso da tecnologia como mediação pedagógica (MASSETO, 2000), o que sugere o rompimento com práticas de ensino transmissivas, apoiadas em metodologias tradicionais. Neste sentido o autor afirma:

[...] em educação escolar por muito tempo – e eu diria mesmo, até hoje -, não se valorizou adequadamente o uso da tecnologia visando a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e mais eficaz. Se nos perguntarmos o porquê desse fato, encontraremos em algumas situações, por exemplo, a convicção de que o papel da escola em todos os níveis é o de “educar” seus alunos – entendendo por “educação” transmitir um conjunto organizado e sistematizado de conhecimentos de diversas áreas (MASSETO, 2010, p.133-134).

O autor chama atenção para o papel assumido pela escola historicamente, preocupada com a transmissão de valores e padrões de comportamentos sociais próprios da sociedade em que vivem, conservando um “patrimônio cultural da humanidade” propício à conservação de atitudes sociais esperadas. Desta forma, as práticas formativas realizadas através do uso das TICs, acabaram adquirindo a mesma postura transmissiva: os professores formaram-se para reproduzir a valorização dos conteúdos, privilegiando a técnica da aula expositiva em detrimento de outras possibilidades ainda não notadas. Há uma supervalorização do domínio dos conteúdos e uma ausência de valorização das TICs como possibilidade formadora, tornando-se estas, apenas instrumentos de transmissão do conhecimento. Muda-se o cenário, o quadro de giz e quadro branco dão lugar aos computadores, aos retro projetores, às lousas digitais, aos *tablets* e celulares; porém, a metodologia de ensino permanece na técnica da aula expositiva, constituindo-se em uma sala de aula aparentemente transformada, pelo menos através de novos artefatos, mas com a mesma metodologia de antes. Se fôssemos representar este novo cenário educacional na arte, diríamos que é uma obra vintage, apesar dos “novos” equipamentos, a figura docente ainda seria “antiga”, pelo menos no que se refere à metodologia aplicada. Teríamos as TICs concebidas como transmissoras de conhecimento e não ambientes de produção de saberes.

Possivelmente, esta relação das TICs como instrumento de emissão/transmissão de conteúdos seja oriunda das experiências educacionais concebidas pelo tecnicismo característico das décadas de 1960 e 1970. As teorias comportamentalistas reforçavam a autoaprendizagem, o tempo de aprender de cada um, mas também defendia uma espécie de instrução programada dos educandos, cabendo aos professores tornarem-se meros executores dos programas escolares. Neste sentido, os alunos possuíam um comportamento passivo,

cabendo apenas receber os ensinamentos que lhes eram transmitidos. Desta forma, o cenário tecnicista ocasionou inúmeras críticas dos educadores, inclusive pela associação de seus conceitos “aos programas de qualidade total implantados nas empresas e transferidos diretamente para a escola, sem maiores análises, como se escola e empresa se equivalessem em objetivos, organização, funcionamento e resultados” (MASETTO, 2010, p.136).

O referido autor acrescenta que muitos educadores ainda não valorizam as TICs no ambiente escolar devido a uma associação com a proposta neoliberal para a educação. A partir do exposto, lembramos de Althusser (1985), ao afirmar que escola concebiam-se como aparelho ideológico do estado, promovendo as forças produtivas que corresponderiam aos interesses do capitalismo. Nesta mesma lógica, Rocha (2011) sinaliza que a instituição escolar define-se como aparelho ideológico do mercado, atendo-se em preparar os sujeitos como mão de obra para uma sociedade individualista, competitiva, excludente e seletiva. De acordo com o autor, há uma privatização da escola onde, ao invés de educação, os alunos são submetidos a uma escolarização predominantemente mercantilista. O autor enfatiza que as TICs tornam-se um exemplo do funcionalismo mercadológico da educação, refletindo sobre a necessidade de propor outras formas de aprendizagem e não apenas modos modernos/tecnológicos de “ensinagem”. Desta forma, as TICs não podem determinar a aprendizagem ou o sentido da escola, mas sim as Tecnologias de Aprendizagem e Convivência (TACs), que dariam significado à vida humana. A crítica do autor refere-se a uma usabilidade das TICs destinada aos interesses da economia e do neoliberalismo e, não, à realização plena da humanidade. Através de um olhar atento, sugere-se que TICs e TACs caminhem em ritmo cadenciado, na busca pelo desenvolvimento de uma educação realmente significativa, onde o educador posiciona-se como um aprendiz permanente, atento às realidades dos alunos, seus interesses e saberes, oportunizando experiências formativas que os conduza a uma vida humana feliz, realmente plena.

Através de suas compreensões, enfatizamos a necessidade de refletir criticamente sobre o papel das TICs na escola atual, rompendo com as maneiras conservadoras de ver e conceber as TICs. Neste sentido, acrescentamos que:

[...] a tecnologia apresenta-se como meio, como instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem. A tecnologia reveste-se de um valor relativo e dependente desse processo. Ela tem sua importância apenas como instrumento significativo para favorecer a aprendizagem de alguém. Não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional do Brasil. Poderá colaborar, no entanto, se for usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional de nossos estudantes (MASETTO, 2010, p. 139).

O autor denota a tecnologia como um meio de favorecer a educação, não destinando a ela um papel redentor ou salvacionista, mas conduzindo a uma reflexão sobre uma forma colaborativa de promover a educação, através das TICs. Obviamente, pensar nas possibilidades formativas permeadas pelas tecnologias digitais, implica primeiramente em refletir sobre as ações pedagógicas que se fazem através delas. Não há como separar as práticas docentes das apropriações tecnológicas realizadas no contexto escolar. Atrelada a estas apropriações, há de se pensar na mediação pedagógica, processo este que se dá através de uma concepção de ensino dialógica, interativa e participativa.

Com a finalidade de verificar se a regência da disciplina apresentava mais possibilidades ou desafios no cotidiano escolar, analisando inclusive as reverberações para as práticas formativas ali realizadas, pedimos aos professores que falassem sobre. Obtivemos como resposta:

Com certeza mais desafios porque assim, muitas coisas eu fui tomando conhecimento quando eu assim comecei a estudar, buscar entender melhor a disciplina, entendeu? Então com certeza mais desafios. Um dos maiores desafios foi me deparar com algumas tecnologias, algumas mídias, alguns programas as vezes que tinha no computador, algumas atividades que eu queria desenvolver com eles e eu percebia que eu não tinha muito domínio daquilo e acabava que os alunos me davam assim (risos) é... Interessante isso né, porque as alunas começavam assim a me ajudar a pensar sobre aquilo ali, entendeu? Professora por que a gente não faz assim? [...] Então às vezes eu pensava algumas aulas no laboratório e elas mesmo iam sugerindo o que poderia ser feito, ah vamos montar um *blog*, eu não sabia como que montava, aí elas acabavam montando, né? [...] Vamos pensar em atividades que nós pudéssemos elaborar no computador e desenvolver com as crianças, então elas acabavam mesmo dando o tom das atividades, então foi um desafio porque eu também tinha que estar junto com elas pra um processo mesmo de pesquisar junto, de correr atrás junto, entendeu? (Professora#1)

A afirmativa da professora suscitou algumas reflexões. Ao mesmo tempo em que vimos a ausência de formação adequada para a regência da disciplina, percebemos a possibilidade de troca entre os praticantes escolares, pois os alunos possuíam conhecimentos sobre as mídias e tecnologias disponíveis, apresentando à docente possibilidades de exploração das TICs, o que nos faz pensar na alegria e esperança intrínsecas ao ato de ensinar, conforme sinalizou Freire (1996, p.72), ao dizer que professores e alunos unidos podem aprender, ensinar, inquietar, produzir e “juntos igualmente resistir aos obstáculos” que ameaçam a nossa alegria. A potência das práticas formativas estabelecidas entre educador e educandos apresenta-se justamente na possibilidade de trocas entre os mesmos, onde os alunos puderam sugerir “usos” das TICs, pois apresentavam conhecimentos sobre as mesmas.

Não reduzimos a necessidade de formação docente em relação às tecnologias digitais, mas compreendemos a produção de sentidos ali estabelecida, quando os seus praticantes

vivenciaram uma relação de troca e compartilhamento do saber. Ao refletir sobre a ausência de formação docente de maneira hegemônica, estaríamos sinalizando apenas os aspectos negativos das realidades vividas pela escola, invisibilizando as outras práticas de formação ali reveladas, como, por exemplo, a possibilidade de aprender com os alunos no cotidiano escolar. Neste sentido, ao mesmo tempo em que percebemos uma Política de Ausência, também notamos Políticas de Presença. Sobre este aspecto, concordamos com Alves (2003, p.65) quando afirma que é importante estudarmos a escola em sua realidade, compreendendo que “o que nela se faz e se cria precisa ser visto como uma saída possível”, adotada por seus praticantes, ou seja, todos aqueles que estão envolvidos naquele contexto escolar.

Reforçamos na pesquisa a importância em discutir as Políticas de Presença, sem com isso desejar omitir as de Ausência. Desta forma, a fala de um dos professores relacionou-se à falta de infraestrutura da escola para o desenvolvimento das atividades da disciplina (Política esta de Ausência), afinando-se, inclusive, com o discurso de outros educadores entrevistados.

Olha Ana, eu acho que deveria haver muito mais possibilidades né? Porém, dentro da realidade que a gente vive, de escolas públicas estaduais, o que a gente vê mesmo são muito mais desafios, porque você dar conta de uma disciplina que fala de mídias, que fala de tecnologia sem você ter um suporte pra poder trabalhar isso, sem você ter um equipamento, é... coisa né que lhe ofereçam pra você poder usufruir das possibilidades que a disciplina oferece, isso se torna um grande desafio. Então em cima disso, eu acho que os desafios é... se sobrepõem às possibilidades. A estrutura, sala, equipamentos, tudo o que se refere a aquilo que é colocado no currículo mínimo, é...o Estado ou a escola, não sei, não oferece praticamente nada de aparato pra que a coisa seja no mínimo bem trabalhada. Nós é que temos que correr atrás de praticamente tudo pra poder realizar um bom trabalho (Professor#3).

De fato, as questões relacionadas à ausência de infraestrutura da escola foram unânimes nas vozes dos educadores, emitindo-se praticamente como um coral digno de primeira voz, segunda voz, contraltos, baixos, sopranos e tenores. Os relatos dos docentes entoavam as mazelas ali sofridas, o que nos faz pensar também nas impotências vividas por aqueles que queriam explorar as mídias, mas encontravam dificuldades de acesso a elas. Entre os relatos, os professores também afirmaram que:

Eu acho que tenho mais desafios né pra trabalhar, mas tem possibilidades também. As ideias que surgem né, os conteúdos você tem como adotar e trazer alguma coisa pra prática, pra realidade dos alunos, só que aí é como eu falei no início, a dificuldade dos recursos, do material, às vezes até um ano de visitação dos espaços, que não dá condições pra gente trabalhar, isso é um desafio pra gente. A gente não consegue avançar em muitas coisas devido a essa falta (Professor#2).

Percebemos que a problemática de infraestrutura implica consideravelmente no desenvolvimento das aulas, gerando angústias, cansaços, mas também esperanças entre os docentes que, mesmo diante das Políticas de Ausência, tentavam desenvolver suas atividades. Desta forma, ouvimos vozes afinadas em um processo rítmico muito peculiar, que elucidavam apenas um descompasso e o trabalhar das mídias sem as mídias, o que denota uma contradição, conforme problematizou a docente entrevistada:

De que adianta ter uma disciplina de mídias e tecnologias se a escola não dispõe de um espaço, muitas das vezes não dispõe de um rádio, de uma TV, de um aparelho de DVD, de um cabo? Eu me via numa situação assim de abortar uma atividade porque eu não tinha um cabo que conectasse o computador ao Data Show, que conectasse o projetor a uma caixa de som, entendeu? Então chega a ser contraditório né, você ter essa disciplina na escola e não dispor do mínimo para poder trabalhar.[...] Então tudo isso, a gente tentava na medida do possível, mas te confesso que por inúmeras vezes a gente tentou né, desenvolver algumas atividades e que foram impossibilitadas pela falta de recurso mesmo dentro da escola.

Diante das falas apresentadas, recordamos a relevância do pensamento Freiriano, que convida os educadores a pensarem na mudança com convicção, pois esta precisa acompanhar o ato de ensinar. Desta forma, o autor afirma que:

No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-lo, mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela (FREIRE, 1996, p. 77).

A partir do exposto, compreendemos a necessidade da questão da infraestrutura constatada não ocupar apenas o lócus de um problema, mas, impreterivelmente, promover-se ao lócus da solução. Neste sentido, começamos a investigar as saídas e os usos astutos das TICs frente às dificuldades ali encontradas, sem com isso ignorar as problemáticas existentes, mas analisar quais foram as artes de fazer adotadas pelos docentes mediante os desafios impostos. Neste sentido, prosseguimos apresentando as vozes dos educadores e investigando novos dados surgidos ao longo de uma navegação que ainda reservava muitas surpresas. Afinal, constatar que a disciplina de IMNT esteja por um fio, naquele momento, era apenas uma probabilidade e não um ato consumado e, enquanto Política de Presença, a pesquisa demarcou seu espaço, buscando analisar as práticas formativas encontradas e os “usos astutos” das TICs ali legitimados.

4.2 Uma disciplina, suas tecnologias e apropriações

Ao longo da pesquisa, especialmente através da entrevista, continuamos em busca de vestígios que revelassem as apropriações das tecnologias adotadas pelos praticantes escolares que viveram em suas realidades a missão de lecionar a disciplina de IMNT. Ao falarmos nas tecnologias de presença e ausência, consideramos pertinente saber quais foram as tecnologias, não só acessadas, mas desenvolvidas pelos docentes, que não caminharam sozinhos, mas acompanhados de discentes aquecidos pelo universo digital, como verdadeiros conhecedores das TICs.

Diante dos depoimentos dos educadores, percebemos que as tecnologias mais utilizadas referiam-se a *blogs*, sites como fonte de pesquisa, câmeras fotográficas, celulares, e-mails, TV, rádio, fotografias e vídeos; entre as menos utilizadas pela maioria, encontravam-se o *WhatsApp* e o *Facebook*. Abaixo, constam algumas declarações dos professores a esse respeito:

A gente construiu *blog* né, eles fizeram vídeos de entrevistas, pesquisaram pessoas, não usei o *Facebook*, o *WhatsApp*, também não cheguei a usar com a turma. Eu só trabalhei um ano com a disciplina, foi uma coisa nova. A gente tentou adequar na medida do possível com o que a gente tinha naquele momento. (Professor#2)

É eu trabalhei com ambiente virtual de uma maneira geral. Eu trabalhei com internet e trabalhei com *Facebook*, até porque o currículo mínimo tem uma parte que fala para fazer trabalho com rede social. Então nós utilizamos o *Facebook*, é sites, *blogs*, foi mais em relação a pesquisa de assuntos que eram de interesse da disciplina, de reportagens e trabalhamos também com e-mail. Olha Ana, lembro que nós formamos primeiramente um grupo no *Facebook* pro pessoal da turma, tá? A primeira intenção foi essa, formamos um grupo pra gente poder se comunicar. E também teve uma questão de que a gente colocava no grupo é alguns assuntos, algumas reportagens, alguns *links* que eram interessantes ou que eram pertinentes sobre assuntos que a gente tava trabalhando no momento, serviu pra isso também (Professor#3).

Observamos que diante da realidade existente, os docentes criaram estratégias de trabalho para desenvolverem as atividades concernentes à disciplina, sugerindo modos de fazer que fossem vitalizados em sua prática cotidiana. Apesar da ausência de recursos, esta não superou as possibilidades de ações desenvolvidas pelos educadores. Isto traduz-se na seguinte fala: “A gente tentou adequar na medida do possível com o que a gente tinha naquele momento”. Neste sentido, as práticas ocorreram nos fazendo pensar, inclusive, no acesso aos conteúdos no ambiente virtual, quando o professor afirma que: “A gente colocava no grupo é alguns assuntos, algumas reportagens, alguns *links* que eram interessantes”. Deste modo, as

atividades propostas em sala de aula se estendiam ao ambiente virtual, ainda numa dimensão de consumo da informação, mas elas estavam lá, sendo dispostas em um grupo montado pelos praticantes. Para Silva e Pereira (2012), navegar na cibercultura não deve limitar-se à coleta de dados, mas ao estabelecimento de uma rede de diálogo, onde as trocas entre os sujeitos possam existir em um nível reflexivo sobre aceites, recusas, compromissos, reclamações e posicionamentos.

Nesta perspectiva, como proposição, ressaltamos uma experiência realizada com as turmas durante as aulas de IMNT, onde os educandos puderam criar *blogs* que abordavam discussões sobre as tecnologias na escola. Eles construíram ambiências de ensino e aprendizagem *online* através dos *blogs*, elaborando pesquisas, sugestões de atividades mediadas por tecnologias, análises de *games* educacionais e reflexões realizadas no cotidiano da escola para o ambiente virtual. Neste sentido, os professorandos foram a campo, elaboraram perguntas relacionadas ao uso das redes sociais, do celular na sala de aula, das ferramentas da *web 2.0*, investigando, principalmente, as funções que os praticantes escolares davam aos aparatos que tinham acesso. Com base nas informações coletadas, os educandos lançavam seu olhar crítico e construíam as produções nos *blogs* para compartilhar com a escola e a sociedade suas reflexões. Verificamos que:

Diversas são as apropriações do blog. Inicialmente essa interface foi criada com a finalidade de facilitar a prática do diário íntimo, depois constatamos a emergência de outras práticas comunicacionais, como, por exemplo, o jornalismo online, uso de sites pessoais e institucionais, diários de pesquisa, álbuns de fotografias – que evoluíram para uma nova interface: os *fotologs*. Podendo manipular e editar imagens, com esta interface o autor pode também contar e construir histórias ilustradas com uma variedade de possibilidades de linguagem em mixagem e hipertexto (SANTOS, 2014, p. 105).

Ressaltamos, neste processo, os movimentos criados na escola, a dinâmica de integração com outras turmas e professores, pois, anterior às postagens no *blog*, os alunos elaboravam os roteiros para as entrevistas, agendavam as conversas com os entrevistados, trocavam ideias com os grupos, criavam estratégias de trabalho, editavam textos, imagens e vídeos, desenvolvendo suas atividades coletivamente. Após toda esta dinâmica de construção, o *blog* era alimentado como um espaço vivo de compartilhamento, produção e debate acessível a todos. A sala de aula ganhava vitalidade, misturando o virtual e o presencial, promovendo interação e produção coletiva, onde *links*, reportagens, textos ou vídeos não eram apenas consumidos, mas, impreterivelmente, construídos pelos educandos e inseridos no ambiente *online*.

De acordo com Moran (2009), a internet propicia a motivação dos alunos, não só pela ideia de novidade, mas pelas imensas possibilidades que o ambiente *online* propicia para a pesquisa. O autor acrescenta ainda que:

Essa motivação aumenta se o professor cria um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos. Mais que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica do professor de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, pela competência e pela simpatia com que atua (MORAN, 2009, p.53).

Propiciar atividades *online* já indica uma iniciativa de mudança, em que os educadores, mesmo em processo de conhecimento sobre a rede, não hesitam em utilizá-la na realização de suas atividades formativas. Chamamos atenção para a seguinte afirmação sobre os usos das tecnologias citadas por um dos professores:

Mas o *blog* ficou e esse ano eu estou com uma turma de ex-alunos em outra disciplina e eles já até deram a sugestão de fazer um *blog* e tal porque eles gostaram da ideia da utilização. Então eles tiveram a experiência no primeiro ano e pediram pra entrar com isso, uso do *blog*. (Professor#2)

Percebemos aqui um atravessamento da disciplina de IMNT para outras áreas do conhecimento. A experiência ali iniciada despertou nos alunos a iniciativa de criação de um *blog* sobre o que estavam estudando em outro ano curricular, com diferentes propostas de discussão. Aqui sinalizamos a disponibilidade para a aprendizagem e produção do conhecimento em ambientes *online*, numa relação de diálogo e aproximação entre educadores e educandos, pois, segundo Moran, “a internet favorece a construção cooperativa, o trabalho conjunto entre professores e alunos, próximos física ou virtualmente” (MORAN, 2009 p. 49), estendendo, assim, potencialidades para a educação. Ressalta-se a valorização das aprendizagens iniciadas na disciplina de IMNT, expandindo-se para outras áreas do conhecimento, promovendo uma ideia de transdisciplinaridade, de mídias em âmbitos diversos, propiciando uma educação participada e transcendente.

Durante as entrevistas, os docentes foram convidados a responderem sobre a relação das tecnologias na prática formativa. Abaixo segue uma opinião:

Eu acho que elas aprenderam que o educador ele precisa usar, ele precisa fazer uso desses recursos, dessas tecnologias, das mídias no seu dia a dia dentro da sala de aula, porque não dá mais pra gente assim lutar contra esses recursos, por exemplo: não dá mais pra gente entrar na sala de aula e achar que o aluno não vai mexer no celular, que ele não vai fazer uso do celular. Então é muito melhor a gente entender que esse recurso ele é um aliado nosso, né? [...] Então eu acho que elas

compreenderam isso né, e também da gente fazer o uso consciente né? Eu acho que isso ficou para a formação, de fazer o uso consciente dessas tecnologias né? Por que estou usando? Qual o intuito do meu uso, da minha utilização e sempre com a reflexão, com a crítica, entendeu? A gente enquanto educador, que a gente use esses instrumentos, esses recursos e que a gente não seja usado por eles, a gente precisa dominá-los e não ser dominados por eles, não deixar que eles nos domine (Professora #1).

Ressaltamos a potência sobre o uso das TICs na educação, sendo necessário perceber que, diante das atividades e da verificação das apropriações das tecnologias, os professores discutem na prática a importância do seu uso consciente, da criticidade necessária, demonstrando uma perspicácia quanto aos instrumentos disponíveis para consumo: “A gente precisa dominá-los e não ser dominado por eles”. Quando nos referimos às Políticas de Presença, verificamos que, através das formas de fazer a disciplina de IMNT, os professores concebiam suas astúcias e, mesmo aqueles que não tinham uma formação específica para o trabalho com as TICs, se formavam na prática, aprendendo com seus alunos e ensinando sobre a necessidade de um olhar crítico construtivo sobre as mídias. Neste sentido, reforçamos que:

O educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo, está atento ao que não sabe, ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a nossa ignorância, as nossas dificuldades. Ensina, aprendendo a relativizar, a valorizar a diferença, a aceitar o provisório. Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses (MORAN, 2009, p.17).

A predisposição em aprender com os educandos rompe com as formas tradicionais de educar, em que apenas o docente representava a figura do saber. Entendemos que as transformações em educação dependem também de professores dispostos ao novo, “pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar, pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque desse contato saímos enriquecidos” (MORAN, 2009, p. 16). Nesta perspectiva, pensamos em uma educação que incentive a autonomia, a interatividade e a liberdade de aprender através de inúmeras TICs, pois estas fazem parte do contexto dos educandos, cabendo ao professor uma mediação do processo. De acordo com Masetto (2009), o professor, na proposta da mediação pedagógica, assume uma postura de colaborador, de provocador da aprendizagem, utilizando seus conhecimentos para auxiliar e orientar o processo ensino-aprendizagem com cooperação, e não imposição do saber. Neste sentido, em busca dos relatos docentes sobre as produções realizadas na disciplina de IMNT, coletamos a seguinte afirmativa:

Olha eu achei que contribuiu muito pra formação delas, mas assim eu acho interessante frisar que o trabalho não foi só com internet tá? É... eu desenvolvi um trabalho com elas com outras ferramentas também, com outras mídias. Nós trabalhamos com jornal, nós reescrevemos reportagens, eu trabalhei com fotografia, eu trabalhei com filmagem, eu trabalhei com gravador de voz, tá? Aquele gravadorzinho que é utilizado muito em reportagem. Então assim, foi uma gama de coisas que nós utilizamos que eu lembro assim que nós fizemos trabalhos muito bacanas, encantaram muito e que foram de extrema importância para a formação dessas meninas e alguns desses recursos elas utilizaram no decorrer do curso também porque a disciplina ela é ministrada no primeiro ano do Curso Normal e elas levaram isso pra frente. Tanto é que algumas chegaram a relatar que tinham trabalhado de novo, é fotografia ou filmagem, é... é...nos anos seguintes em trabalhos de outras disciplinas também, lembrando e sendo meio que inspiradas pelo trabalho que foi desenvolvido no primeiro ano. Ah esqueci, trabalhamos com rádio também tá, nós fizemos uma simulação de uma rádio na turma, um programa de rádio. Foi com esse gravador que falei na pergunta anterior. E a rádio também foi sensacional, foi muito bacana, eles fizeram entrevistas e colocaram no ar a entrevista da rádio da turma. Foi muito legal (Professor#3).

Percebemos, através da fala do educador, que as atividades renderam experiências ricas no contexto da disciplina estudada. Os alunos demonstraram-se envolvidos com a proposta, entusiasmaram-se com a dinâmica das experiências, traduzindo-se como aulas interessantes e motivadoras, estendendo-se, inclusive, a outras disciplinas, “inspiradas pelo trabalho que foi desenvolvido no primeiro ano”, conforme afirmou o professor. Mais uma vez, verificou-se que as tecnologias pensadas e utilizadas com planejamento e coerência, vitalizam o fazer coletivo, a interação entre os educandos, o diálogo e a aprendizagem colaborativa. Ao observamos a fala: “Nós trabalhamos com jornal, nós reescrevemos reportagens, eu trabalhei com fotografia, eu trabalhei com filmagem, eu trabalhei com gravador de voz”, percebemos a variedade de recursos, não necessariamente *linkados* à internet, mas repletos de intencionalidade pedagógica e potência para a aprendizagem. Atentamos aqui para a importância da interatividade, que se legitima por meio da “participação, bidirecionalidade e multiplicidade de conexões” (SILVA, 2014, p.92). Neste sentido, o autor lembra que, mesmo diante da ausência da internet e de tecnologias hipertextuais na sala de aula, inúmeras outras conexões na perspectiva da interatividade podem acontecer, desde que, nas práticas ali estabelecidas, o professor ocupe o lugar de provocador da aprendizagem e, não, de detentor/transmissor de informações.

Sobre o exposto, não desconsideramos as potencialidades propiciadas através da internet, mas ressaltamos que na ausência dela outras estratégias de trabalho tornem-se fundamentais, pois a riqueza da conexão entre os praticantes escolares produz sentidos e construções astutas, transformando-se em Políticas de Presença. Indubitavelmente, a concepção de tecnologia e de metodologia faz toda a diferença no processo ensino-aprendizagem. Enquanto “modo”, a metodologia desenha o percurso, construindo estratégias

de trabalho, e enquanto meio, a tecnologia percorre um caminho para a produção do conhecimento. Nesta sintonia, tecnologia e metodologia, no panorama da interatividade, rompem com modos antigos de ensinar, característicos da educação clássica/tradicional.

Tomados pela necessidade de verificar o acesso à sala de informática e conhecer os recursos disponibilizados pela escola, percebemos uma aproximação com a expressão “sala de aula infopobre” (SILVA, 2012 p.92), visto que as ausências de recursos demonstravam-se aparentes. De acordo com os depoimentos dos professores, ambos encontraram dificuldades/impossibilidades de acesso às tecnologias e à internet, conforme os relatos abaixo:

Quando eu trabalhei com essa disciplina, praticamente eu trabalhei dentro do laboratório quando era possível, quando funcionava, né, quando a chave estava no lugar, porque muitas das vezes nem a chave estava no lugar e a gente ia às máquinas, então se tivessem dez máquinas, seis funcionavam. Precisava colocar cinco alunos em cada máquina o acesso à internet às vezes era precário. O equipamento também às vezes estava danificado (Professor#1).

Não, não utilizei a sala de informática em nenhum momento. Pra te falar a verdade, eu acho que a sala de informática nessa época tava desativada, passando por alguma obra, reparo, sei lá. Eu sei que eu nunca consegui utilizar aquela sala não, nunca tinha internet, não usei (Professor#3).

Entre os desafios encontrados pelos professores, tais como o problema de acesso à sala de informática, a falta de internet e o sucateamento de computadores, todos foram sinalizados, o que nos faz pensar que realizar as atividades concernentes à disciplina de IMNT, frente tamanha Política de Ausência, inviabiliza todo o processo de desenvolvimento das atividades, desencadeando grande exaustão aos praticantes escolares. Constatamos que os professores criaram projetos e atividades que contavam com o uso da internet e de outros aparatos, mas sentiam-se frustrados durante o percurso iniciado, devido à problemática de infraestrutura instaurada. Contudo, analisando as afirmativas dos educadores, também verificamos força de vontade, disposição e criatividade no processo de aprendizagem. Ainda assim, consideramos fundamental pensar na organização e infraestrutura das escolas que, mediante a ausência de recursos, impede a realização de inúmeras atividades educacionais permeadas pelas TICs, especialmente em uma disciplina que aborda a integração das mídias e novas tecnologias. Verificamos que o sucesso do componente curricular não depende unicamente dos educadores, mas, impreterivelmente, das questões estruturais, que implicam na conquista de uma “sala de aula inforrca” (SILVA, 2014, p. 92), pressupondo o acesso a computadores conectados à internet e uma estrutura física adequada ao trabalho.

No desenvolvimento das entrevistas, também buscamos verificar o que os professores pensavam em relação ao uso das redes sociais como ambiente de aprendizagem, quais foram as práticas formativas realizadas neste sentido e quais foram as apropriações tecnológicas desenvolvidas. Entre as redes sociais utilizadas, além do *Blog*, alguns docentes também sinalizaram o uso do *Facebook* e do *WhatsApp*. Verificamos que os docentes viam relevância na exploração destes ambientes como possibilidade de aprendizagem, especialmente abordando assuntos da atualidade: discussões, exposição de temas, entre outros. Consideramos interessante a preocupação dos educadores em conduzir os alunos a se posicionarem de forma crítica em relação às redes sociais, seja por meio de uma discussão que envolvia a situação de seu bairro ou mesmo questões de outras localidades, como também por postagem de vídeos que abordavam o seu contexto, atividades em que dialogavam sobre questões ambientais, violência, entre outras temáticas, conforme apresentam as afirmativas abaixo:

Então as redes sociais é assim pra algumas pessoas, eu acho que elas passam a ter um potencial, pra algumas pessoas não, ela tem um potencial no tocante à situações de grande impacto social né? Situações políticas, catástrofes, divulgação de informações para o aluno, eu acho que a gente pode desenvolver através das redes sociais. Compartilhar informações vendo os temas estudados em sala de aula, apresentação de links, de vídeos e até mesmo através das plataformas né, que é um espaço pra relacionamento entre o professor e o aluno, algum tipo de trabalho, então eu acho que elas podem estar a serviço de qualquer disciplina, eu acho né (Professora#1).

Acho! Acho que é uma boa ferramenta de aprendizagem sim pra disciplina, porque a gente pode discutir a questão do uso da rede social né? É fazer uma análise, sei lá quase antropológica sobre a questão do uso da rede social, e você saber os limites, o que pode ser colocado, o que deve, o que não deve, como se utilizar, então assim, eu acho muito bacana você trabalhar com rede social sim. Sempre direcionando né, pra questão do correto uso pelo aluno, a visão crítica do uso de uma rede social, eu acho muito bacana, muito importante (Professor#3).

Eu acho que sim, né? Muitos alunos tem aquela ideia errada ou certa em relação ao uso, não sabem utilizar as redes sociais, a gente levantava debates na sala, eles traziam experiências com relação ao *WhatsApp*, com relação ao *Facebook*, com outras redes sociais de conversa, de diálogos, de horas passando. Inclusive levantava até essas questões, uso muito manuais de pesquisas na internet, pra eles se alertarem em relação a pedofilia, com relação a sequestros, com relação a exposição mesmo. Tiveram casos que eles relataram de alunos que postaram fotos nuas de outros né, de colegas, ex-namorados, eles alimentavam bastante o debate. Eles discutiam os temas também usando as redes sociais (Professor#2).

Diante das respostas dos professores, constatamos que eles apresentaram um olhar crítico/reflexivo sobre as redes sociais, ao mesmo tempo em que conduziam os educandos a uma postura ética e responsável sobre as redes sociais. Através de uma relação de troca, abordavam temáticas atuais, utilizando os ambientes *online* como possibilidade de manifesto e discussão. Em relação ao *WhatsApp*, verificamos que seu uso não foi propriamente

identificado na pesquisa como prática formativa. Apenas uma docente afirmou utilizar o aplicativo, porém, com a finalidade de comunicação mais objetiva com os alunos, seja para emitir recados, informar ausências ou antecipar atividades.

Já passei trabalhos pra elas via grupo de *WhatsApp*, né por exemplo: semana que vem eu não vou, mas vou deixar essa tarefa. Podem responder pelo próprio *WhatsApp* entendeu? Essas atividades, essas pequenas atividades eu uso constantemente com o celular. Não sei se são as práticas formativas que você acredita que seja, mas eu faço isso muito, é por aí (Professora#1).

Consideramos que, para atribuir o uso do *WhatsApp* como prática formativa, seria necessário existir uma interação dialógica entre os praticantes. A relação de interatividade não deve ser minimizada à postagem de perguntas feitas pelo educador e de respostas apresentadas pelos alunos. Seria necessário existir trocas entre todos os praticantes, discussões, reflexões sobre determinada temática, no sentido de não reduzir a proposta pedagógica apenas à emissão e recepção das mensagens.

Em relação aos vídeos, percebemos uma utilização destinada à apresentação de conteúdos que nortearam debates em sala, mas também verificamos propostas em que os educandos puderam criar, produzir pesquisas, apresentações e entrevistas no ambiente escolar. Alguns materiais construídos eram compartilhados nas redes sociais/*blogs* apenas para visualização.

É trabalhamos sim com vários vídeos, né alguns até como sugestão delas mesmo. Vídeos relacionados à própria educação, filmes que elas baixavam e a gente trazia pra sala de aula. É também trabalhamos com outras tecnologias como TV, rádio, a própria máquina fotográfica, o celular né, a questão das fotografias né, e a leitura de imagens (Professor#1).

Outro aspecto analisado na pesquisa referiu-se à opinião dos professores sobre o celular na escola. De acordo com Medeiros (2010), dentre inúmeras práticas e usos dos celulares, certamente estes trouxeram novas experiências na comunicação contemporânea, ocasionando impacto direto no cotidiano, não só aproximando as pessoas, mas afetando a relação espaço-temporal. Desta forma, consideramos relevante saber os “usos” deste aparato como prática formativa em sala de aula, conhecendo assim, as experiências de trabalho enunciadas pelos professores.

Eu acho que o problema não está no celular. O problema está no uso que eles fazem do celular durante as aulas, tá, o uso abusivo, o uso excessivo tá e o uso desrespeitoso. Mas isso a culpa não é do celular, a culpa é do aluno, então assim, a questão é conscientizar esse aluno, de colocar que tem hora pra ser utilizado e a

maneira como deve ser utilizado. Eu já pedi pra usar o celular na sala de aula sim, é não me recordo se já fiz de forma assim que o uso tenha sido todos em conjunto, pesquisando alguma coisa, mas como eu trabalho sempre com algum tipo de grupo é na internet, um grupo da turma na rede social, as vezes eu peço pra acessar, as vezes eu posto alguma coisa e peço pra eles darem uma olhada, as vezes até pra fazer uma pesquisa rápida sobre determinado assunto, então eu acho válido a utilização do celular sim. Hoje em dia o aparelho celular virou um recurso que tá integrado na questão das mídias e tecnologias, não há como negar, não há como fugir disso. A questão é a forma com que ele vai ser utilizado dentro da sala de aula (Professor#3).

Entre as atividades relatadas pelos educadores, registramos o seu uso para visualizar ou fazer *download* de vídeos ou textos, pesquisas, gravações de imagem e áudio. A escola não dispunha de serviços de internet com ou sem fio nas salas de aula, nem todos os alunos possuíam acesso à internet nos celulares, mas, na medida do possível, os educandos compartilhavam seus acessos ou sentavam em grupos para alguma atividade específica. Alguns conteúdos e textos eram disponibilizados na própria sala de aula através de compartilhamento via *bluetooth*¹⁸, não necessitando de acesso à internet.

Bom o celular eu só utilizei com eles a questão de gravar vídeo né, eles faziam alguma filmagem, alguma coisa assim. Em sala de aula mesmo a gente não utilizava não. Assim gravar um vídeo, eu deixava utilizar o celular se não tivesse câmera, o celular já tem esse recurso, então eu utilizava o celular pra gravar alguma informação ou até gravar um áudio, entrevista que eles fizessem na pesquisa, utilizava dessa ferramenta. A gente segue a lei que fala sobre o não uso do celular na sala de aula, então eu permitia o celular só quando tivesse alguma atividade nesse sentido, se tocasse, saia da sala pra atender, inclusive eu fazia isso também, se tocasse o celular, eu saia da sala pra atender. Então eles já tinham essa regra clara né, de não utilizar o celular na aula, somente quando fosse algum trabalho voltado, né. Fez a pesquisa, gravou em áudio, então o celular era utilizado para apresentar aquela pesquisa, tem um vídeo, então vamos utilizar para apresentar o trabalho (Professor#2).

Consideramos pertinente propiciar usos inteligentes destas tecnologias móveis, realizando combinados entre os discentes para que as propostas de atividades sejam eficazes. O professor, enquanto mediador, deve orientar, acompanhar e incentivar os alunos a utilizarem seus aparatos como meio facilitador da aprendizagem. Convém sinalizar que há a necessidade de conhecer as potencialidades da tecnologia disponível nas mãos dos alunos e as usabilidades que podem ser feitas através destes aparelhos. Existem recursos facilitadores, como por exemplo, o acesso ao dicionário *online*, a pesquisa de algum assunto discutido em aula, a obtenção de imagens, inclusive a produção de vídeos e imagens em coautoria sobre

¹⁸ Uma tecnologia de comunicação sem fio que permite a transmissão de dados entre celulares, tablets, computadores, câmeras digitais e outros dispositivos. A transmissão de dados é feita através de rádio frequência, possibilitando que um dispositivo acesse o outro a partir de um limite de proximidade entre os aparelhos.

uma temática refletida em sala, a postagem de discussões e comentários em possíveis ambientes *online* criados para a turma, entre tantas outras possibilidades,

Ressaltamos ainda, a possibilidade de vitalizar as atividades formativas mediadas pelo celular, visto que a legislação¹⁹ permite seu uso com finalidade pedagógica. Neste sentido, diante da ausência de computadores conectados e de uma infraestrutura que atenda toda a escola, os celulares tornam-se recursos disponíveis e ricos para o processo ensino-aprendizagem.

Entre inúmeras propostas pedagógicas e apropriações das TICs aqui sinalizadas, observamos que experiências sobre o rádio também compuseram as práticas formativas desenvolvidas na escola. De acordo com um dos professores entrevistados:

Eles praticamente gravaram um programa onde eles realizaram entrevistas com alguns professores, eles falaram de notícias do mundo e algumas coisas referentes a educação também e essa espécie de rádio ela foi colocada pra ser ouvida pelos outros grupos só na nossa turma, só em sala de aula tá? Não foi compartilhado com outras pessoas não. Foi um trabalho só de sala de aula mesmo (Professor#3).

Consideramos relevante sinalizar que as práticas formativas mediadas pelas tecnologias iam se solidificando a partir dos conhecimentos prévios dos educadores, das aprendizagens adquiridas com seus alunos e da criatividade de ambos, que não hesitaram em promover suas atividades com os materiais que tinham à sua disposição. Na ausência de equipamentos e aparatos tecnológicos sofisticados, celulares e *tablets* transformaram-se em filmadoras, em computadores móveis, em roteadores de internet para o desenvolvimento das atividades, realização das pesquisas e produção dos conteúdos. Notamos que as TICs foram exploradas a partir do conhecimento que os docentes apresentavam sobre as mesmas. Ao perguntarmos aos educadores se os mesmos possuíam formação destinada à regência da disciplina, ambos responderam que não houve nenhuma oferta de formação específica pelo estado/escola para a regência deste componente escolar. Dois dos professores entrevistados possuíam um curso de extensão na área de mídias/informática educativa. Ambos os docentes demonstraram ausência de formação para a regência de IMNT, devido às especificidades que lhe são inerentes. Abaixo, apresentamos as falas dos educadores sobre o assunto:

¹⁹ Lei Estadual nº 5222, de 11 de abril de 2008. Dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular e outros aparelhos nas escolas estaduais do estado do Rio de Janeiro. Art. 1º Fica proibido o uso de telefones celulares, *walkmans*, *diskmans*, *Ipods*, MP3, MP4, fones de ouvido e/ou *bluetooth*, *game boy*, agendas eletrônicas e máquinas fotográficas, nas salas de aulas, salas de bibliotecas e outros espaços de estudos, por alunos e professores na rede pública estadual de ensino, salvo com autorização do estabelecimento de ensino, para fins pedagógicos.

Não, eu não possuía nenhuma formação específica pra lecionar essa disciplina. Como eu até te falei no começo, eu meio que caí de paraquedas mesmo né? Então falaram assim: olha você vai dar essa disciplina aqui. Aí eu tá, mas o que é? Nem a pessoa que me passou sabia orientação alguma. Então eu fui correndo atrás, fui lendo (Professor#1).

Olha ter eu tenho tá, mas foi assim mera coincidência porque isso nunca foi exigido ou colocado como pré requisito. Eu tenho um curso de extensão em Mídias e tecnologias pela UFRJ (Professor#3).

O Estado não forneceu nada. Já fiz curso de informática, já fiz alguns cursos na área de informática educativa, mas focado mesmo para a disciplina, não. Tiveram alguns cursos oferecidos ao longo do ano, mas assim nunca contempla o nosso horário, o horário que tem a maioria dos professores é... de disponibilidade. Não oferece alguma coisa que a gente possa, num horário que eu possa fazer. Não tem uma farta possibilidade de fazer curso (Professor#2).

Através dos relatos, constatamos que não há um curso ou proposta de formação no espaço escolar específicos para a docência da disciplina. Existe o Núcleo de Tecnologia do Estado (NTE) em cada região/município, onde um mediador tecnológico faz visitas às escolas e desenvolve algumas oficinas para conhecimento de ferramentas/aplicativos que possam ser utilizados pelos professores. Neste sentido, estas oficinas são aplicadas de forma aleatória, nem sempre contemplando os horários de todos os professores. Ainda assim, normalmente há um direcionamento voltado para o ensino de matérias como Português ou Matemática. Nesta perspectiva, a proposta fundamenta-se no uso de tecnologias em uma perspectiva instrumental.

Quem oferece esse curso é o pessoal do NTE (Núcleo de Tecnologia do Estado), mas não via alguma coisa prática mesmo pra gente avançar. A gente já levantou várias questões na escola sobre isso, de ter mais formação para os professores, a gente questionava de ter um momento para os professores, mas a isso nunca se ofereceu com tanta ênfase. Até se deu ênfase muito aquelas pessoas que ministravam essa disciplina, o foco veio para Português e Matemática. Então a gente questionava, veio até um questionário de avaliação do núcleo que o foco era Português e Matemática e a disciplina de Mídias e Tecnologias não era lembrada (Professor#2).

Notamos, através das vozes dos professores, a ausência de formação no ambiente de trabalho e de horários disponíveis para formações e orientação da disciplina. Vimos ainda a existência do NTE, que poderia planejar atividades formativas voltadas para os docentes de IMNT, visto a especificidade desta área de conhecimento. Mais uma Política de Ausência encontrada. Verificamos que os profissionais denominados de “mediadores tecnológicos”, responsáveis pela verificação dos laboratórios de informática das escolas e pela realização de cursos/oficinas, não estão ao alcance destes docentes. Percebemos, através da fala de um dos professores, a invisibilidade da disciplina de IMNT e de seus docentes, quando afirmava: “Então a gente questionava, veio até um questionário de avaliação do núcleo que o foco era

Português e Matemática e a disciplina de Mídias e Tecnologias não era lembrada.” Tais evidências apontam mais uma Política de Ausência em relação ao componente curricular aqui discutido, talvez rascunhando o fim trágico de uma disciplina recém-nascida.

Entre as perguntas realizadas aos docentes, uma referiu-se à sua opinião sobre a permanência da disciplina no Curso Normal. Deste modo, tivemos as seguintes constatações:

Eu acho que é uma disciplina boa, dá pra continuar no Curso Normal, eu acho que deve, o ideal é que tivesse em todos os anos, que fosse uma disciplina em crescente, é um conteúdo e um tema que os professores e os alunos vão usar na sala de aula né, trabalhar com mídias, trabalhar com equipamentos tecnológicos, a proposta da disciplina é boa e eu acho que deveria continuar no Curso Normal, mas o professor que for trabalhar com a disciplina tem que ter uma empatia, gostar daquilo, ter uma experiência, uma prática, ter uma formação também pra isso né. A escola deveria ter recursos pra utilizar porque precisa. É uma disciplina bastante prática que precisa de recursos que muitas vezes o Estado não fornece (Professor#2).

Eu acho assim que a disciplina, eu acho super válido que ela continue sim tá. Eu acho que ela se encaixou muito bem numa turma de primeiro ano porque como eu já falei pra você até lá atrás. É... ela serve assim como algo que eles possam vir a utilizar no decorrer do curso tá, isso sendo trabalhado logo no primeiro ano, com uma visão assim bem crítica, Eu acho que eles vão saber utilizar essas mídias, essas tecnologias no decorrer do curso e principalmente despertar neles a consciência de que esse trabalho com as mídias é uma coisa só pra eles poderem ter um conhecimento, só pra eles ou poderem é... melhorar, mexer melhor ou lidar melhor com as tecnologias, mas principalmente, despertar neles a consciência de que essas mídias elas podem e devem ser utilizadas por eles como ferramentas pedagógicas, como algo que eles possam utilizar futuramente para a aprendizagem tanto deles como principalmente dos alunos que eles poderão ter lá na frente. Eu acho que a disciplina deve continuar sim (Professor#3).

Eu sou a favor da permanência desde que essa disciplina ela não seja de apenas dois tempos, porque eu acho inviável, aliás eu penso que nenhuma disciplina deveria ter só dois tempos né, mas eu acho que não deveria ser só em dois tempos, penso que ela deveria é passar por todos os anos, já que ela não se esgota no primeiro. Eu acho que ela é muito ampla né, então eu acho que ela deveria passar em todos os anos, nos três anos. É, penso também que deveria ser com um profissional habilitado, que tivesse a formação, que tivesse toda uma trajetória de pesquisa nessa área né, eu acho que assim o pedagogo pode. O pedagogo pode desde que ele tivesse recursos, formação, subsídios suficientes para tocar essa disciplina de forma com que ela deveria ser trabalhada. É eu acho que é importante como eu falei anteriormente quando eu fui respondendo as suas perguntas, eu acho que é uma aliada da formação do professor, uma vez que a gente entende que o educador não pode se eximir, se distanciar é desses recursos como eu falei pra você né? As crianças dominam uma infinidade de tecnologias e ela já chega na escola muito antes de saber ler e escrever, elas já chegam dominando essas tecnologias né? Então seria muita ingenuidade nossa achar que dentro da escola elas não vão ter o seu papel, elas não vão aparecer né? Então eu acho que ela é uma aliada. Então eu sou a favor sim da manutenção, de que ela continue né, de que ela seja mantida na grade curricular (Professor#1).

Através dos depoimentos, vimos que a permanência da disciplina deu-se como voto vencedor. Ambos os professores consideraram a temática relevante, inclusive sugerindo sua continuidade em outros anos escolares. Os discursos apresentam uma preocupação com o

trabalho voltado para a criticidade dos educandos, assim como uma aprendizagem mais consistente sobre os recursos disponíveis para um trabalho mais efetivo, que contemple as mídias que já fazem parte do contexto dos jovens estudantes e das crianças as quais os futuros professores irão atender em suas escolas.

Observou-se uma preocupação por parte dos docentes que concordaram com a permanência da disciplina, sublinhando não só a necessidade de infraestrutura da escola, como também a formação, experiência e identidade dos professores regentes deste campo do saber, algo que se confirma através da seguinte colocação: “Mas o professor que for trabalhar com a disciplina tem que ter uma empatia, gostar daquilo, ter uma experiência, uma prática, ter uma formação também pra isso né”. Nesta direção, percebemos que outra docente compartilha do mesmo pensamento quando diz: “Penso também que deveria ser com um profissional habilitado, que tivesse a formação, que tivesse toda uma trajetória de pesquisa nessa área né, eu acho que assim o pedagogo pode”. As vozes dos educadores lembram as leituras de Nóvoa (1992, p.17), ao refletir sobre o processo identitário do professor, afirmando ser “impossível separar o eu profissional do eu pessoal”. Deste modo, as experiências pessoais de cada educador, suas práticas e percursos na docência revelam suas impressões digitais, autenticando saberes e experiências formativas próprias, em que a arte de atuar em determinada área do conhecimento relaciona-se intimamente ao histórico de vida pessoal e profissional. Neste sentido, aquele professor que apresenta formação específica relativa às mídias, que possui um histórico de práticas, movimentos e vivências nesta área realizará sua docência com vigor, pois há um processo de identidade pessoal e profissional com as TICs, diferentemente de um educador que não possui identificação ou relação de proximidade com a temática.

Diante do exposto, ao perguntarmos aos docentes sobre a possibilidade de lecionarem novamente a disciplina, ambos demonstraram não ter interesse devido às Políticas de Ausência, como a precariedade dos recursos, a falta de infraestrutura da escola e de formação específica, como observamos nos depoimentos a seguir:

É... se me perguntassem, e se eu tivesse a oportunidade de optar, eu vou ser muito sincero, eu acho que eu não optaria por pegar não, até porque a minha praia dentro do Curso Normal já algum tempo é outra. Mas se tivesse que trabalhar, trabalharia, trabalharia sim e tentaria fazer um trabalho tão bacana como eu fiz da primeira vez (Professor#3).

Se tivesse recurso é uma disciplina que eu gostaria de ministrar (risos), mas devido à falta de recursos é uma disciplina que eu não escolho para trabalhar, porque eu não tenho muitos recursos pra atuar né, no espaço escolar. Se tivesse um laboratório funcionando a contento, com computadores funcionando, com acesso a internet, né, que a gente pudesse utilizar o computador na escola, que os alunos não precisassem usar a internet de casa né, que muitos reclamavam, “ ah eu não tenho internet em

casa, né ou então ah eu tenho celular, só é pré-pago. Eu não tenho conta, não tenho internet, acabou esse mês, to sem dinheiro”, né, se tivesse esses recursos para a gente utilizar né. Câmera fotográfica na escola, filmadora na escola, é são vários mecanismos, várias tecnologias que a gente pudesse utilizar para trabalhar. É uma disciplina excelente pra ser ministrada, mas sem isso é pedreira, pedreira, somos heróis em trabalhar com essa disciplina sem recursos né, a gente tira leite de pedra como diz o ditado aí (Professor#2).

Eu não pegaria de novo, a menos que eu tivesse condições de investir na minha formação dentro dessa área. Eu sei que eu aprendi fazendo né, eu não tive nenhuma orientação, na ocasião a coordenadora pedagógica não tinha muita coisa para me orientar né? Eu fui trocando figurinhas com quem já tinha lecionado a disciplina, conversando com colegas, com um ou outro, conversando com aluno. Eu acho que isso foi muito bacana porque eu troquei muita coisa com aluno, é aquela coisa que Paulo Freire fala você ensina, mas você também aprende. Eu acho que nessa disciplina eu mais aprendi do que ensinei, mas eu não me vejo mais lecionando essa disciplina, não me vejo. Tive essa experiência e se precisasse retomar, eu tentaria pegar uma outra coisa, eu acho que eu não me aventuraria de novo a pegar essa disciplina a menos que eu tivesse formação (Professor#1).

Apesar dos docentes considerarem importante a discussão sobre as TICs na escola, inclusive a permanência da disciplina, ambos demonstraram não possuir vontade de lecionar este componente curricular novamente, frente aos desafios encontrados em seu cotidiano escolar e a ausência de uma identidade com esta área do saber. Observou-se que os professores não apresentaram nenhuma rejeição ou repúdio em relação às TICs, pelo contrário, demonstraram utilizá-las em outras áreas de conhecimento, de maneira multidisciplinar. Desta forma, a falta de infraestrutura da escola, a ausência de formação adequada e de uma identidade pessoal/profissional com as tecnologias digitais como campo de saber evidenciou-se como fatores decisivos para uma nova regência da disciplina no Curso Normal.

Diante das vozes dos educadores entrevistados, evidenciamos as Políticas de Presença por eles construídas e suas formas astutas de (re)agir ao que estava posto em suas realidades. Com esta afirmativa, não minimizamos a necessidade de reorganização das políticas educacionais e efetivação prática de suas propostas, visto que não há como pensar nos programas curriculares presos ao âmbito da teoria, envoltos em um discurso repleto de boniteza, mas esvaziado de atitude; “É preciso mais, é preciso que as intenções se materializem em práticas de transformação, que no nosso entender, só serão verdadeiras à medida que se perceba que todos os sujeitos podem e devem contribuir nesta mudança” (OLIVEIRA, 2009, p. 167). Do contrário, permaneceremos no âmbito do discurso, refletindo sobre a descontinuação de programas, sobre o descompasso entre o ideal e o real, sobre ideias contemporâneas que se esbarram nas estruturas envelhecidas das escolas, sobre as TICs confrontadas como antigos modos de ensinar, entre tantas outras mazelas que desajustam a educação, ofuscando as belezas que nela existem.

5 UMA EXPERIÊNCIA CIBER MEDIADA PELO USO DO *FACEBOOK*

Afinada com a proposta da pesquisa exploratória, no decorrer deste estudo buscamos articular as leituras sobre a cibercultura com exemplos concretos de sua utilização nas práticas formativas da disciplina de IMNT, ao qual a pesquisadora encontrava-se também como docente. Neste sentido, lembramos que ninguém pode ser investigador em educação trancado numa redoma. “Quer queiramos, quer não, andamos sempre misturados com as práticas, com as instituições, com as políticas” (NÓVOA, 2015, p.19). Não podemos ignorar esta condição fundamental ao pesquisador, que conhecendo a realidade, investiga, analisa, relata e intervém com sabedoria. De acordo com o autor, não é possível, ou mesmo desejável, orientar as políticas e as práticas educativas segundo critérios predominantemente científicos, sem considerar também a relevância do lugar que se pesquisa, apenas apoiados em teorias, que revelam uma forma tímida de investigar, distante da realidade vivenciada. Compreendemos que teorizar não deixa de ser uma forma de prática cultural (VEIGA NETO, 2002), mas, acompanhada à prática teórica, consideramos fundamental estar em campo, articulando as leituras e concretudes do ambiente pesquisado.

A partir do exposto, compreendemos a importância de notar as práticas formativas, muitas vezes não divulgadas, tornando necessária a realização de pesquisas que observem a partir de dentro, que acompanhem o cotidiano escolar e as construções ali tecidas diariamente. Desta forma, dialogando com a teoria e a prática, foram desenvolvidas atividades formativas no contexto da cibercultura, aqui discutido com três turmas participantes da disciplina de IMNT. Inicialmente, foi criado através do *Facebook*, um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), destinado a experimentar a plataforma numa perspectiva educacional, onde as discussões e atividades referentes à disciplina foram desenvolvidas com os alunos.

No primeiro ano da pesquisa, em 2015, realizamos uma sondagem presencial com as turmas com o propósito de verificar se todos utilizavam a rede social *Facebook*. Através de uma resposta positiva da maioria dos alunos, pensamos em explorar a plataforma numa perspectiva pedagógica, construindo então as atividades da disciplina no decorrer de todo o ano letivo. De acordo com Kenski (2008), as tecnologias não alteram apenas a vida cotidiana das pessoas, mas, impreterivelmente, as nossas práticas, nosso modo de pensar e de trabalhar na educação. Em meio ao fluxo dinâmico de TICs presentes na sociedade, outras fontes de conhecimento foram intensificadas, tornando possível aprender de qualquer lugar, bastando apenas estar conectado às redes e aos espaços virtuais, sendo necessária a orientação do

professor para um acesso seguro e consciente, onde as informações não sejam apenas consumidas, mas refletidas pelos alunos.

Através de uma nova realidade concebida, a dinâmica da escola foi alterada, pois os educandos já chegam neste espaço com seus saberes, informados sobre diversos assuntos, sendo verdadeiros conhecedores das mídias sociais, das relações virtuais, dos acontecimentos da atualidade, entre tantos outros saberes acessíveis através dos potentes ambientes disponibilizados pela cibercultura. Neste sentido, a escola necessita acompanhar o fluxo dinâmico de mudanças, vivificando práticas pedagógicas mais sagazes, que valorizam o cotidiano atravessado pelas tecnologias digitais e reconhece que “o mundo tecnológico invade nossa vida e nos ajuda a viver com as necessidades e exigências da atualidade” (KENSKI, 2008).

Diante de todo um cenário transformado pela presença das TICs, o desafio imposto à escola e aos professores refere-se às suas práticas formativas. Enquanto espaço responsável por educar, a escola não perdeu sua função social, necessitando apenas corresponder criticamente aos novos desafios da sociedade atual. Conforme Candau (2011), a dimensão cultural é fundamental para potencializar processos de aprendizagem mais significativos para os estudantes que pertencem à cultura digital. Desta forma, objetivamos explorar o *Facebook* como ambiente de aprendizagem, articulando os estudos teóricos sobre a cibercultura e buscando verificar suas possibilidades às práticas formativas da disciplina de IMNT.

O AVA no *Facebook* foi criado individualmente para cada uma das três turmas participantes da disciplina, com a finalidade de organizar as respectivas atividades e facilitar o acompanhamento dos alunos em sua turma de origem. As propostas realizadas seguiam o mesmo roteiro, devido à preocupação com uma análise de dados de forma sistematizada e coerente, assim como a avaliação dos alunos, pois as atividades da disciplina também computavam pontuação para o lançamento das médias em diário. Compreendemos a importância dos exemplos explicitados ao longo da pesquisa, pois, através deles, foi possível articular teoria e prática, em busca de conhecimentos científicos, que contextualizados às práticas formativas, foram estudados de forma analítica e substancial. Deste modo, a pesquisa fez uso de exemplos do campo virtual explorado, contemplando as turmas participantes, às quais eram denominadas de Mídias CN 1001 com 29 membros, Mídias CN 1004 com 21 membros e Mídias CN 1005 com 25 membros, totalizando uma soma de setenta e cinco membros.

A imagem abaixo apresenta a plataforma do *Facebook* destinada à realização das atividades concernentes a disciplina de IMNT em uma das turmas. As configurações do AVA

obedeciam ao mesmo critério de organização, alterando-se apenas a nomenclatura da turma, seus integrantes, com exceção da professora pesquisadora, que participava e mediava todos os grupos *online*.

Figura 8 - O AVA no Facebook



Fonte: O autor, 2015.

O quadro a seguir sinaliza os recursos utilizados na rede social *Facebook*, sua descrição e as apropriações pedagógicas realizadas.

Quadro 1 - Quadro de recursos do Facebook

Recursos	Descrição	Apropriações Pedagógicas
Discussão/ Escrever publicação	Ferramenta destinada às publicações textuais no mural da página/plataforma.	Postagem de textos, temas relacionados aos conteúdos da disciplina, assuntos que geravam discussões e debates <i>online</i> , avisos sobre atividades, eventos, orientações sobre trabalhos da disciplina, curiosidades e compartilhamentos de informações e atividades entre colegas.
Foto/Vídeo	Ferramenta destinada à postagem de fotos e ou vídeos.	Inserção de vídeos que abordavam as tecnologias aplicadas à educação, gerando reflexões e discussões nos encontros presenciais e <i>online</i> . Inserção de fotos de atividades realizadas durante as aulas para registro e possíveis comentários. Postagem de fotos tiradas pelos

		celulares dos alunos abordando problemas em seu bairro, em sua escola, entre outros. Atividades que abordavam o uso do celular e da rede social como fonte de manifesto de direitos e discussão sobre cidadania.
Enquete	Ferramenta destinada a produzir pesquisas <i>online</i> com emissão de percentual dos resultados.	Realização de consultas sobre temas concernentes à disciplina. Pesquisa <i>online</i> sobre a opinião da turma em relação ao <i>Facebook</i> como ambiente de aprendizagem.
Adicionar arquivo	Ferramenta que permite gerar arquivos através de <i>upload</i> e <i>download</i> .	Disponibilização de arquivos de texto, modelos de planejamento, folder de atividades culturais, exercícios e trabalhos da disciplina.

Durante a pesquisa, lembramos Silva (2010, p. 15), quando sinaliza que “é tempo de reinventar a velha sala de aula presencial “infopobre”, a partir da dinâmica hipertextual e interativa das interfaces *online*.” O autor acrescenta que cada educador, juntamente com seus alunos, pode construir possibilidades interessantes através da cibercultura, destacando o tempo de partilhar soluções e experiências *online*. Nesta perspectiva, ousamos explorar a rede social *Facebook*, buscando caminhos que elucidassem práticas formativas produtivas, dinâmicas e significativas aos praticantes escolares. Segundo Ramal (2002), o hipertexto e a hipermídia são novas tecnologias intelectuais que reconfiguram as formas de construção do conhecimento. Deste modo, não são apenas instrumentos de leitura e escrita. As práticas pedagógicas, nesta perspectiva, indicam respostas ao contexto da cibercultura, que através de “uma dinâmica hipertextual e interativa das interfaces *online*” (SILVA, 2010, p.15), tem superado a pedagogia da transmissão e autenticado um coprofeccor²⁰, ou seja, uma relação em que educandos e educadores tornam-se sujeitos aprendentesensinantes²¹, trocando leituras e arquitetando juntos novas formas de saber.

Durante as atividades desenvolvidas no *Facebook*, os alunos alimentavam as discussões iniciadas em sala de aula, se comunicando e ampliando os diálogos sobre os assuntos levantados para debate. O primeiro deles referiu-se ao próprio uso do *Facebook* como ambiente de aprendizagem, buscando relacionar as potencialidades desta dinâmica como também refletir sobre os desafios, visto que o aplicativo não se apresenta como uma

²⁰ Termo usado por Marco Silva (2010), que apresenta um novo conceito sobre as possibilidades de uma pedagogia afinada com a cibercultura e oposta à ideia da pedagogia da transmissão.

²¹ Expressão sugerida pela professora Alexandra Garcia na disciplina de Seminário de Fundamentos II, devido a aproximação das discussões sobre formação que remetem ao pensamento de Nilda Alves.

plataforma formal voltada para o ensino. A imagem a seguir foi retirada de um dos grupos no AVA para ilustração:

Figura 9 - Enquete no *Facebook*



Fonte: O autor, 2015.

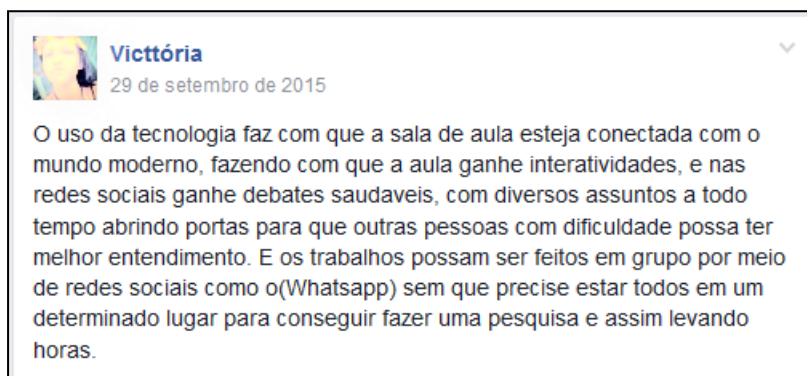
A maioria dos educandos participantes da enquete considerou que o *Facebook* poderia ser utilizado como ambiente de aprendizagem, porém, destacamos apenas dois comentários para refletirmos sobre os aspectos que envolviam as opiniões apresentadas com o intuito de considerarmos nossas discussões contemplando todos os aspectos, tanto os positivos quanto os negativos. O comentário em favor do uso do *Facebook* apresentou um olhar sobre a possibilidade de aprendizagem colaborativa entre os alunos e sobre a dinâmica diferenciada de atividades permeadas por diferentes mídias oferecidas pelo próprio aplicativo, o que oportunizava a interatividade entre os colegas. A aluna apresenta, ainda, um olhar crítico sobre a produtividade do uso da plataforma estar condicionada ao uso que os praticantes fazem dela. Neste sentido, o que acarretaria entender o *Facebook* como um facilitador ou dificultador da aprendizagem diz respeito exclusivamente às apropriações realizadas,

representadas na seguinte fala: “O *Facebook* só é produtivo e positivo para as pessoas que querem que o mesmo seja assim”.

Compreendemos, assim, que o uso do *Facebook* como AVA implica em considerar a importância do planejamento das atividades e clareza na proposta de trabalho desejada. Reforçamos a relevância de ajustar orientações e combinados com os educandos para que o ambiente virtual pudesse ser explorado com ética e responsabilidade, assim como as práticas cotidianas da sala de aula. Consideramos que a participação ativa do professor como mediador do conhecimento tende a favorecer resultados positivos durante o processo de execução do trabalho, seja ele presencial ou *online*. Desta forma, vivenciamos atividades educacionais em uma plataforma aberta, que também apresentava o risco de dispersão, devido a possibilidade de conversas *online* com os colegas ou visualização de fotos e vídeos que nem sempre estavam relacionados ao tema da aula. Este mesmo risco, porém, também vivenciamos diariamente nas salas de aula convencionais, sem necessariamente estarmos conectados ao ambiente *online*. Por isso, a ação do professor como mediador é fundamental, pois, através de sua orientação e do diálogo com os educandos, o trabalho pedagógico adquire organização e efetividade. Nesta perspectiva, também consideramos relevante dar voz aos alunos, permitindo que discutissem em sala de aula e no ambiente virtual as novidades e notícias que compunham seu cotidiano, introduzindo assuntos de seu interesse no desenvolvimento das aulas.

No decorrer de nossas atividades educacionais, discussões sobre o uso das TICs nas práticas pedagógicas também compuseram os encontros da disciplina. Os educandos realizaram pesquisas *online* sobre as tecnologias aplicadas à educação e seus efeitos para a aprendizagem, investigaram games e sites educativos, medidas de segurança para uso seguro da internet, produziram trabalhos, postagens e comentários através do *Facebook*.

Figura 10 - Reflexão sobre a tecnologia nas aulas



Legenda: Narrativa de uma aluna no AVA sobre as aulas mediadas por tecnologias digitais.
Fonte: O autor, 2015.

Estender o uso das redes sociais e das TICs para o processo ensino-aprendizagem compreende uma nova dinâmica na organização e elaboração das aulas, pressupondo que “os processos de interação social e de comunicação são inerentes às atividades de ensinar” (KENSKI, 2008 p.119). Percebemos que os sujeitos escolares desejam interagir e se comunicar através das redes sociais, valorizando as potencialidades comunicacionais destes canais. Desta forma, considerar a realização de novas dinâmicas na forma de alunos e professores planejarem e desenvolverem seus estudos e trabalhos educacionais torna-se fundamental. Vivemos uma nova dinâmica do tempo e compreendemos que:

Não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação de forma geral, mas a maneira como essa tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação. Essa maneira pode ser revolucionária, ou não. Os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo do que das tecnologias utilizadas, seja o livro, o giz, ou o computador e as redes (KENSKI, 2008, p. 121).

A autora chama atenção para a importância da mediação pedagógica, ressaltando que as tecnologias sozinhas não serão as precursoras de grandiosas transformações. Uma revolução na educação, mediada pelo uso da TICs, depende exclusivamente das apropriações que lhe são aferidas. Neste sentido, o nível de interação proposto e as estratégias de comunicação realizadas dar-se-ão como um divisor de águas, onde a proposta de educação dialógica estaria mais afinada com o cenário das TICs. Desta forma, limitar-se ao ensino bancário, onde apenas informações são transmitidas e depositadas nos cérebros eletrônicos das plataformas e nas mentes dos educandos, de fato não corresponderia a uma transformação significativa da educação. Nesta perspectiva, teríamos apenas novas tecnologias acompanhadas por antigos modos de ensinar, não evidenciando a interação, que, conforme Kenski (2008), exige envolvimento. Concluímos, assim, que o acesso e a visualização de conteúdos oferecidos pelas mídias não são interativos caso não seja estabelecida uma relação de trocas, colaboração e cooperação entre os praticantes escolares.

Compreendemos a necessidade de muitos avanços em relação às usabilidades da cibercultura, inclusive, sobre as potencialidades comunicacionais que superem “usos” apenas na perspectiva do consumo de informação ou mesmo de repositório de conteúdos. Perceber os potenciais das redes sociais para a educação ultrapassa a ideia de postagens fixas apenas para exposição de projetos ou atividades. Para Santos (2014), pesquisar na cibercultura é atuar como praticante cultural, como produtor de dados em rede, o que supera a utilização da *web* 2.0 apenas para coleta ou registro de dados.

A partir do exposto, percebemos a necessidade de explorar o ambiente virtual na disciplina de IMNT numa perspectiva comunicacional, onde os participantes dialogaram no ambiente *online*, criando ideias, discussões, construindo saberes e desenvolvendo sua autonomia.

Ao explorar os recursos da cibercultura na disciplina pesquisada, novas atividades eram somadas às práticas formativas dos professorandos. Entre as temáticas que envolveram as discussões, refletimos sobre o uso da internet e a necessidade de autoria em uma sociedade onde as informações estão acessíveis na rede, sendo reproduzidas nos trabalhos escolares. As discussões tomaram os encontros presenciais, mas também eram produzidas coletivamente no ambiente virtual. Com a problemática de ausência de internet na escola, utilizamos alguns recursos da “sala de aula invertida”, disponibilizando os vídeos *online* para os alunos acessarem a distância e na sala de aula discutirem o tema proposto. Sobre esta abordagem esclarecemos que:

O conteúdo e as instruções sobre um determinado assunto curricular não são transmitidos pelo professor em sala de aula. O aluno estuda o material antes de ele frequentar a sala de aula, que passa a ser o lugar de aprender ativamente, realizando atividades de resolução de problemas ou projetos, discussões, laboratórios etc., com o apoio do professor e colaborativamente dos colegas (VALENTE, 2014, p. 1).

De acordo com o autor, através do desenvolvimento das tecnologias, inúmeras modalidades de ensino a distância passaram a compor o cenário educacional, inclusive a sala de aula invertida ou *flipped classroom*, caracterizada pela combinação de atividades presenciais e atividades educacionais a distância, realizadas através das Tecnologias da Informação e Comunicação. O *Facebook* foi um facilitador deste processo, permitindo a disponibilização de vídeos temáticos, a ampliação das discussões e a troca de opiniões entre os educandos. Aqui, estendemos as inúmeras possibilidades desta abordagem, pensando em sua usabilidade na disciplina de IMNT e refletindo também sobre a ausência de infraestrutura da escola, que implicaria em algumas saídas para o desenvolvimento das propostas educacionais.

Deste modo, acessar algumas atividades e conteúdos através de vídeos disponibilizados no *Facebook* era compreendido como uma alternativa para não só antecipar aos alunos as temáticas que seriam aprendidas em sala de aula, como também uma forma de, na ausência do recurso presencial, os mesmos já possuírem acesso ao vídeo de suas casas ou de outros espaços sociais. Na sala, iríamos aprofundar as discussões e aprendizagens que,

antecipadamente, também foram comentadas e discutidas no ambiente virtual. As imagens abaixo exemplificam a atividade:

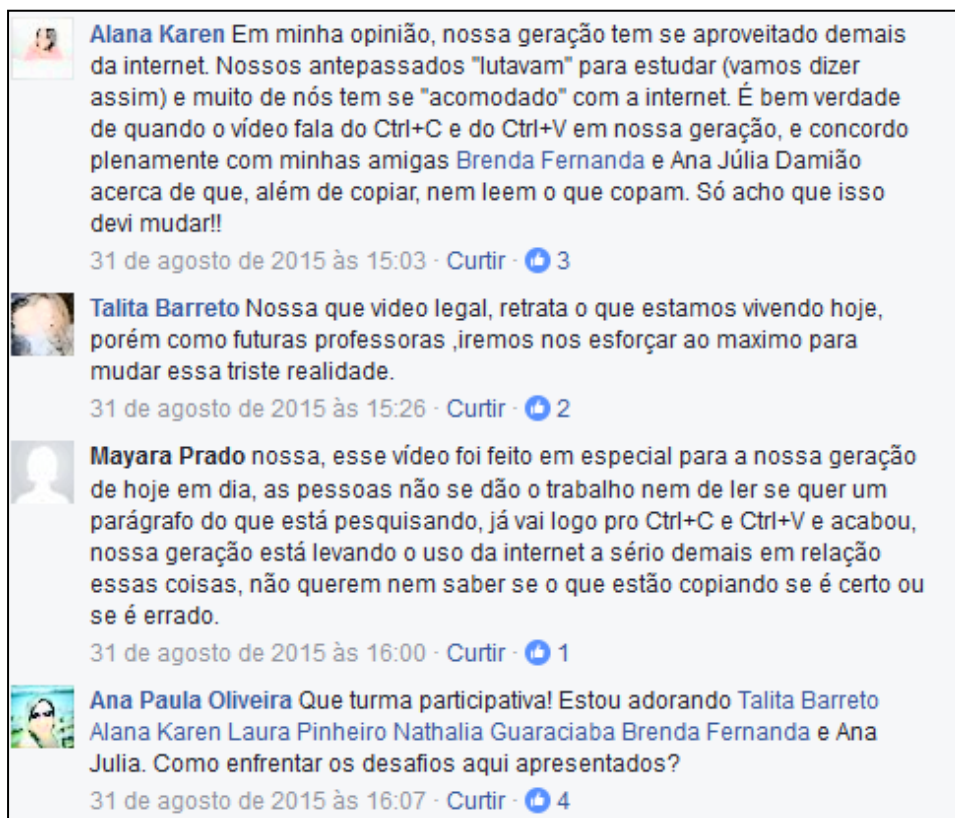
Figura 11 - Vídeo “Geração Copy e Cola” – Parte 1



Fonte: MAURICIO RICARDO, 2004.

A potência da comunicação referiu-se às reflexões que coletivamente os educandos realizavam no ambiente *online*, como uma forma de aquecer os debates ocorridos também presencialmente. A troca entre os colegas, sua interação é uma proposta de educação mais concreta, aberta à escuta de todos. Aqui, consideramos a importância de usar o espaço virtual para expor as leituras e compreensões de cada um, através de debates e reflexões que intencionavam incentivar a percepção crítica dos educandos. Unimos o uso da rede social ao papel formador da escola, onde o cenário cibercultural agregou sentido às práticas de ensino-aprendizagem.

Figura 12 - Vídeo “Geração Copy e Cola” – Parte 2



Legenda: Discussões no AVA sobre o vídeo.

Fonte: O autor, 2015.

Compreender a importância de trabalhar a cibercultura numa perspectiva crítica, inclusive na perspectiva da educação *online*, induz ao trabalho educacional comprometido com a função social da escola, em que usos inteligentes dos ambientes virtuais podem ser desenvolvidos. Segundo Pretto (1999), a escola conectada e integrada em rede torna-se um elemento vital para a produção de conhecimento de forma coletiva. Neste sentido, as propostas desenvolvidas no *Facebook* também abordaram a relevância de pensar na rede social como ambiente de discussões e práticas de cidadania. Desta forma, algumas atividades envolvendo o uso das redes sociais como veículo de exposição e debate sobre a situação das ruas, da escola e dos bairros em que moravam também compuseram as práticas formativas analisadas. Os alunos utilizaram os celulares para registrar suas realidades através de fotos, realizando as postagens no *Facebook*.

Figura 13 - Situação do Bairro



(a)



(b)

Fonte: O autor, 2015.

Ao utilizar o ambiente virtual para apresentar as situações reais do cotidiano, através de fotos tiradas dos celulares, os alunos compartilhavam as discussões em sala de aula, pensando em estratégias que pudessem dar visibilidade aos problemas encontrados e fazendo uso dos recursos tecnológicos disponíveis na atualidade, como os celulares e a internet. Obviamente, pensamos nas TICs e no potencial de interatividade permeada pelas mesmas, compreendendo que, para uma comunicação realmente interativa, não basta dispor no AVA uma série de atividades para que os alunos apenas respondam ou postem o que foi pedido para significar que existiu interatividade. Tal prática já é feita nas salas de aula tradicionais, como listas de perguntas, exercícios e atividades feitas pelo professor e respondidas pelo aluno. Neste sentido reafirmamos que:

Com um grau maior de complexidade nas formas sociais de interação e comunicação no ensino, nós podemos usar o espaço virtual para realizar atividades – didaticamente ativas e envolventes – construídas com a participação e a cooperação entre alunos e professores. Um ensino baseado em trocas e desafios, que envolva e motive os alunos para a participação e a expressão de suas opiniões (KENSKI, 2008, p.124).

Inspirados em uma proposta didática que contemplasse a interatividade presencialmente e no ambiente *online*, a disciplina de IMNT, ao explorar os recursos da cibercultura através do *Facebook*, buscou promover trocas entre os praticantes escolares, discussões, cooperação e compartilhamento de ideias, através de projetos que contemplavam os encontros presenciais mediados pelas TICs e encontros totalmente virtuais, em que os alunos, fora do espaço formal, também desenvolviam suas atividades.

Diante das atividades já sinalizadas através do Facebook, os educandos compartilharam vídeos autorais apresentando entrevistas que realizaram no espaço escolar com estudantes e professores, questionando sobre as apropriações tecnológicas que estes realizavam em seu cotidiano. Os professorandos buscaram saber a leitura que seus colegas e professores possuíam sobre as mídias, se consideravam importante que estas fossem discutidas e utilizadas na educação, quais usos faziam das redes sociais e reflexões que apresentavam sobre. Neste sentido, “o vídeo não só conecta pessoas *on line* e *off line* como é também cada vez mais resultado de montagens conectivas” (KILPP, 2010, p.7), produzindo uma relação de comunicação, coautoria e interatividade entre os seus participantes. A proposta dos vídeos passou por um processo de participação ativa entre os praticantes escolares que, posteriormente compartilhados no Facebook, produziu novos debates e reflexões sobre o contexto das mídias no espaço escolar.


Figura 14 - Entrevista com Professores

Opine você também

Entrevista realizada com a aluna Thamires da turma CN1002 . Onde foram feitas as seguintes perguntas:

- 1- VOCÊ JÁ PENSOU EM USAR AS REDES SOCIAIS PARA DEFENDER SEUS DIREITOS E TRABALHAR A CIDADANIA?
- 2- QUAIS SÃO AS REDES SOCIAIS QUE VOCÊ PARTICIPA? QUAL O USO QUE VOCÊ FAZ?
- 3- VOCÊ APOIARIA UMA TECNOLOGIA MÓVEL NA SALA DE AULA COMO INSTRUMENTO DE ESTUDO?
- 4- VOCÊ USA O CELULAR SOMENTE PARA ENTRETENIMENTO OU TAMBÉM PARA ESTUDO?
- 5- O QUE VOCÊ ACHA DA INCLUSÃO DE UMA MATÉRIA SOBRE MÍDIAS NA ESCOLA?

E você o que achou da nossa enquete ? Comente você também sua opinião enviando um e-mail.



Postado por **EDUCA MAIS NA TECNOLOGIA** às **09:42** Nenhum comentário:

Legenda: Normalistas realizando entrevistas com os professores da escola.
Fonte: O autor, 2015.

Figura 15 - Entrevista com Alunos

Gabriela Maria
23 de novembro de 2015

Entrevista para o trabalho de Mídias

Entrevistadas : **Andressa Gomes** e **Camilla Peçanha**
Turma : CN 1001

- 1- Você já usou as redes sociais como ambiente de protesto por luta por seus direitos? Explique.
- 2- Você acha que o Facebook pode ser usado como ambiente de aprendizagem? Por quê?
- 3- O que você acha da exposição nas redes sociais?
- 4- Quais são os benefícios em usar as tecnologias na sala de aula?
- 5- Qual a importância do estudo das mídias para entender a sociedade atual?



Curta Comente

Legenda: Normalistas realizando entrevistas com os alunos da escola.
Fonte: O autor, 2015.

As práticas formativas permeadas pelo uso do *Facebook* proporcionaram uma dinâmica diferenciada às aulas, visto que os alunos demonstravam-se mais empolgados com as atividades sugeridas, pois saíam da rotina de apenas transmissão e recepção de saberes. Com isso, afirmamos que a comunicação realizada entre os praticantes escolares buscava aprofundar-se na perspectiva da interatividade e do hipertexto, onde o professor, na posição de mediador do conhecimento, assume uma postura mais preocupada em possibilitar diálogos, reflexões, questionamentos, participação ativa dos estudantes do que propriamente apenas informação.


Chamamos atenção para práticas docentes abertas ao diálogo que, ao fazer uso da cibercultura, percebam suas potencialidades para a educação, orientando as atividades, incentivando o envolvimento e interesse dos educandos que, numa perspectiva de leitura hipertextual, reconhecem os potenciais comunicacionais perpassados pelas mídias digitais. Com isto, acrescentamos que a não linearidade da leitura implica em reconhecer novos modos de ler e conceber conhecimento, através do movimento, do clique, da conexão com a imagem, com o som e com os outros. Nesta perspectiva, compreendemos que:

O professor que se dispõe a aprender com o movimento contemporâneo das tecnologias digitais de informação e comunicação precisa perceber a distinção entre mídia clássica e mídia digital. Este professor poderá se dar conta de que tal modificação significa a emergência de um novo leitor. Não mais aquele que segue as páginas do livro de modo unitário e contínuo, mas aquele que salta de um ponto a outro, fazendo seu próprio roteiro de leitura. Não mais o que se submete às récitas da emissão, mas o que, não se identificando apenas como receptor, interfere, manipula, modifica e, assim, reinventa a mensagem (SILVA, 2008, p. 94).

Certamente, a grandiosidade do aprender, fazendo uso das mídias digitais, refere-se à possibilidade de participação ativa dos praticantes, da manipulação das informações e da co-criação. Neste sentido, superamos a ideia do consumo e avançamos para os usos astutos das TICs, através da construção e reconstrução daquilo que está posto *online*, considerando que a transformação das informações em conhecimento pressupõem interação, reflexão, discussão e criticidade (KENSKI, 2008), facilmente alcançadas através da interação com os outros participantes. Nesta perspectiva, ao se discutir as temáticas da disciplina de IMNT em sala de aula, buscava-se estender as discussões através do *Facebook*, sintonizando a experiência da interatividade nos dois ambientes (presencial e *online*), fazendo uso de sons, imagens e vídeos. Utilizar estes recursos sem explorar a interação entre os alunos e professores não pressupõe uma educação bidirecional e interativa (SILVA, 2008). Por isso, tentávamos experimentar estes saberes na prática, desenvolvendo as propostas no ambiente virtual.


Figura 16 - Dialogando sobre a interatividade


Olá turma!
Veja o vídeo de Marco Silva e responda a seguinte questão:
1. De acordo com o autor, quais seriam as possibilidades do trabalho com tecnologias digitais na escola?
2. O que o autor quis dizer com comunicação unidirecional e bidirecional?
Responda no comentário e converse com os colegas aqui no ambiente.


 **Marco Silva - Sala de Aula Interativa (2010)**
YOUTUBE.COM

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👤 Bianca Senna, Gabriela Maria e outras 3 pessoas ✓ Visualizado por 22


 **Amanda Almeida** eu concordo com hevelyn...
28 de agosto de 2015 às 15:47 · Curtir · 🗳️ 1


 **Giovana Costa** Eu concordo com Amanda...
28 de agosto de 2015 às 15:58 · Curtir · 🗳️ 1


 **Amanda Lopes** 1: A escola poderia exercer melhor a interatividade, porque melhoraria sim a relação dos professores e alunos, e ate mesmo o convívio.
2: Comunicação Unidirecional atrapalha os estudos pois os alunos ficam sem graça e sem poder se defender.
A comunicação Bidirecional, ela esta ligada a relação de professor e aluno, isso ajuda muito e poderia acontecer nas escolas.
Nadine Martins
28 de agosto de 2015 às 18:07 · Descurtir · 🗳️ 1


(a)


28 de agosto de 2015 às 19:13 · Curtir


 **Amanda Lopes** Concordo com ela
28 de agosto de 2015 às 19:43 · Curtir


 **Rêh Nunes Borrher** 1- Ele acredita que ainda haja uma certa resistência dos professores na utilização do computador, porque o professor acaba achando que a rede social é um lugar de coisas supérfluas, onde se fala de tudo, do cotidiano, por isso, os alunos poderiam não utilizar essas mídias com a finalidade de estudar.
2- Ele quis dizer que o professor, não tem que ficar preso na mesma coisa, no mesmo método de ensino, mas que poderia ser adepto a novas formas de ensino, onde ele (professor) e alunos poderiam interagir juntos, não separados, como por exemplo, cada um na sua! O professor passa o trabalho e o aluno faz! Mas, ele acredita que ambos poderiam ter essa interação através das redes sociais. Muitas vezes, o professor fica "preso" no método de ensino que ele aprendeu, mas para que isso fosse diferente, os professores deveriam ser inclusos nesse meio digital, sendo capacitados para tal interação.
31 de agosto de 2015 às 17:20 · Editado · Descurtir · 🗳️ 2


 **Letícia Barbosa** Concordo plenamente com Rejane.
31 de agosto de 2015 às 17:06 · Curtir

 **Letícia Barbosa** 1: A escola poderia exercer melhor a tal citada interatividade, o que melhoraria sem dúvidas a interação entre professores e alunos.
2: A comunicação unidirecional de certa forma prejudica até nos ensinos. Faz com que os alunos se sintam restringidos de seus direitos e os intimida. Já a comunicação bidirecional, como diz o nome, está interligada entre professores e alunos. Isso é saudável e essa ação deveria ser adotada em todas as escolas para assim obter melhores resultados na educação.
26 de agosto de 2015 às 17:03 · Editado · Descurtir · 🗳️ 1

 **Amanda Almeida** eu concordo com hevelyn...
28 de agosto de 2015 às 15:47 · Curtir · 🗳️ 1

 **Giovana Costa** Eu concordo com Amanda...
28 de agosto de 2015 às 15:58 · Curtir · 🗳️ 1

 **Rêh Nunes Borrher**



(b)

Legenda: (a) Utilizamos o vídeo de Marco Silva que discute a interatividade em educação. (b) Continuamos as discussões realizadas em sala de aula no AVA.

Fonte: O autor, 2015.

A imagem acima ilustrou um dos debates realizados na disciplina, onde exploramos um vídeo que refletia sobre o uso das tecnologias digitais na educação, englobando uma análise sobre as propostas de comunicação unidirecional e bidirecional (SILVA, 2010) nas práticas escolares. Neste sentido, observamos alguns ganhos com esta prática de ensino: a) a disponibilização da tela favoreceu uma dinâmica da aula, não se prendendo apenas à fala da professora; b) a relação entre os discentes e a professora na sala de aula presencial, a partir do vídeo apresentado, foi permeada por trocas, debates, apresentação de experiências e opiniões, numa relação interativa; c) o nível de interesse dos alunos aumentou a partir do momento em que a emissão da informação foi substituída pela construção dos saberes; d) o conteúdo não

constituiu-se como pronto, pois desenvolveu-se a partir da recepção, reconhecimento e transformação da informação em conhecimento produzida por cada aluno.

Ao analisar a ilustração acima, também chamamos atenção para a introdução da atividade no AVA, que aparentemente foi iniciada como uma proposta de exercício tradicional quando afirmava “veja o vídeo e responda a questão”. Ou seja, apesar de tentar proporcionar a educação dialógica e interativa, ainda percebemos um enraizamento na escola tradicional, mesmo não sendo esta a intenção da docente. Ressaltamos assim, a necessidade de formação contínua dos professores, onde refletir sobre a prática é fundamental, já que é “pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p.39). Ainda nesta perspectiva, concordamos que o professor seja um pesquisador em serviço, que aprende com a prática e a pesquisa, realizando-se neste processo através de um movimento contínuo de aprender/ensinar/pesquisar/aprender tão característico do docente que se coloca como mediador do conhecimento (MASETTO, 2009).

Na continuidade da análise sobre a proposta pedagógica retratada na figura 16, percebemos que houve interatividade quando passamos a verificar as falas das normalistas sobre o assunto e as trocas realizadas entre as colegas, umas mais tímidas, apenas concordando com as colocações, e outras mais reflexivas e participativas, entregues ao tema. Na perspectiva de educação *online*, mediada por TICs, valorizamos as discussões também realizadas presencialmente, onde a interatividade foi vivificada. Ressaltamos que, tanto nos encontros presenciais como nas experiências *online*, sentidos foram produzidos e fortalecidos entre as estudantes, que apresentavam seu olhar e compreensão referente ao assunto trabalhado. Consideramos importante acrescentar que a participação do professor como mediador do conhecimento é fundamental neste processo, dinamizando as conversas, incentivando a participação e colaboração entre os participantes que, através da criação de estratégias de trabalho, possibilitam a vivência dos educandos como sujeitos da aprendizagem. Desta forma, acrescentamos que:

A ênfase no processo de aprendizagem exige que se trabalhe com técnicas que incentive a participação dos alunos, a interação entre eles, a pesquisa, o debate, diálogo; que promovam a produção do conhecimento; que permitam o exercício de habilidades humanas (...); que favoreçam o desenvolvimento de habilidades próprias da profissão na qual o aluno pretende se formar; que motivem o desenvolvimento de atitudes e valores como ética, respeito aos outros e as suas opiniões, abertura ao novo, criticidade, educação permanente (...) (MASETTO, 2009, p. 143).


Potencializar a educação através destas leituras permite a realização de uma educação mais promissora, onde a proposta de não subutilizar as TICs começa na formação dos futuros

professores que, ao iniciarem sua vida profissional, já serão conhecedores das práticas pedagógicas na perspectiva da interatividade e colaboração, seja em uma sala de aula equipada de TICs (um ideal ainda a ser conquistado) ou naquela com menos recursos, mas não impossibilitada de vivificar práticas “astutas” de ensino (Políticas de Presença frente às Ausências encontradas). Os autores Blikstein e Zuffo (2012) lembram que as tecnologias digitais são revolucionárias porque, enquanto matéria-prima, podem ser reinventadas por cada um de nós, tanto na forma de consumir quanto nos modos de produzir, maximizando as possibilidades de aprendizagem. Compreendemos, assim, que a impressão de uma imagem, a escuta de um áudio, a visualização de uma cena de TV, a leitura de um livro, a projeção de uma tela ou a contação de uma história, contabilizam diversas estratégias que podem desenvolver-se numa perspectiva interativa e dialógica, dependendo apenas da metodologia desenvolvida pelo docente. Obviamente, as possibilidades educacionais oferecidas pela cibercultura são imensas, porém, na ausência dela, as tecnologias de massa podem ser recriadas através da prática docente que se estabelece com os educandos. Nesta mesma direção, Masetto (2009) ressalta um valor relativo sobre a tecnologia, compreendendo-a como importante, caso existam estratégias e eficiência em sua usabilidade direcionada à aprendizagem.


Podemos afirmar que, através da cibercultura, foi possível organizar uma dinâmica diferenciada no processo ensino-aprendizagem, visto que algumas ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo facilitaram a organização das aulas e a relação com os alunos. Desta forma, recados ficavam registrados *online*, como também arquivos concernentes à disciplina estudada eram anexados na página virtual, eventos podiam ser divulgados, fotos das aulas passeios, diálogos entre os praticantes, recados, *links*, entre outras atividades. Havia a possibilidade de conexão na sala de aula e para além dela; a interatividade, tão discutida no âmbito da cibercultura, concretizou-se efetivamente. Não há como negar uma dinâmica diferenciada na relação professor-aluno, já que os professorandos demonstravam entusiasmo, mantinham uma proximidade virtual e presencial, demonstravam-se felizes com a possibilidade de explorar recursos da internet utilizados por eles no cotidiano, porém com outro teor, numa perspectiva educacional. Sobre este aspecto, os depoimentos realizados pelos alunos no AVA evidenciavam sua motivação em explorar a cibercultura na disciplina, conforme indica a imagem a seguir:

Figura 17 - Depoimentos no AVA

Ver mais 15 comentários


 **Emanuelle Pacheco** Bom as aulas de mídias me deram um novo olhar sobre a educação, q ela nao precisa ser apenas o professor ensina , o professor fala os alunos ouvem e copiam sem levar algo de novo e diferente. O tempo em q passamos na escola a matéria de mídias me mostrou uma nova maneira de ensinar para nova geração q vive e faz parte de um mundo onde tudo é tecnologia e tudo é uma novidade e o q seria do ensino se não tiver professores q estejam preparados para lidar com essa nova geração q tem a possibilidade de aprender de um jeitinho todo especial e criativo com o uso das tecnologias q os cercam .


[Curtir](#) · [Responder](#) · 1 de dezembro de 2015 às 13:22 · Editado

 **Mayara Rosa** Então como disse a anaju, nós aprendemos a fazer planos de aula, pois não tinha noção como fazer, aprendemos a usar o Facebook como um instrumento de estudo, aprendi a fazer e usar um blog, e nossas aulas sempre vão ser legais, gostei muito de ter a matéria de mídias esse ano.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 10 de dezembro de 2015 às 11:29

(a)


 **Laura Pinheiro** Gostei muito da matéria de mídias, foi simplesmente incrível o que aprendemos esse ano, como o facebook, eu nunca pensei que o usaria como método de aprendizado, e que ele pode ser utilizado para o ensino, achei muito interessante pois abriu mais as nossas idéias, pois percebemos que tanto nas redes sociais quanto dentro de uma sala de aula, as aulas podem ser dinâmicas, divertidas e podemos tirar muitas coisas boas de lá, aprendemos também a criar blogs que foi muito interessante aprender a criar e usar o blog!

[Descurtir](#) · [Responder](#) ·  1 · 27 de novembro de 2015 às 19:14

 **Nathalia Guaraciaba** Aaaa o que dizer da matéria de mídias ????

Ela foi uma das matérias mais incríveis que já aprendi, nunca pensei que pudesse existir uma matéria ensinando a como usar as redes sociais como aprendizado principalmente o facebook , adorei esse aprendizado e pretendo levar pelo resto da vida .

[Curtir](#) · [Responder](#) · 28 de novembro de 2015 às 10:10

 **Brenda Fernanda** Então eu nunca tinha vivido essa experiência na minha vida pois já estudo 10 anos no Clélia Nanci e nunca tive a oportunidade de conhecer As tecnologias nas escolas , como também nunca tinha ido na sala de informática .. Então pra mim foi surpreendente conhecer mas sobre a matéria Mídias , saber um pouco mais e passar por experiências que nunca aconteceram foi bem legal , construir um blogger poder falar e expressar nossas opiniões sem aquele negócio de COPIA E ESCUTA O QUE OS PROFESSORES FALAM E PRONTO A AULA ESTÁ PRONTA E DADA .. Foi bem divertido ter um entendimento melhor sobre essa nova matéria .. Como também utilizar o facebook como ferramenta de trabalho , eu nunca imaginei que o facebook poderia ser utilizado desse jeito .. É isso , gostei muito


[Curtir](#) · [Responder](#) · 29 de novembro de 2015 às 07:41


(b)


Fonte: O autor, 2015.


Através dos comentários dos educandos, percebemos uma identificação com as atividades desenvolvidas na disciplina e uma percepção sobre a relevância dos professores desenvolverem atividades fazendo “usos” das tecnologias que compõem a cultura dos alunos atuais. Os depoimentos expressam uma crítica às aulas tradicionais, baseadas apenas na verbalização do professor e na passividade dos alunos, que apenas reproduziam o que o educador ditava. Esta percepção apresenta-se através da fala de uma das alunas ao refletir sobre a necessidade de uma educação mais dinâmica, interativa, e não aquela em que “apenas o professor ensina, o professor fala, os alunos ouvem e copiam”. Aqui, percebemos que o AVA caracterizava-se como ambiente de reflexão, questionamentos, trocas e aprendizagens. Os próprios professorandos podiam viver esta experiência na prática, envolvendo-se e interagindo no decorrer das atividades propostas.

Figura 18 - Depoimento no AVA 2



Alana Karen Pode - se dizer que foi perfeita.
A maneira em que uma matéria consegue envolver o alunos nos trabalhos, exercícios, na mesma é incrível.
Em um ano conseguimos aprender que : o facebook pode ser sim , usado como ferramenta de aprendizagem, não só o facebook como outros; conseguimos aprender que através de um vídeo é possível passar informações/educar a/um aluno seja de qual idade for.
Aprendemos que, mesmo distante de um aluno ou vice-versa há possibilidades de ocorrer uma aula , ou seja, como tivemos o conhecimento em sala de aula, através da EAD (educação a distância), na verdade além de somente aprendermos , vivenciamos isso, pois , fizemos isso durante o ano inteiro e continuamos fazendo, assim como nessa atividade.
São pontos que vivenciamos de maneira diferente , formal e lúdica.
Foi maravilhosamente vivenciar essas experiências.
Foi o máximo !!!
Descurtir · Responder ·  1 · 25 de novembro de 2015 às 15:46



Victória Oliveira Gostei muito de ter a matéria de mídias na escola , nunca pensei que poderia usar as redes sociais como meio de estudo, até menos porque nas escola e proibido o uso do celular, foi super legal ter esse ano essa matéria , mostro para muitas pessoas que a internet não e so para diversão e sim para maneiras de estudar também , essa matéria deveria ter em outras séries porque e muito interessante e tem muitos meios de estudo para a educação, exemplos como nosso grupo da turma que usamos para fazer trabalho , e como outras pessoas também pode estuda pela internet estudando a longa distância, foi muito interessante essa materia adorei.
Descurtir · Responder ·  2 · 25 de novembro de 2015 às 16:02 · Editado

Fonte: O autor, 2015.

Uma aula em que os celulares eram permitidos já se concebia como um fato “novo”, pois normalmente há uma proibição da escola neste sentido. Dirigir-se ao laboratório de informática também evidenciava uma realidade pouco vivida pelos alunos. Muitos deles já estudavam no IECN há bastante tempo, mas nunca haviam entrado na sala de informática, seja pelas Políticas de Ausência refletidas na falta de manutenção das máquinas, no aprisionamento dos computadores em uma sala isolada, presa por cadeados, ou no desconhecimento dos professores.

Muitas foram as conquistas neste processo educativo, entre elas, afirmamos a motivação dos estudantes e a inovação que se deu através do acesso ao *Facebook* na escola, já que todos conectados em uma rede social realmente foi uma surpresa. Com isto, não negligenciamos a necessidade de diálogos constantes, pois apesar de traçarmos um uso educacional das mídias sociais, os estudantes encontravam-se convidados a conversarem com colegas sobre outras temáticas, não pedagógicas, afinal o “*Messenger*” estava à sua disposição, facilitando uma dispersão. Os próprios alunos afirmavam que esta prática era recorrente, nada muito diferente de estar em uma sala de aula presencial e um colega despertar a atenção para outros papos. Outro desafio também se referiu às informações e atualizações das páginas pessoais, pois inúmeros eram os estímulos para ver as novidades, fotos, vídeos e postagens que não estavam relacionadas às atividades pedagógicas propostas. Contudo, ao discutirmos sobre interatividade na pesquisa, o diálogo se compôs frequentemente nas aulas e o professor, em uma postura de gerenciamento e coordenação das atividades, incentivava uma postura ética e responsável dos alunos, convidando-os à reflexão sobre as propostas de trabalho e realizando combinados para que os objetivos das aulas não fossem perdidos, afinal, estávamos utilizando uma rede social aberta, e não uma plataforma destinada apenas à educação, o que exigia uma organização de estratégias para que o trabalho proposto fosse desenvolvido com êxito.

Entre fios, desafios e uma dinâmica de educação colaborativa, as atividades foram se construindo na perspectiva de interação, colaboração e trocas entre os praticantes escolares. Os recursos do *Facebook* evidenciaram uma dinâmica diferenciada às aulas; outros recursos da cibercultura também foram explorados, pois a plataforma do “*Face*” *linkava* para novas atividades, promovendo uma conectividade significativa. Desta forma, textos, vídeos, sons, imagens, sites, pesquisas e *blogs* eram criados colaborativamente pelos professorandos no espaço escolar. As atividades da disciplina causaram uma dinâmica diferenciada na escola, estreitando relações entre colegas de turmas diferentes, professores, alunos e funcionários, que mediados pela temática das mídias na escola, se utilizavam destas para uma aproximação

com o conhecimento de si e do outro. Entrevistas mediadas pelos celulares, vídeos, sons e imagens foram criados pelos praticantes, demonstrando que os aparatos móveis podem tornar-se aliados ao processo ensino-aprendizagem se utilizados com intencionalidade pedagógica, através de um planejamento bem elaborado e organizado pelos professores.

Não negamos que em muitos encontros formativos promovidos na escola, a ausência de infraestrutura adequada desanimava o processo educativo. Muitas vezes, as idas ao laboratório de informática, que não foram poucas, também eram frustradas pela ausência de equipamento adequado, de manutenção e acesso à internet. Até nestes momentos os professorandos se ajudavam, pois, como conhecedores das mídias, tinham o interesse em colaborar e tentar, na medida do possível, vivificar as aulas. Notamos que alguns alunos também possuíam conhecimentos técnicos sobre *hardware*, o que facilitava a tentativa de resolução de alguns problemas imediatos. Frente à constatação de muitas ausências na infraestrutura da sala, inúmeras atividades também foram adiadas e realizadas a distância, impedindo um aproveitamento do tempo de aula presencial, que por diversas vezes também foi perdido, na tentativa de consertar um problema técnico. Com isto, acrescentamos que:

É necessário que cada instituição de ensino oriente seu projeto pedagógico definindo a relevância a ser dada ao uso das novas tecnologias, sobretudo das redes, no processo educacional geral (que envolve o ensino, a pesquisa, a capacitação de seus professores, a inclusão de todas as atribuições administrativas e o relacionamento com as comunidades e demais instituições), as formas de financiamento e administração dessas tecnologias e a reorientação de toda a sua estrutura organizacional e de ensino tendo em vista o oferecimento de educação com um melhor padrão de qualidade (KENSKI, 2008, p. 86).

Ao invés de apenas criticarmos as Políticas de Ausência, precisávamos olhar para as Políticas de Presença criadas pelos professores e alunos em seu cotidiano. Compreendemos a importância de não rotular a escola negativamente, mas sim, perceber as possibilidades de trocas entre educadores e educandos e suas táticas de trabalho. No que se refere ao uso das tecnologias digitais, evidenciamos a contribuição dos educandos que, de forma participativa, contribuíam com seus conhecimentos midiáticos numa relação de cooperação com os professores e colegas de turma. Os problemas de infraestrutura também eram enfrentados com algumas dinâmicas de trabalho, que buscavam favorecer a todos os praticantes escolares. Como exemplo, citamos as atividades anexas e orientações, que eram disponibilizadas com antecedência no *Facebook*, para que os alunos pudessem acessar e fazer o *download* de suas casas. Mediante a indisponibilidade de acesso à internet nos celulares e residências dos educandos, outra estratégia de trabalho referiu-se à prática da professora em disponibilizar

arquivos em *pendrive* ou no próprio celular para compartilhamento via *Bluetooth*. Muitos colegas também compartilhavam sua internet ou recursos para o desenvolvimento das atividades.

Figura 19 - Disponibilização de Arquivos 1

The image shows two Facebook posts. The top post, dated May 14, 2015, is from Ana Paula Oliveira and shares a document titled 'MODELO DE PLANO.doc'. The text of the post says: 'Olá turma! Nossas próximas aulas já estão agendadas para o Núcleo de Cultura. Atenção aos grupos que apresentarão os trabalhos, organizem-se! Segue o modelo de planejamento da atividade apresentado em sala de aula.' Below the document is a 'Baixar' button and a 'Carregar revisão' button. The bottom post, dated June 15, 2015, is also from Ana Paula Oliveira and shares a link to a presentation titled 'Educação Pública - Biblioteca - Tecnologia'. The text says: 'Olá turma! Segue material para leitura!'. The presentation content includes a flowchart with boxes: 'Ferramenta eficiente para ensinar' (Instrumento eficiente de aprendizagem), 'Adaptação à realidade maior' (Acesso a um bem social), 'Quebra de paradigma: O computador, o software e o aluno' (Novo paradigma: O computador, o software e o aluno), 'Redução de índices negativos', 'Necessidade de utilização', and 'Formação do sujeito, na sua totalidade'. Below the flowchart is the title 'Educação Pública - Biblioteca - Tecnologia' and a description: 'Área de extensão da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro - Cecierj/Cederj. Iniciativa da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia (SECT-RJ). Objetiva oferecer formação... EDUCACAOPUBLICA.RJ.GOV.BR'. Both posts show engagement metrics like 'Curtir', 'Comentar', and 'Compartilhar'.

Legenda: Postagem de arquivos disponibilizados pela professora no AVA para *download* e realização de atividades

Fonte: O autor.

Figura 20 - Disponibilização de Arquivos 2

The image shows two Facebook posts. The top post, dated June 13, 2015, is from Ana Júlia Vasconcelos and shares a presentation titled 'Trabalho de Mídias.pptx'. The text says: 'Alunas.: Ana Júlia Cavalliere, Laura Pinheiro, Luiza Cavalcanti e Vitoria Pio. OBS.: So consegui posta o trabalho hj, pq estava sem net...'. Below the presentation is a 'Baixar' button and a 'Carregar revisão' button. The bottom post, dated August 11, 2015, is from Ana Paula Oliveira and shares an Instagram post. The text says: 'Registrando nossa ida ao Cinema!'. The Instagram post shows a group of students sitting in a cinema. Below the Instagram post is the caption: 'Turma CN1005! Pixels, o que é real? O que é virtual? Disciplina: Mídias Aplicadas à Educação. Uma aula diferente: no Cinema!'. Both posts show engagement metrics like 'Curtir', 'Comentar', and 'Compartilhar'.

Legenda: Compartilhamento de trabalhos realizados pelos alunos para leitura e apresentação. Disponibilização de arquivos e imagens sobre a ida ao cinema para assistir ao filme *Pixels*.

Fonte: O autor, 2015.

Consideramos que a escola, enquanto espaço de democratização do conhecimento e das diferentes culturas, necessita firmar-se de forma integradora, promovendo a comunicação entre educadores e educandos. Ao iniciar esta comunicação, ela atravessa não só as paredes e os muros, como também as telas dos computadores, dos celulares e *tablets*, dialogando ideias, movimentos e realidades culturais que personificam os praticantes escolares, sejam eles alunos/nativos e professores/imigrantes digitais. Ambos possuem um lugar na história, apresentando culturas e memórias diversificadas e fundamentais para a construção de uma nova sociedade. Sob este contexto, convém ressaltar que a difusão das tecnologias digitais não indica o sucesso escolar; anterior a isso, mudanças ainda tornam-se necessárias, e talvez a principal delas fosse a escola redefinir as tecnologias “como espaços de encontro e diálogo e de produção de pensamento” (SIBILIA, 2012, p.211).

Através do exposto, afirmamos a relevância em explorarmos a *web 2.0* nas práticas escolares, seja o *Youtube*, que oferece a possibilidade de não só assistir aos vídeos disponíveis em rede, mas também criar canais autorais; os *blogs*, que podem tornar-se espaços educativos, através da disponibilização de pesquisas, estudos, entretenimento e compartilhamento de diversas temáticas discutidas na escola; a *wikipédia*, caracterizada pela autoria colaborativa, onde a integração de textos, leituras e descobertas podem somar-se no ambiente virtual, tornando maiores as possibilidades de leitura, escrita e criação; e o *Google Docs*, que permite a edição de textos e trabalhos coletivos, podendo ser compartilhado com os colegas e orientados pelo professor virtualmente. Inúmeros são os aplicativos disponíveis na internet, sendo necessária apenas uma aproximação da escola e valorização daquilo que corresponde à cultura dos seus alunos. Ao compreender a riqueza de recursos tecnológicos disponibilizados em rede, as práticas educacionais ampliariam as chances de promover novos sentidos tanto para os educandos quanto para os educadores, tornando o ato de aprenderensinar mais prazeroso e significativo.

Entre tantos outros artefatos culturais disponíveis para consumo, conforme sinalizados anteriormente, o *Facebook* foi o ambiente que possibilitou estreitar as experiências educacionais ao longo da disciplina de IMNT. Sua plataforma favorecia a organização das atividades pedagógicas em um mesmo ambiente e permitia a integração de outros recursos da *Web 2.0*, como disponibilização de vídeos, *links* para estudos, tarefas, discussões *online*, acesso aos arquivos, comunicação com as turmas e convivência virtual. Desta forma, buscamos promover uma educação dialógica, valorizando as realidades dos estudantes e considerando seus conhecimentos midiáticos, que explorados no contexto educacional, originaram novos ambientes e possibilidades de construção do conhecimento.

Muitos teriam sido os aperfeiçoamentos das propostas de trabalho, porém, consideramos que o aprender fazendo concebeu-se como uma forma de romper com antigos modos de ensinar. Através da ubiquidade das tecnologias digitais buscamos explorar outras formas de educar, entendendo que o *Facebook* foi apenas um dos inúmeros recursos oferecidos pela cibercultura para promover a educação. Enfatizamos, ainda, que consumir estes artefatos na escola significou uma apropriação ímpar, distante de uma visão acrítica e próxima de usos conscientes e astutos.

5.1 Por uma educação dialógica e interativa

Organizadas as estratégias de trabalho frente às tecnologias acessíveis na escola, pensamos no papel do educador, refletindo a importância de um novo olhar sobre as práticas educacionais e os frutos rendidos destas ações, ou seja, as Políticas de Presença já sinalizadas na pesquisa.

Ao investigar a perspectiva da cibercultura que compõe o cenário da sociedade atual, refletíamos sobre uma concepção de professor que rompesse com os modelos da educação clássica, desmistificando a ideia de “detentor do conhecimento” e ampliando esta concepção para o universo “ciber”. Desta forma, na contemporaneidade, termos como: “dono do saber”, “professor transmissor”, “aluno receptor”, “aluno passivo”, “tábulas rasas”, “educação bancária”, não correspondem à atualidade, pois a cibercultura apresenta uma configuração muito diferente do modelo tradicional de ensino, onde estas expressões se enquadravam. Neste sentido, a escola que envolve a comunicação com os praticantes escolares depara-se com o cenário das mídias digitais, nos fazendo pensar em uma concepção de educador mais apropriada ao contexto da cibercultura: o mediador pedagógico.

Ao estudar sobre a mediação pedagógica, buscamos um conceito que se aproximasse com a proposta da educação dialógica (FREIRE, 1996) e da comunicação bidirecional (SILVA, 2012). Assim, falar sobre mediação pedagógica no contexto das TICs envolve pensar em práticas formativas muito afinadas com o contexto da cibercultura, que apresenta novos modos de consumir e produzir conhecimentos. Desta forma, o professor como mediador na cultura “ciber” tem a possibilidade de promover práticas formativas permeadas pelas TICs através do diálogo, da cooperação, colaboração e do compartilhamento de saberes,

incentivando a autonomia, a criação, a comunicação e interatividade. Nesta direção, a mediação pedagógica define-se como:

A atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem – não uma ponte estática, mas uma ponte “rolante” que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. É a forma de se apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela. (MASSETO, 2009, p. 144-145)

A partir do exposto, entendemos que a mediação pedagógica envolve uma docência flexível, aberta ao diálogo e à orientação dos estudantes através de uma relação horizontal, onde a troca de experiências, a problematização, o debate, a cooperação, a atenção à voz do outro, a reflexão crítica e o pensar junto tornam-se componentes fundamentais das práticas formativas. Neste processo, o professor orienta nas dúvidas, realiza perguntas orientadoras, elabora relações sobre a sociedade real, coopera para os educandos desenvolverem o senso crítico frente à validade ou não das informações obtidas em rede, colabora para que “o aprendiz use e comande as novas tecnologias para suas aprendizagens e não seja comandado por elas ou por quem as tenha programado” (MASETTO, 2009, p.145), além de valorizar as construções dos aprendizes e os orientar sobre as questões éticas, de respeito, cidadania e comunicação com os outros.

Em suma, o mediador pedagógico, na configuração cibercultural, apresenta-se como um dinamizador da aprendizagem que, frente as TICs, desenvolve suas práticas conduzindo os educandos a refletir criticamente sobre a sociedade em que vivem e sobre as intervenções que farão a partir do conhecimento construído. Estreitamos a proposta do professor mediador sugerido por Freire, sempre disposto a difundir a importância da solidariedade entre o educador e o educando e a constituir uma aprendizagem democrática, dialogada, que respeite os saberes e não saberes do outro. O autor deixou memórias vivas, ressaltando a importância de conceber práticas educativas como um movimento crítico-reflexivo, entendendo que, enquanto experiência humana, educar significa poder intervir no mundo (FREIRE, 1996, p.98).

Neste novo tempo, diante da necessidade da escola responder criticamente ao contexto da cibercultura, percebemos a importância de resgatarmos a educação transformadora proposta por Freire, que inspira um olhar envolvido com a dimensão da prática docente,

consciente dos desafios, riscos e possibilidades que lhe são inerentes. Não há como negar as contribuições do autor no que se refere à “Pedagogia da Autonomia”, que ultrapassa uma ideia reducionista de educação e abrange aspectos fundamentais sobre o contexto educacional, especialmente nas relações estabelecidas entre o professor e o aluno. O ato de educar dialogado pelo autor apresenta otimismo, reflexão, criticidade, esperança, ideais, lutas, sonhos e utopias. Utopias estas que instigam a busca constante por transformação, que não nos permitem estagnar, que nos incomodam, movimentam e conduzem à necessidade de mudança. O autor em sua última obra já sinalizava a importância do ato de mudar, pois não há como discutir a escola e seus sujeitos sem pensar na possibilidade de transformação.

Vinte e um anos depois do livro “Pedagogia da Autonomia” publicado, voltamos às contribuições de Freire e notamos o legado que o mesmo deixou, especialmente sobre a educação, seus desafios e sua função social e política. Inevitável seria desconsiderar as leituras e contribuições de um autor que conversava sobre temas muito atuais. Freire (1996, p. 87) já citava a tecnologia, acrescentando a necessidade de um espreitar, “de forma criticamente curiosa”, sobre o tema.

Nesta perspectiva, as mídias e novas tecnologias foram estudadas e experimentadas na pesquisa como possibilidade de interlocução entre educador e educando no espaço escolar, sem exaltações extremas ou condenações excessivas. A curiosidade crítica sublinhada por Freire permite pensarmos na alternativa da mudança, atualmente versada por experiências que possam conectar os nativos e imigrantes digitais. O autor já grifava a importância da escola valorizar as leituras mundo dos educandos. O contexto das mídias e da cibercultura já faz parte da vida destes sujeitos escolares e, por isso, não deve ser ignorado. Entendemos assim, que a relação dialógica poderia ser o caminho que levaria a transformação da escola, esta seria uma atualização importante para o sistema escolar. As práticas e relações docentes e discentes podem ser mais afinadas, em sintonia com a real função da escola, que é democratizar o conhecimento, integrando os sujeitos, suas histórias, leituras, vivências, realidades, misérias, riquezas, movimentos e culturas.

A partir destas compreensões, exploramos os ambientes *online* e refletimos com os educandos sobre os acessos e “usos” críticos dos artefatos digitais, respeitando seus saberes e orientando novas propostas de manuseio das tecnologias. Ao entrevistarmos os professores, ouvimos relatos que confirmaram a ausência de conhecimentos técnicos sobre os *blogs*, por exemplo, mas, ao mesmo tempo, a experiência de aprender com os alunos acabou proporcionando uma nova relação entre os praticantes escolares e o conhecimento: “Algumas atividades que eu queria desenvolver com eles e eu percebia que eu não tinha muito domínio

daquilo e, é interessante isso né, porque as alunas começavam assim a me ajudar a pensar sobre aquilo ali”. Não há como perceber-se professor sem colocar-se também como aprendiz, esta é a essência da mediação pedagógica, que através da percepção de sujeitos inacabados nos tira do egocentrismo e nos coloca como constantes aprendizes, conscientes que a relação respeitosa com o outro nos humaniza ainda mais. Nesta perspectiva, percebemos que a cibercultura indica potenciais para os praticantes das escolas, nas quais a verbalização-centralidade, unilateralidade-autoridade e imutabilidade-conservadorismo não corresponderiam ao que pode ser construído de positivo nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Em relação a configuração da sociedade atual impregnada por tecnologias digitais convém realçar o conceito de interatividade defendido por Silva (2014) que aponta uma estreita relação entre a emissão, recepção e transformação da mensagem. De acordo com o autor, as informações dispostas nas redes virtuais por exemplo, deslocam-se do lugar de acabadas e ocupam o status de manipuláveis, através da possibilidade de modificação disponibilizada ao receptor. Nesta lógica, há uma superação da informação como mensagem pronta, destinada apenas ao consumo passivo, pois ao acessar a internet, “o usuário não simplesmente recebe, ele adentra informações” (SILVA, 2014, p. 34). Deste modo, buscamos sintonizar a pesquisa à proposta de interatividade, entendendo a relevância de não apenas utilizar TICs digitais como objetos técnicos que transmitem informações, mas impreterivelmente ampliam as potencialidades comunicacionais. À luz do autor, entendemos que a interatividade permeada pela inovação tecnológica pressupõe que:

Esta inovação significa disponibilização de possibilidades. Possibilidade de seleção de conteúdos ou de interferência em conteúdos; possibilidade de armazenamento, de impressão, de envio, enfim de tratamento da informação ou da mensagem entendida agora como espaço de manipulação (SILVA, 2014, p. 40).

Ao utilizar o *Blog* como prática formativa, um dos professores relatou que trabalhava com temas da atualidade, buscando despertar o interesse pela informação e o posicionamento dos alunos frente aos acontecimentos: “Eu lembro que na época “tava” o bum da falta da água, de muito calor, da situação de São Paulo, então a gente pegava tópicos do que estava acontecendo e começava a entrevistar pessoas e fazia comentários”. Através desta narrativa, percebemos que os *blogs* foram explorados como espaço de reflexão e divulgação de diversas temáticas, levando os estudantes a trabalharem coletivamente e a interagirem com os colegas e professores. A experiência sinalizada dialogou com a proposta da interatividade, superando

a ideia de transmissão de informação, pois ao mesmo tempo em que o professor orientava as temáticas de discussão, também incentivava a participação e as conversas entre os alunos e seus grupos, compartilhando postagens e opiniões no ambiente virtual: “Eles discutiam na sala, pesquisavam na escola e em outros espaços, entrevistavam pessoas e colocavam lá no *Blog* para as turmas avaliarem e um comentava o *Blog* do outro”, afirmou um dos professores entrevistados. Em relação a interatividade proposta por Silva, o autor acrescenta que:

Na perspectiva da interatividade, o professor pode deixar de ser um transmissor de saberes para converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, em lugar de prender-se à transmissão, valoriza e possibilita o diálogo e a colaboração (SILVA apud SILVA, 2003, p. 100-155).

A interatividade aqui discutida propõe práticas diferentes daquelas difundidas na escola clássica, que vivia em outro contexto cultural. Deste modo, o que desencadeará possíveis outros caminhos para a educação será sua predisposição em atuar na perspectiva da interatividade, já familiarizada pelos jovens, nativos digitais que percorrem fisicamente os colégios, mas que, através de uma vivência híbrida, conectam-se em um universo cada vez mais dinâmico, interativo e cibernético. Caberia à escola dispor-se ao contexto das mídias e novas TICs na perspectiva da interação, buscando conhecer as possibilidades e desdobramentos desta configuração que apresenta desafios, riscos, incertezas e, possivelmente, uma conexão com os estudantes, público este que muitas vezes se encontra disperso da escola por considerá-la chata e entediante, especialmente diante das possibilidades da cibercultura, muito mais convidativas e atraentes.

Sem dúvida, o contexto cultural da atualidade é outro, apresentando novas tecnologias e desafios para a escola e seus praticantes. Concordamos que não cabe mais um aprisionamento à educação verbalizadora, centrada na figura do professor e na transmissividade da informação. Acrescentamos que, nesta mesma perspectiva, as TICs não devem ser de controle, guardadas por cadeados e inacessíveis; pelo contrário, elas precisam ser inseridas nas práticas formativas, traduzindo-se como possibilidades potentes de aprendizagem.

Em relação a configuração da sociedade atual impregnada por tecnologias digitais convém realçar o conceito de interatividade defendido por Silva (2014) que aponta uma estreita relação entre a emissão, recepção e transformação da mensagem. De acordo com o autor, as informações dispostas nas redes virtuais por exemplo, deslocam-se do lugar de acabadas e ocupam o status de manipuláveis, através da possibilidade de modificação disponibilizada ao receptor. Nesta lógica, há uma superação da informação como mensagem

pronta, destinada apenas ao consumo passivo, pois ao acessar a internet, “o usuário não simplesmente recebe, ele adentra informações” (SILVA, 2014, p. 34). Deste modo, buscamos sintonizar a pesquisa à proposta de interatividade, entendendo a relevância de não apenas utilizar TICs digitais como objetos técnicos que transmitem informações, mas impreterivelmente ampliam as potencialidades comunicacionais. À Luz do autor, entendemos que a interatividade permeada pela inovação tecnológica pressupõe que:

Esta inovação significa disponibilização de possibilidades. Possibilidade de seleção de conteúdos ou de interferência em conteúdos; possibilidade de armazenamento, de impressão, de envio, enfim de tratamento da informação ou da mensagem entendida agora como espaço de manipulação (SILVA, 2014, p. 40).

Em sintonia com a proposta da interatividade supracitada, durante a experiência da pesquisa na disciplina de IMNT, notamos o envolvimento dos educandos nas atividades propostas. Novos sentidos eram dados a cada encontro, onde as vozes dos alunos ecoavam com alegria, entusiasmo e motivação. Afinal, estávamos realizando atividades educacionais em outro âmbito, utilizando as TICs e dialogando sobre elas na sala de aula. Esta é a potência a que nos referimos, pois rompemos com a subutilização das tecnologias e ampliamos suas possibilidades de exploração. Observamos que através das TICs é possível envolver os praticantes (professores e alunos) nas propostas educacionais, propositando o desenvolvimento de aulas significativas para ambos, pois ora nos colocamos como aprendizes, ora como ensinantes e, em todos os momentos, vivemos na prática uma educação realmente dialógica e interativa.

Silva (2004) menciona as contribuições de Paulo Freire e Anísio Teixeira, que sugeriram uma educação antagônica à “pedagogia da transmissão”. Inspirado nestes mestres, o autor acrescenta o desafio da cibercultura. Educar neste tempo, requer a realização de uma pedagogia à luz destes “grandes gênios”, como afirma o autor:

Num primoroso texto avançado em seu tempo, Anísio deixa claro que o professor deveria lançar mão dos “novos recursos tecnológicos e dos meios audiovisuais” não para transmitir conteúdos, ao contrário, buscaria neles rompimento com a pedagogia da transmissão. Ou seja, rádio, cinema e televisão “irão transformar o mestre no estimulador e assessor do estudante”. De “guardião e transmissor da cultura”, o mestre seria transformado, graças à parceria com as tecnologias de comunicação, em “guia de aprendizagem” e em “orientador em meio às dificuldades da aquisição das estruturas e modos de pensar fundamentais da cultura contemporânea”. Em lugar de transmitir pacotes de informações em sala de aula, o mestre, a par da dinâmica do conhecimento em permanente expansão, poderia “ensinar ao jovem aprendiz a aprender os métodos de pensar das ciências físico-matemáticas, biológicas e sociais, a fim de habilitá-lo a fazer de toda a sua vida uma vida de instrução e de estudos” (SILVA, 2004, p. 2).

Pensar na escola atual, no panorama da cibercultura, exige práticas também sintonizadas com a pedagogia de Freire. Claramente progressista, o autor aborda a importância de se fazer professor, enxergando-se também como aprendiz, induzindo à reflexão sobre as formas de educar e de estabelecer experiências com os educandos. No contexto das mídias e novas TICs, inúmeras práticas de interlocução entre professores e alunos foram encontradas, pois suas aprendizagens e vivências eram dialogadas e compartilhadas cotidianamente, evidenciando possibilidades outras da cibercultura para a educação.

Conhecer e reconhecer no aluno suas histórias, leituras e conhecimentos, inclusive os midiáticos, acarretou um fazer pedagógico diferenciado, mais consistente e significativo. A partir dos relatos emitidos nas entrevistas, verificamos uma participação efetiva dos professores, preocupados em conscientizar os alunos sobre o acesso à informação nas redes sociais sobre a exposição, a ética, o respeito ao outro, o uso seguro da internet e a veracidade das informações nela contidas, inclusive sobre as notícias veiculadas pela mídia. Ao emitir suas vozes, os docentes ressaltavam a importância da disciplina de IMNT e de seu papel formativo, refletindo sobre o pensar crítico dos alunos em relação aos assuntos circulados nas redes e mídias sociais, indicando que “a gente precisa estar atento pra também fazer leitura das entrelinhas, né, do que se passa nos telejornais, né quais são as mensagens que são faladas através de música”, expressou uma professora. Não bastava acessar determinada mídia e as mensagens veiculadas por ela, era necessário avançar, discutindo com as turmas, criando novos sons, outros *funks* e ritmos, como também diferentes notícias explorando o ambiente virtual e produzindo novos sentidos e significados em seu espaço.

Em busca de práticas formativas afinadas com as possibilidades da cibercultura, a relação dialógica e interativa entre professores e alunos era vivificada, tornando-se as TICs meios e não fins, pois as narrativas e atividades que emergiam em sala de aula ganhavam materialidade no universo *online*, gerando novos sons e práticas. Como fruto destas práticas, observamos que o próprio olhar sobre a avaliação adquiriu uma nova dimensão na disciplina, que rompia com métodos avaliativos mais conservadores, valorizando as atividades realizadas cotidianamente pelos educandos. Como exemplo, citamos a construção e apresentação dos *Blogs* criados pelos grupos sob orientação da professora pesquisadora, cuja temática se referia à proposta de Educação Tecnológica nas escolas para crianças das séries iniciais. Ressaltamos que, para a realização deste trabalho, os alunos fizeram pesquisas, produziram vídeos, imagens, elaboraram propostas de atividades educativas através das TICs e analisaram *games* educacionais dispostos nas redes. Inúmeras foram as etapas para a elaboração do *Blog*, ou

seja, não bastava buscar as informações na internet e organizá-las em formas de dados nos Blogs, pelo contrário, era necessário que, mediante as informações encontradas, os educandos criassem suas análises, produzissem seus textos, suas imagens, vídeos e sugestões frente ao que encontravam como informação. Mais uma vez, a potência da cibercultura se torna aparente, não bastando acessar os conteúdos nele dispostos, mas transformá-los em conhecimentos que eram produzidos na internet, possibilitando múltiplas redes de saberes.

Realizar estas atividades foi uma experiência ímpar pois, ao longo da disciplina, acompanhávamos o crescimento dos professorandos e sua desenvoltura nas exposições e discussões tecidas. Como proposição, vimos que trabalhos realizados no ambiente *online*, de forma coletiva, aproximam os grupos e sua relação com o professor, que media todo o processo de aprendizagem. Neste mesmo sentido, notamos que o clima na sala de aula ficou mais harmonioso, sem a tensão existente quando modelos de avaliações mais tradicionais são aplicados. Percebemos a realização de um processo avaliativo qualitativo, onde cada etapa do *Blog* precisava ser cumprida pelos educandos para a culminância que se deu através das apresentações, dos acessos, interações, comentários, divulgação e compartilhamentos.

Em sintonia com a proposta da educação dialógica e interativa, o *Facebook* foi explorado na disciplina, ganhando uma nova configuração que se transformava através das práticas discursivas desenvolvidas pelos educandos, que coletivamente apropriaram-se do AVA, participando de fóruns sobre diferentes temáticas, despertando novas aprendizagens. Nesta sintonia, ressaltamos que:

Os fóruns de discussão são interfaces de comunicação assíncrona, pois permitem o registro e a partilha das narrativas e sentidos entre os sujeitos envolvidos. Emissão e recepção se imbricam e se confundem permitindo que a mensagem circulada seja comentada por todos os sujeitos do processo de comunicação (SANTOS, 2014, p.102).

Comprendíamos o AVA como uma extensão da sala de aula, ou melhor, uma continuação dela. No ambiente *online*, através da experiência dos fóruns mediados pela professora pesquisadora, expandíamos nossas discussões trocando opiniões, analisando imagens, permitindo a comunicação coletiva e a potencialização dos conteúdos iniciados na sala de aula presencial. Durante as atividades, havia um processo de interação entre os educadores e educandos, que anunciavam um pensar crítico sobre os fatos, não descartando as notícias, as fotos, as músicas e acontecimentos em evidência, veiculados nas mídias sociais. A partir destas realidades, as aulas ganhavam novos sentidos, conforme afirmou uma professora: “Nós discutimos questões de gênero, em cima de letras de alguns *funks* que na época se

cantava”. Os professores elaboraram programas de rádio na escola, utilizando os recursos dos aplicativos de celulares, ligavam as caixas de som e apresentavam os programas, convidando entrevistados e compartilhando suas experiências criadas na disciplina. Outro educador, ao resgatar as atividades realizadas com as turmas, afirmou: “Nós fizemos trabalhos muito bacanas, que encantaram muito e que foram de extrema importância para a formação dessas meninas”. De acordo com o professor, as TICs exploradas com as turmas e a dinâmica das propostas de trabalho promoviam experiências formativas tão significativas que se estendiam aos outros anos escolares, despertando o interesse das turmas em continuar realizando as atividades.

Vimos, na “Pedagogia da Autonomia” aqui abordada, a relevância da reflexão crítica sobre a prática que compreende a necessidade de uma ação docente comprometida com seu papel ético e democrático. Paulo Freire convida a um posicionamento do professor numa esfera mais dialógica, em que não há detentores do saber ou quem nada sabe. O professor, em sua leitura, seria um orientador do processo ensino aprendizagem que, mediante sua experiência e formação mais aprofundada, possibilitaria aos alunos um processo de formação criativo, crítico e reflexivo. Não cabe apenas a transmissão do conhecimento ou da informação, há a necessidade de levar o aluno a pensar com criticidade e autonomia. No contexto das mídias e da cibercultura, esta prática torna-se extremamente urgente, algo que os praticantes escolares expressaram em suas ações.

Vimos que os professores têm buscado saídas em seu cotidiano, rompendo com as barreiras da falta de conhecimento tecnológico, abrindo a sala de informática e experimentando atividades *online* sem receio do novo. As práticas docentes reveladas sinalizaram algumas pistas, revelando que ações têm sido realizadas, mesmo diante de realidades tão difíceis. Deste modo, compreendemos que quando os praticantes escolares criam estratégias inteligentes, vivificando experiências formativas através da cibercultura e de diferentes tecnologias, muitas práticas se tornam potentes, possibilitando a divulgação de acontecimentos presentes na escola, podendo inspirar novas histórias. Para tal, concordamos com a “necessidade de combater o desperdício da experiência, de tornar mais visíveis as iniciativas alternativas e lhes dar credibilidade” (GUIMARÃES; ALVES; BARRETO, 2005 p. 9).

Pensamos em uma (con)vivência escolar que inspire criticidade, diálogo e interatividade frente aos dispositivos e linguagens midiáticas que circundam a escola. Preparar-se para enfrentar os desafios e armadilhas no universo das TICs, assim como conscientizar os futuros professores sobre o uso inteligente da cibercultura, torna-se papel do

sistema escolar que, através de pesquisas e práticas educacionais crítico-reflexivas, pode orientar atividades mais construtivas, apropriando-se das TICs acessadas pelos educandos (*Facebook, Blogs, WhatsApp, YouTube*) entre tantos outros espaços *online*, que podem não ter uma essência pedagógica, mas podem transformar-se em ambiências educacionais através das astúcias promovidas pelos professores e alunos, que inventam e reinventam outros usos e novas tecnologias diariamente.

Como afirmam Guimarães, Alves e Barreto (2005), é preciso valorizar as experiências dos professores nas escolas, compreendendo suas práticas como possibilidades alternativas, merecedoras de crédito e visibilidade nos estudos e pesquisas. As autoras realizam algumas reflexões quando questionam:

[...] até quando ignoraremos o saber que muitos professores possuem? Até quando generalizaremos propalando somente a precária situação em que a escola e o professor se encontram? Até quando vamos continuar defendendo a distância hierarquicamente organizada entre aquilo que se produz como conhecimento científico e o que se pratica de fato nas nossas escolas? Até quando continuaremos reforçando o poder e a circularidade teórica da ciência e dos sentidos hegemônicos e, assim, ajudando a ocultar a produção de alternativas, já existentes, de solução dos inúmeros problemas que o nosso sistema educacional enfrenta? (GUIMARÃES; ALVES; BARRETO, 2005, p. 10).

As experiências promovidas pelos praticantes escolares devem ser divulgadas, pois na escola também existe diálogo, colaboração, interação e histórias de sucesso. Não intuimos ofuscar as dificuldades, mas relatar que, mesmo diante delas, práticas formativas têm emergido de forma diferenciada. Ali têm sido geradas condições discursivas para além do convívio físico, suscitando a oportunidade de reflexão e continuação das aulas através das telas, dos *links* e *hiperlinks* criados no AVA. Vimos professores e alunos vivenciando e construindo tecnologias de ensino e aprendizagem, produzindo saberes de forma compartilhada. Convém esclarecer que construir tecnologia educacional traduz não apenas utilizar um recurso tecnológico, mas “construir uma nova metodologia que implica na construção de novos sistemas de pensamento.” (MACHADO; SILVA, 2004, p.66).

Sabemos que a escola é um espaço de reflexão crítica sobre as realidades sociais. No que concerne à presença em massa das tecnologias, não cabe uma ingenuidade ou simples adesão. O uso das TICs trouxe novas formas de se comunicar com o mundo, assim como de se relacionar com ele. As barreiras do tempo e do espaço foram dando lugar à flexibilização e à chegada de informação em tempo rápido, instantâneo, o que não significa, necessariamente, que toda comunicação realizada através dos recursos tecnológicos seja de fato reflexiva ou dialógica. A rapidez da informação não permite o pensamento, apenas o consumo, o que

denota uma teia perigosa. Em contrapartida, estabelecer um processo comunicacional entre professores e alunos no contexto das TICs e da cibercultura requer, a priori, a possibilidade efetiva de interlocução e, sobre este aspecto, a comunicação na percepção de Freire deve pressupor um diálogo verdadeiro, que em sua prática, não pense ingenuamente e, sim, criticamente. De acordo com o autor, sem o diálogo que envolva o pensar crítico “não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação.” (FREIRE, 1987, p. 47).

Neste sentido, usar as tecnologias através de um fluxo dinâmico e acelerado não pressupõe necessariamente comunicar-se dialogicamente, isto porque a interlocução envolve o outro, o pensar junto, refletir, discutir, problematizar, e não apenas consumir um recurso. Talvez este seja um grande desafio posto para a instituição escolar que, como ressaltamos, tem buscado se reajustar diante da realidade atual. A linguagem é uma técnica extraordinária que propicia a comunicação com o meio. De acordo com Bakhtin (1992), a língua é um fator social e, desta forma, a fala está ligada estritamente ao ambiente coletivo que se comunica com significado. Nesta perspectiva, seria então uma tecnologia repleta de signos, ideologias, conflitos e representações, todas elas presentes na instituição escolar.

Ao apropriar-se criticamente das tecnologias, a escola tem criado possibilidades para conhecer os contextos dos seus alunos, perceber quais são suas leituras e interesses no universo virtual, seus posicionamentos sobre as redes sociais, os vídeos acessados, as músicas ouvidas e os movimentos que participam. Ao invés de utilizarem ou perceberem as tecnologias apenas como veículos de transmissão do conhecimento, os praticantes escolares têm se apropriado das mídias e tecnologias como mecanismos de manifestação e divulgação dos seus grupos e culturas, e não apenas como recurso pedagógico, restrito à transposição de uma ou mais disciplinas e seus conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a pesquisa, foi possível constatar que a existência de um componente curricular no Curso Normal destinado a discutir as tecnologias digitais é fundamental. Não há como negar as potencialidades comunicacionais das TICs e sua relevância para a formação de professores, que prepara novos docentes para atender às crianças nascidas na era digital. Notamos que a reinvenção da escola exige o desenvolvimento de atividades que contemplem as culturas nela presentes, respeitando e valorizando as realidades dos educandos. Verificamos que inúmeros são os desafios, porém grandiosas tornam-se as possibilidades de educar quando uma relação dialógica norteia as ações docentes e discentes mediadas pelas TICs.

Ao invés de um olhar destinado apenas a apontar os problemas escolares, o estudo proposto contribuiu para visualizar possíveis proposições, através das ações cotidianas desenvolvidas por seus praticantes, denominado pela pesquisa de Políticas de Presença. Dialogar sobre a formação dos professores na era da cibercultura despertou a atenção para um novo tempo, onde novas formas de conceber o conhecimento emergem no cotidiano escolar, exigindo dos professores práticas de ensino menos conservadoras e mais próximas da realidade dos alunos.

Indubitavelmente, usar as tecnologias como prática formativa não significa uma transformação da educação. Para tal, verificamos a necessidade das metodologias de trabalho também modificarem. Neste sentido, a pesquisa verificou que as práticas de ensino tradicionais não oportunizam experiências formativas promissoras, especialmente no contexto das mídias digitais, caracterizadas por novas formas de comunicação. Deste modo, entendemos que as TICs necessitam atrelar-se às práticas de aprendizagem, interatividade e colaboração entre seus praticantes, caso contrário, tornam-se apenas ferramentas de trabalho aparentemente inovadoras, mas essencialmente transmissivas e limitadas.

Foi possível observar que os programas e políticas curriculares precisam valorizar efetivamente as vozes daqueles que vivem diariamente a escola, oferecendo espaços legítimos de reflexão e discussão. Neste sentido, os ambientes virtuais tornam-se importantes aliados, desde que utilizados com transparência, através de ações democráticas, realmente intencionadas em oferecer uma educação de qualidade para todos. Observamos que as práticas pedagógicas necessitam ampliar as possibilidades formativas permeadas pelas tecnologias, compreendendo-as não apenas como instrumentos de aprendizagem, mas, impreterivelmente,

com ambientes que compõem a cultura atual, necessitando ser pensada epistemologicamente. Com isto, sublinhamos a relevância de propiciar aos futuros professores uma formação que envolva autonomia e criticidade, onde as TICs colaborem para a construção de aprendizagens significativas, sem que isso signifique um servir às necessidades da globalização de forma alienada. Viver a era da cibercultura deve pressupor movimentos contínuos de (re)ação através das próprias “ferramentas” da sociedade global. Não condenamos o avanço da sociedade, pelo contrário, os aparatos tecnológicos demarcam a nossa cultura, necessitando apenas ser problematizada como ambiente de formação plena, onde seus praticantes possam superar usabilidades apenas “instrumentais”.

Analisamos que educar no tempo de novas TICs exige a conquista de práticas de ensino reflexivas, interativas e libertadoras, tornando as usabilidades tecnológicas mais astutas e sagazes. Vimos que as políticas educacionais enfraquecem as potencialidades da escola quando descontinuam os programas curriculares e desconsideram suas realidades locais, mas que, apesar disso, os professores resistem e são capazes de estabelecer novas formas de relacionar educação, comunicação e tecnologias.

Observamos que a instituição escolar tem sido espaço de reprodução dos interesses neoliberais, principalmente através das reformas curriculares ocorridas recentemente. Compreendemos que a configuração de uma sociedade contemporânea exige profissionais qualificados para corresponderem às suas demandas, e sinalizamos que a escola, enquanto instituição formadora, não deve limitar-se à preparação dos alunos para atender exclusivamente a lógica do mercado. Consideramos indispensável que o Curso Normal desenvolva uma formação sólida, conduzindo os futuros professores a desenvolverem conhecimentos sobre cidadania, conscientizando-se em relação aos aspectos políticos e socioeconômicos, através de uma formação mais ampla, desvinculada do conceito minimalista da formação, quando intencionada apenas em preparar mão de obra qualificada para o trabalho.

Refletimos sobre as TICs no ambiente educacional, ressaltando a necessidade de superar “usos” apenas instrumentais, conduzindo os professores a pensarem criticamente sobre estes aparatos colocados para consumo, convergindo suas práticas formativas numa perspectiva crítico-reflexiva. Verificamos que a escola pública precisa transformar-se. Numerosos foram os aspectos que não puderam ser contemplados nesta pesquisa, porém evidenciamos que, em meio a tantas dificuldades, os praticantes escolares demonstraram suas Políticas de Presença, criando alternativas diante das problemáticas encontradas. Com isto, afirmamos que movimentos contra hegemônicos são realizados diariamente na escola,

rompendo com a invisibilidade daquilo que se constrói em seu cotidiano, mesmo em cenários aparentemente caóticos.

Constatamos que a disciplina de IMNT apresenta-se em um cenário contraditório, esvaziado de recursos *online* disponibilizados pelo sistema, mas repletos de criatividade e apropriações tecnológicas perspicazes, frente às Ausências existentes. Observamos um distanciamento entre o ideal e o real, principalmente em relação à falta de infraestrutura da escola, ocasionando um desânimo coletivo dos educadores que compreendem a relevância do componente curricular, mas sentem-se enfraquecidos pela falta de estrutura adequada, fundamental para a condução do trabalho pedagógico proposto.

Ouvimos as vozes dos professores e buscamos vivificá-las na pesquisa, nos solidarizando com suas lutas, que representam a busca por uma educação de qualidade, que repercutirá em uma sociedade melhor. Tomamos este estudo como ato de resistência, pois prosseguimos pesquisando um componente curricular, talvez fadado à extinção, porém jamais banido como prática de formação. Vimos que as mídias atravessam as disciplinas, numa perspectiva transdisciplinar, o que permitiu compreendê-la como uma área de conhecimento que pode ser discutida em todos os anos de formação, nas diversas áreas do saber, seja na Sociologia da Educação, na Filosofia, nas Artes, nas Políticas Educacionais, nas orientações de Estágio, nas aulas de Práticas Pedagógicas ou nos inúmeros projetos que a escola pretenda desenvolver.

Conhecemos práticas formativas que fizeram usos de vídeos, imagens, sons e narrativas, não só consumindo as informações, mas produzindo conhecimentos. Observamos que os professores elaboraram estratégias de trabalho, através da criação de rádio, da produção de imagens a partir dos celulares dos alunos, construíram *blogs* educativos e vídeos autorais. Percebemos que, em uma dinâmica “ciber”, os professores não só ensinavam, mas aprendiam com seus alunos, sujeitos iluminados, conhecedores de tantas coisas, inclusive das mídias. Eles ocuparam um lugar no sentido mais literal possível, pois 2016 foi um ano de ocupação nas escolas, das lutas, dos movimentos em busca de uma escola democrática e de qualidade, tornando-se a cibercultura um espaço verdadeiramente ativista, também ocupado por estes jovens que enunciavam suas vozes nas redes sociais.

Experimentamos os ambientes *online*, utilizamos o *Facebook* numa perspectiva educacional, impulsionados pelo desejo de promover aulas dinâmicas e envolventes, em busca de uma educação viva, realmente interativa. Buscamos dialogar com os educandos valorizando suas realidades, ressaltando a relevância da mediação pedagógica no processo ensino-aprendizagem.

Consideramos fundamental prosseguir a caminhada educacional, explorando a cibercultura como ambiente de aprendizagem no Curso Normal. A escola não pode negligenciar sua função social se este é o contexto cultural atual; logo, propostas formativas precisam ocorrer neste sentido. Os usos astutos dos artefatos culturais representam as Políticas de Presença cotidianas, fundamentais para uma escola que busca reinventar suas práticas, mesmo sofrendo inúmeras tempestades do descaso.

Buscamos vivificar a interatividade tão necessária na escola, frente ao movimento contemporâneo das tecnologias digitais, que apresentam novas formas de comunicação e de produção do conhecimento. Compreendemos que a ausência das TICs no espaço educacional não deve “sinonimizar” a falta de interatividade ou de comunicação bidirecional. Qualquer tecnologia, mesmo a mais clássica, deve ser pensada numa perspectiva de educação dialógica, onde professores e professorandos tornam-se sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem. Compreendemos que, enquanto matéria-prima, as tecnologias possuem plasticidade, cabendo aos seus “usuários” a transformação que desejarem. Diversas podem ser as usabilidades e reflexões (sobre, com e a partir) das TICs. Não esqueçamos os celulares, eles estão nas mãos dos estudantes e inúmeras tornam-se as possibilidades de trabalho.

Na ausência da internet, que as práticas formativas em sala de aula sejam ciberculturais pelo menos na essência, onde os praticantes escolares possam conectar-se presencialmente, construindo saberes coletivamente, discutindo, colaborando, compartilhando, pensando juntos, criando redes de conhecimento e coautorias no seu espaço escolar, com os professores, com as famílias, com os colegas, com a comunidade escolar e com todos que atravessam a escola. Obviamente, ressaltamos as potencialidades educacionais possíveis através das redes conectadas *online* e dos ambientes virtuais. Estes são fundamentais para uma formação digna, porém, não podem por si condicionar o sucesso ou fracasso da educação. Lembremo-nos das artes de fazer, dos modos astutos de viver a escola e as construções possíveis a partir da matéria-prima existente. Numa analogia à música cantada por Vinícius de Moraes, que retratava uma casa que não tinha teto, não tinha nada, sua essência não era perdida, a casa continuava engraçada; esta mesma essência desejamos à escola: que ela não perca sua força criativa, seu desejo de completude, seu movimento de luta frente às ausências sofridas, que a esperança e a alegria permaneçam ali cotidianamente, pois os vínculos e as redes estabelecidas tornam-se a força motora das práticas formativas, que numa configuração “ciber”, possuem a mágica de alcançar outros espaços, lugares e movimentos.

Compreendemos que, ao contrário do que muitos pensam, existem práticas de ensino que não são conservadoras; docentes e discentes têm criado novas histórias em seus contextos, inclusive fazendo uso construtivo das TICs. Neste sentido, sublinhamos a figura do professor como um educador que se forma na prática, aberto ao novo, disposto a aprender com seus alunos. Conforme Guimarães, Alves e Barreto (2005, p. 9) refletem, “a experiência e o conhecimento do professor são muito mais amplos e variados do que aquele conhecimento tradicional e hegemônico veiculado oficialmente”.

Durante as experiências vivenciadas no campo pesquisado, observamos os vestígios deixados pelos praticantes escolares. Aquilo que parecia invisível ou indetectável foi revelado como prática existente, uma verdadeira política de presença. Notamos professores ensinando e aprendendo com seus alunos sobre as tecnologias, promovendo situações de diálogo e trocas, experimentando práticas formativas na perspectiva da educação *online*, mesmo de forma principiante, aparentemente ignorante, mas essencialmente sábia. Os não saberes docentes abriram novas possibilidades educacionais, pois os educandos também foram formadores, apresentando seus conhecimentos midiáticos aos professores, dialogando sobre os novos aplicativos disponíveis ao consumo e sobre diversas redes sociais e novidades tecnológicas que não chegaram a ser exploradas na escola devido a falta de tempo, e não de disposição ou de interesse de seus praticantes.

Aqui não concluímos, mas pausamos a pesquisa, desejosos pela continuidade ao longo da vida, devido a tantos fios não tecidos, inúmeros *links* não acessados e a tantas conexões ainda a serem feitas. Esperançosa por outras novidades, a navegação aqui proposta seguirá caminho, confiante na descoberta de novos mares, noutras ventanias e horizontes. Como leitores ubíquos, nos locomovemos aos lugares e “não lugares”, sendo este último aquele em que passamos ligeiramente, mas deixamos um pouco de nós, se assim quisermos. Assim “(in)concluímos” a pesquisa com uma conotação “ciber”, intencionando explorar outros territórios e contextos, afinal, a ubiquidade nos permite conectar as ruas, as escolas, as universidades, as pessoas e os conhecimentos, produzindo novos sentidos em toda conexão realizada. Desta forma, através de um misto que envolve a personalidade/profissionalidade do professor pesquisador, escolhamos a rebeldia que nos confirma como gente e nos potencializa na luta contra a asfixia da liberdade, da utopia, dos sonhos e dos conhecimentos que nos anima a jamais desistir.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALVES, Nilda. A compreensão de Políticas nas Pesquisas com os Cotidianos: Para Além dos Processos de Regulação. *Educ. Soc., Campinas*, v. 31, n.113, p.1195-1212, out./dez. 2010. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf>. Acesso em: 18 out. 2015.
- _____. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, n.23, pp.62-74, maio/ago 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a04.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2015.
- _____. Imagens de tecnologias nos cotidianos das escolas, discutindo a relação localuniversal. In: ROMANOWSKI, Joana, MARTINS, Pura Lúcia, JUNQUEIRA, Sérgio (Org.). *Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídia e tecnologias na educação*. Curitiba: Champagnat, 2004.
- AULA Curso de Especialização em Inovação e Mídias Interativas. Professora Lúcia Santaella. PUC. São Paulo. 2014. Vídeo (42min) son., color. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=8_IaAMH74IY> Acesso em: 16 fev. 2017.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BALL, Stephen J. Performatividade, Privatização e o Pós-Estado do Bem Estar. *Euc. Soc.*, v. 25, n. 89, p.1105-1126, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 15 jun. 2016.
- BLIKSTEIN, Paulo; ZUFFO, Marcelo Knorich. As sereias do ensino eletrônico. In: SILVA, Marco (org.) *educação online*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- BRAGANÇA. Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Orgs). *Experiências na Formação de Professores Memórias, Trajetórias e Práticas do Instituto de Educação Clélia Nanci*. Rio de Janeiro: Lamparina – Faperj, 2014.
- BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez.1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 17 jan. 2017.
- BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Diário oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm> Acesso em: 16 jan. 2017.

BRASIL. Lei nº 12.796, 4 de abril de 2013. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. *Diário oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 05 de abril de 2013. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2013/lei-12796-4-abril-2013-775628-publicacaooriginal-139375-pl.html>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de Junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. *Diário oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 26 de Junho de 2014. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em: 15 jan. 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. *Currículo sem fronteiras*, v.11, n.2, pp.240-255, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>>. Acesso em 02 fev. 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; KOFF, Adélia Maria Nehme Simão e. A didática hoje: reinventando caminhos. *Educação & Realidade*. v.40, n.2. Porto Alegre. abr./jun. 2015 Epub Apr 03, 2015.

CARVALHO, V. *Interfaces Entre Educação a Distância e Educação Ambiental*. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 10 ed. In: _____. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2007. v. 1.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano, artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
FRANCO, Monique. Historicizando o tempo: cognição, tecnologias e currículo. Disponível em: <<http://27reuniao.anped.org.br/gt12/t127.pdf>> Acesso em: 10 de jun. 2016.

CETIC. Departamento do núcleo de informação e coordenação do Ponto.br (Nic.br) que implementa decisões e projetos do comitê gestor de internet no Brasil. Pesquisa sobre o acesso à internet realizado por crianças em idade escolar. Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisas/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. Redes Sociais e os estudos de recepção da internet. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19, 2010, Rio de Janeiro. PUC, 2010. Disponível em: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_denise_cogo.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2017

DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v.7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.

FILÉ, Valter In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; RANGEL, Iguatemi; CARVALHO, Janete Magalhães; NUNES, Kézia Rodrigues (orgs.). *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. 1 ed. Petrópolis, RJ: De Petrus:NUPEC/UFES,2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A. 2002.

GONÇALVES, Márcio Souza. Os meios, seus usos, sua materialidade. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19, 2010, Rio de Janeiro. PUC, 2010. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1454.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.

GUIMARÃES, Gláucia; ALVES, Nilda; BARRETO, Raquel Goulart. Cuál es la televisión que los docentes quieren? De las experiencias ausentes a las emergencias de conocimientos con vídeos y programas de televisión. In: Congresso Hispanoluso de Comunicación y educación: la televisión que queremos, 2005, Huelva. Anais do Congresso Hispanoluso de Comunicación y educación: la televisión que queremos, 2005.

HYPÓLITO, Álvaro Moreira. Estado Gerencial, Reestruturação Educativa e Gestão da Educação. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, Porto Alegre, v.24, n.1, p. 63-78, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpaee/article/view/19239/11165>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas, São Paulo: Papirus 2003. 5ª edição 2008.

KILPP, Suzana. Imagens conectivas da cultura. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19, 2010, Rio de Janeiro. PUC 2010. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1453.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.

LEITE, Ligia Silva. In: FREIRE, Wandel (org.). *Tecnologia e Educação: As mídias na prática docente*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

LEMO, André. Entrevista com André Lemos. Por Fagner Torres. *Revista Inter-Legere*, n. 14, pp. 11-4, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/5313/4299>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

_____. Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. UERJ 2005.

_____; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 2010: Editora 34. 2ª ed.

LIMA, Débora Borges; MOREIRA, Laélia Carmelita Portela. In: BRAGANÇA, Inês F.S; ARAÚJO, Mairce da S. (Orgs.) *Experiências na Formação de Professores: Memórias, Trajetórias e Práticas do Instituto de Educação Clélia Nanci*. Rio de Janeiro: Lamparina – Faperj, 2014.

LOPES, Alice. Currículo, Política e Cultura In: SANTOS, Lucíola [et al.] *Convergências e tensões no campo de formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 734 p.

MACHADO, Carly; SILVA, Marcelo Cardoso. *Pedagogia Levada a Sério*. Rio de Janeiro : Wak, 1994.

MARTINS, Catarina Fernandes. Quando a escola deixar de ser uma fábrica de alunos. *Jornal Público*. Portugal, Disponível em: <<https://www.publico.pt/temas/jornal/quando-a-escola-deixar-de-ser-uma-fabrica-de-alunos-27008265>> Acesso em: 11 fev. 2017.

MASETTO, Marcos In _____. MORAN, José M.; BEHRENS, M. Aparecida. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 16. ed. Campinas: Pairus, 2000. 2009.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEDEIROS, Marcelo. Comunicação Locativa nas Zonas Bluetooth. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19, 2010. PUC 2010. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1549.pdf> Acesso em: 31 Jan. 2017.

MEDEIROS, Leila Lopes In _____. LÓES, Francesca V. *Educação a Distância e Formação de Professores: Relatos e experiências*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, 2007.

MIANAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Vinicius de. *A casa*. Philips, 1980. Disponível em: <<https://www.viniciusdemoraes.com.br>>. Acesso em 05 fev.2017.

MORAN, José M.; MASSETO, Marcos T; BEHRENS, Marilda A. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 16. ed. Campinas: Papyrus, 2000. 2009.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em educação. *Investigar em Educação – IIª Série*, Número 3, 2015.

_____. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. *Vidas de Professores*. 1. ed. Portugal: Porto Editora. 1992a.

_____. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. O Professor Pesquisador e Reflexivo. Entrevista concedida ao Programa Salto para o Futuro. São Paulo, 13 set. 2001 Disponível em: <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/salto-acervo/interview?idInterview=8283>>. Acesso: 11 nov. 2015.

_____. Nada substitui um bom Professor: Propostas para uma revolução no campo da formação de professores. In: GATTI, Bernardete Angelina [et al.] *Por uma política nacional de formação de professores*. 1. ed. São Paulo, 2013.

PEIXOTO, Joana. Relações entre sujeitos sociais* e objetos técnicos** uma reflexão necessária para investigar os processos educativos mediados por tecnologias. *Revista Brasileira de Educação*, abr./jun. 2015 v. 20 n. 61. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n61/1413-2478-rbedu-20-61-0317.pdf>>. Acesso em 16 dez. 2016.

PEREIRA, Vinicius Andrade. Como antecipar os efeitos de uma tecnologia? Um modelo exploratório inspirado na nova ciência de McLuhan e aplicado ao Facebook. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 24, 2015. BRASÍLIA. DF 2015. Disponível em: <www.compos.org.br/biblioteca/compos2015-590c443f-d780232f07b7_2750.pdf>. Acesso em 15 dez. 2016.

PRETTO, Nelson. Educação e Inovações Tecnológicas: Um Olhar Sobre as Políticas Públicas Brasileiras. *Revista Brasileira de Educação*, n. 11, maio/jun./jul./ago. 1999.

PRIMO, Alex. In PRIMO, Alex (org.). *Cibercultura: Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RAMAL, Andréa Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

RICARDO, Mauricio. *Charge Geração Copy e Cola*. 2004, il. color. Disponível em: <<https://charges.uol.com.br/>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

RIO DE JANEIRO. Resolução n. 4348 de 03 de dezembro de 2012. Fixa sobre diretrizes para implantação das matrizes curriculares para educação básica nas unidades escolares de ensino médio integrado à educação profissional e ensino médio experimental, e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro*, 06 de dezembro de 2012.

RIO DE JANEIRO (Estado)Secretaria de Estado de Educação – SEEDUC. Educação: Planejamento Escolar. Texto com orientações sobre o Currículo Mínimo.2013. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=759820>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

RIO DE JANEIRO (Estado) Secretaria de Estado e Educação. Diretoria Regional Pedagógica Metropolitana II. Fórum Matriz Curso Normal. Rio de Janeiro, 04 dez. 2015 il. color.

ROCHA, Tião. TICs e TACs. Tecnologias de informação e comunicação e Tecnologias de aprendizagem e convivência. Disponível em: <<http://www.cpcd.org.br/portfolio/tics-e-tacs/>> Acesso em:10 fev. 2017.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, v.10, n. 22, p.23-32, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Desafios da ubiquidade para a educação. *Revista Ensino Superior*. São Paulo 04 de Abr. de 2013. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>> Acesso em: 12 dez. 2016.

SANTAELLA, Lúcia. Os espaços líquidos da cibermídia. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. n. 05. abr. 2005. XIV Compós. Niterói, RJ. Disponível em: <www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em: 13 dez. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, p. 237-280, 2002.

SANTOS. Edméa. *Diário online: Dispositivo Multirreferencial de pesquisa formação na cibercultura*. 1ª edição, Santo Tirso, 2014: Portugal. Whitebooks.

SANTOS. Edméa. Educação Online Cibercultura e Pesquisa-Formação na Prática Docente. FACED-UBA, 2005 [Orientador: Prof. Dr. Roberto Sidney Macedo]. Disponível em: <http://api.ning.com/files/XNMjdYoUVLEQne6oLtYioV74JQNBjls86CpHDd22Dy-cDM51FCQGO*f*gGTQ3vqNRoqyhVCxD16NkTS3hunGLr67d2zcHzPz/TesefinalEdmea.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

_____. *Pesquisa-Formação na Cibercultura*. 2014. Portugal. Whitebooks.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação* v.14.n. 40, p.143-155, jan/abr.2009.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Marco. *Educação online*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. Os professores e o desafio comunicacional da cibercultura. In: FREIRE, Wendel. (Org.); AMORA, Dimmi. [et.al.]. *Tecnologia e educação: as mídias na prática docente*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

_____. Indicadores de interatividade para o professor presencial e on-line. *Revista Dialogo Educacional*, Curitiba, v.4, n.12, p. 93-109, maio/ago. 2004.

_____. Interatividade: uma mudança do esquema clássico da comunicação. *Boletim Técnico do SENAC*, v.26, nº 3, set/dez, 2000.

_____. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

_____. *Sala de Aula Interativa: educação, comunicação, mídia clássica*. 7 edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. Internet na Escola e Inclusão Social na Cibercultura. CONFERÊNCIA EM 2004. Disponível em <<http://www.pbh.gov.br/smed/capeonline/seminario/marco.html>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

_____. Formação de professores para docência online: uma pesquisa interinstitucional. Palestra em 2011. Disponível em: <http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/Apresentacao_SIED_EnPED_Marco%20Silva.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2015.

SILVA, Marco. Educar na Cibercultura: Desafios à Formação de Professores para Docência em Cursos Online. Disponível em:

<http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2010/edicao_3/3-educar_na_cibercultura-desafios_formacao_de_professores_para_docencia_em_cursos_online-marco_silva.pdf>.

Acesso em: 01 mar. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O Currículo como Fetiche: A Poética e a Política do Texto Curricular*. 1ª Edição. 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Bento D.; PEREIRA, Maria da Graça. In SILVA, Marco (org.). *Formação de professores para docência online*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. In: SILVA, Denise T.; GERHARDT, Tatiana E. (Orgs.). Métodos de Pesquisa; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEA/UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, p. 31-42, 2009.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil. Edição Especial n.4/2014, p.79-97: UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079.pdf>>. Acesso em 04 fev. 2017.

VEIGA NETO, Alfredo. Cultura e Currículo. *Contrapontos*. Itajaí, ano 2, n.4, pp.43-52, jan./abr. 2002.

VELOSO, Caetano. *Oração ao tempo*. Estados Unidos: Universal, 1979. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/caetano-veloso/discografia/cinema-transcendental.html>>. Acesso em 05 jan.2017.

WILLIAMS, Raymond, (org.) (1992). *História de la comunicación; de la imprenta a nuestro dias*. Barcelona: Bosch, v. 2.

APÊNDICE – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Transcrição da entrevista realizada com a Professora 1:

Pesquisadora: Olá professora#1, que bom poder contar com a sua contribuição. A minha pesquisa, no âmbito do Mestrado, estuda a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias que compõe o currículo do Curso Normal. O meu interesse é conhecer as práticas formativas que se deram e que se dão nesta disciplina. Então eu vou perguntando, você vai respondendo e a gente vai dando continuidade tá bom?

Professora #1: Oi Ana Paula, também é um prazer sim, uma alegria muito grande, né, poder estar te ajudando nesta jornada que a gente sabe que é puxada, né? Principalmente pra quem trabalha, também tem filho, mas desde já te desejo muito sucesso nessa trajetória e aquilo que eu puder te ajudar, eu vou tá te ajudando.

Pesquisadora: Dê sua opinião sobre a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias no Curso Normal.

Professora #1: Bem, a minha opinião sobre a disciplina né, primeiro assim: eu caí de paraquedas nesta disciplina. Quando eu assumi, não tinha outra coisa, me colocaram isso, infelizmente não foi nenhuma disciplina que eu tenha escolhido pra atuar. É, eu fui tomar ciência da existência dela no dia que eu cheguei e me pediram que lecionasse essa disciplina né, então eu fui tomar pé, pegar toda a diretriz curricular pra ver como que eu poderia trabalhar, mas assim, já antemão eu entendo que é uma disciplina importante, eu acho que ela contextualiza, é... Como eu posso te dizer? Não é que ela contextualiza, ela está contextualizada com o que a gente tem vivido, né. Eu acho que é uma forma da educação caminhar com os avanços tecnológicos que estão colocados na sociedade. Que não dá assim pra gente enquanto educador, né, e formando futuros educadores achar que a gente pode simplesmente fazer uso do lápis, papel, borracha, o quadro e o giz. Então assim, eu acho que o intuito dessa disciplina é também trazer novas possibilidades de recursos que podem ser utilizados na educação né, pra incrementar e pra melhorar.

Pesquisadora: Para você existem mais possibilidades ou desafios na regência da disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias?

Professora #1: Com certeza, mais desafios, porque assim, muitas coisas eu fui tomando conhecimento quando eu assim comecei a estudar, buscar entender melhor a disciplina, entendeu? Então com certeza mais desafios. Um dos maiores desafios foi me deparar com algumas tecnologias, algumas mídias, alguns programas as vezes que tinha no computador,

algumas atividades que eu queria desenvolver com eles e eu percebia que eu não tinha muito domínio daquilo e acabava que os alunos me davam assim (risos) é... Interessante isso né, porque as alunas começavam assim a me ajudar a pensar sobre aquilo ali, entendeu? Professora por que a gente não faz assim? Né por que a gente não faz assado, então às vezes eu pensava algumas aulas no laboratório e elas mesmo iam sugerindo o que poderia ser feito, ah vamos montar um *blog*, eu não sabia como que montava, aí elas acabavam montando, né. Ah vamos fazer um, vamos pensar em atividades que nós pudéssemos elaborar no computador e desenvolver com as crianças, então elas acabavam mesmo dando o tom das atividades, então foi um desafio porque eu também tinha que estar junto com elas pra um processo mesmo de pesquisar junto, de correr atrás junto, entendeu?

Pesquisadora: Você possui alguma formação específica para lecionar esta disciplina?

Professora #1: Não, eu não possuía nenhuma formação específica pra lecionar essa disciplina. Como eu até te falei no começo, eu meio que caí de paraquedas mesmo né? Então falaram assim, olha você vai dar essa disciplina aqui, aí eu tá, mas o que que é? Nem a pessoa que me passou sabia orientação alguma. Então eu fui correndo atrás, fui lendo. Até o Rafael também lecionava essa disciplina, minto, na verdade, ah sim Rafael também lecionava essa disciplina e a gente foi trocando algumas figurinhas.

Pesquisadora: Você utilizou recursos tecnológicos como prática formativa para trabalhar com esta disciplina no curso Normal? (*Facebook, AVA, Youtube, Blogs, WhatsApp*) Como foi?

Professora #1: Eu “tava” aqui puxando pela memória (espaço), bom é eu vou falar né como eu trabalhei com as meninas. Talvez isso responda a pergunta que você colocou. Então assim, é além da questão do *blog* que elas mesmo fizeram, tinham sim visitas a sites, então trabalhos que a gente fazia. Eu propunha pra elas, eu solicitava o que fosse feito em algumas páginas de pesquisa, né alguns sites específicos, é trabalhamos sim com vários vídeos, né alguns até como sugestão delas mesmo, vídeos relacionados à própria educação, filmes que elas baixavam e a gente trazia pra sala de aula. É também trabalhamos com outras tecnologias como TV, rádio, a própria máquina fotográfica, o celular né, a questão das fotografias né, e a leitura de imagens. Eu lembro que a gente nessa época a gente fez um trabalho articulado com uma exposição que nós fomos ver no SESC, né a partir de fotografias e depois elas tinham o desafio de elas mesmo pegarem a máquina que elas tivessem ou o celular e trazer leituras do cotidiano delas, o que elas viam no percurso de casa pra escola, ou na escola e outro espaço qualquer. Elas fotografavam as imagens, ampliavam 20X25 e traziam para a escola para uma discussão. Fizemos até uma discussão ali na entrada do Clélia Nanci. Não sei se você lembra

naquele rol de entrada. É criação de e-mails também porque muitos não tinham, né criação de e-mail, utilização de e-mail e pensando de que maneira, como essas tecnologias poderiam estar a serviço da educação. Tanto o seu lado benéfico e maléfico mesmo, eu lembro que a gente discutia isso também.

Pesquisadora: Durante a entrevista pedi que a professora falasse mais sobre os benefícios e malefícios das tecnologias discutidas como prática educativa.

Professora #1: Em relação aos benefícios e malefícios né, vou dar um exemplo de algo que a gente discutia muito né. Por exemplo, a própria internet, o que se vincula da internet, as informações que são passadas, por exemplo, as pessoas postam o que querem, né? Então assim é o fato de você não estar falando diretamente com a pessoa né, mandando determinados recados ou algumas ameaças né, é acaba assim não tendo limite naquilo que as pessoas escrevem, naquilo que as pessoas colocam, nas ofensas, nas calúnias que podem ser colocadas, imagens de criança, imagens violentas, então assim uma infinidade de coisas que acabam aparecendo na internet né e de forma errada, entendeu? E o uso também mesmo, quando eu acesso as redes sociais, qual o objetivo? É só me comunicar com os outros, é conversar com os outros, é eu vou fazer um tipo de pesquisa né? Então assim, é pensar sobre isso. Pra que ela me serve? Em que essas tecnologias acrescentam na nossa vida? E também pegando um pouco de rádio e televisão, a gente também trabalhou essa questão, é... De como também a mídia é pervertida em algumas coisas, de passar informações que não são verdadeiras né, intervenções maliciosas, de como a gente precisa estar atento pra também fazer leitura das entrelinhas, né, do que se passa nos telejornais, né quais são as mensagens que são faladas através de música.

Pesquisadora: Ainda na perspectiva do uso das tecnologias em suas aulas, o que rendeu destes recursos como prática formativa?

Professora #1: Eu lembro que nós discutimos questões de gênero, em cima de letras de alguns funks que na época se cantava... é... Que trazia assim muito claramente a falta de respeito com o trabalhador, com a mulher, com o negro, enfim essas questões a gente foi trabalhando também.

Em relação às fotografias foi um trabalho de sensibilização, de sensibilidade mesmo como lugar, de pertencimento com onde eu vivo né, então assim o olhar mesmo sobre a cidade, sobre o meu espaço, sobre a minha escola, sobre a rua, entendeu? Então assim, elas foram chamadas a refletir, a falar sobre diversas coisas. Então quando elas pegaram essa proposta, essa atividade e esse desafio, elas mesmo colocavam a questão de que é ... O olhar passou a ser aguçado para perceber coisas que elas não percebiam antes né. Moradores de rua, locais

depredados, a questão do lixo, a questão também patrimonial da própria cidade de São Gonçalo.

Eu lembro que nós fizemos um trabalho em cima disso também, da questão dos pontos turísticos de São Gonçalo. Teve aluno que puxou mais pela questão de plantas, eu não sei se você lembra, mas nós fizemos uma exposição de flores, eles foram ao orquidário e aí eles tiraram fotos de flores e eu pedi que eles fizessem uma leitura em cima das imagens. E aí que eles fizessem uma leitura dessas imagens, dessas plantas, dessas flores e que eles nomeassem. E aí apareceu muita coisa engraçada porque assim tinha é... Algumas alunas diziam assim, tinham umas flores e elas associavam aquilo aos colegas, aos amigos, aos agrupamentos, enfim foi um trabalho de sensibilização, do olhar, não teve nada muito amarrado em termos de conteúdo, vamos dizer assim né?

Foi um trabalho mesmo de sensibilização que a gente saiu, a gente levou as máquinas, a gente depois revelou várias fotos, escolhemos aquelas que nós queríamos é... Discutir, queria expor. Foi uma coisa bem dentro de sala de aula, algumas nós expomos, mas foi um trabalho mesmo de sensibilização, voltando mesmo para essa questão da arte, do olhar mesmo pro entorno da onde a gente vive, do local.

Bem puxando pela memória, essa disciplina eu acho que dei em 2013, eu acho que ficou para as alunas é que elas compreenderam que, ou pelo menos eu acho que elas aprenderam que o educador ele precisa usar, ele precisa fazer uso desses recursos, dessas tecnologias, das mídias no seu dia a dia dentro da sala de aula, porque não dá mais pra gente assim lutar contra esses recursos, por exemplo: não dá mais pra gente entrar na sala de aula e achar que o aluno não vai mexer no celular, que ele não vai fazer uso do celular.

Então é muito melhor a gente entender que esse recurso ele é um aliado nosso, né? Então de que forma eu posso estar utilizando ele dentro da minha sala de aula. Ah eu vou fazer uma pesquisa, por exemplo, é ano passado mesmo eu não estava lecionando esta disciplina, mas as vezes eu ia fazer uma atividade para as alunas e o que eu fazia, saía do trabalho, eu já passava pelo grupo do *WhatsApp* né três perguntas que eu sabia que eu ia trabalhar naquele dia: olha só to enviando pra vocês três perguntas pelo *WhatsApp*, vocês vão respondendo e quando a gente chegar aí, a gente discute né?

Então às vezes a gente lançava uma determinada situação que eu queria que eles pesquisassem, pesquisem aí agora no celular, pesquisem aí, entrem lá na página do *Google* ou assistam o vídeo tal...tal... em grupo e a gente vai discutir. Então eu acho que elas compreenderam isso né, e também da gente fazer o uso consciente né? Eu acho que isso ficou para a formação, de fazer o uso consciente dessas tecnologias né? Por que estou usando? Qual

o intuito do meu uso, da minha utilização e sempre com a reflexão, com a crítica, entendeu? É que assim, a gente enquanto educador, que a gente use esses instrumentos, esses recursos e que a gente não seja usado por eles, a gente precisa dominá-los e não ser dominados por eles, não deixar que eles nos domine.

Pesquisadora: Você acha que as redes sociais podem ser usadas para a aprendizagem desta disciplina? Explique:

Professora #1: Bom não só dessa disciplina, mas eu acho que de qualquer uma outra né? Então as redes sociais é assim pra algumas pessoas, eu acho que elas passam a ter um potencial, pra algumas pessoas não, ela tem um potencial no tocante a situações de grande impacto social né? Situações políticas, catástrofes, divulgação de informações para o aluno, eu acho que a gente pode desenvolver através das redes sociais. Compartilhar informações vendo os temas estudados em sala de aula, apresentação de links, de vídeos e até mesmo através das plataformas né, que é um espaço pra relacionamento entre o professor e o aluno, algum tipo de trabalho, então eu acho que elas podem estar a serviço de qualquer disciplina, eu acho né?

Não fizemos na disciplina de mídias uso das redes sociais, nós chegamos a discutir, a falar dessa possibilidade, mas assim concretamente nós não fizemos. Em outra disciplina que eu me lembre, quando eu trabalhei educação especial, o laboratório de AEE nós começamos assim a fazer um movimento né, mas não chegamos a concretizar, entendeu? Nem *Facebook*, nem plataforma, nem nada.

Pesquisadora: Você é contra ou a favor da permanência desta disciplina no curso Normal? Por quê?

Professora #1: Bem Ana Paula, eu sou a favor da permanência desde que essa disciplina ela não seja de apenas dois tempos, porque eu acho inviável, aliás eu penso que nenhuma disciplina deveria ter só dois tempos né, mas eu acho que não deveria ser só em dois tempos, penso que ela deveria é perpassar por todos os anos, já que ela não se esgota no primeiro. Eu acho que ela é muito ampla né, então eu acho que ela deveria perpassar em todos os anos, nos três anos...é, penso também que deveria ser com um profissional habilitado, que tivesse a formação, que tivesse toda uma trajetória de pesquisa nessa área né, eu acho que assim o pedagogo pode? O pedagogo pode desde que ele tivesse recursos, formação, subsídios suficientes para tocar essa disciplina de forma com que ela deveria ser trabalhada. É... Eu acho que é importante como eu falei anteriormente quando eu fui respondendo as suas perguntas, eu acho que é uma aliada da formação do professor, uma vez que a gente entende que o educador não pode se eximir, se distanciar é desses recursos como eu falei pra você né?

As crianças dominam uma infinidade de tecnologias e ela já chega na escola muito antes de saber ler e escrever, elas já chegam dominando essas tecnologias né? Então seria muita ingenuidade nossa achar que dentro da escola elas não vão ter o seu papel, elas não vão aparecer né? Então eu acho que ela é uma aliada. Então eu sou a favor sim da manutenção, de que ela continue né, de que ela seja mantida na grade curricular.

Pesquisadora: Você fez uso da sala de informática para realizar atividades desta disciplina no Curso Normal?

Professora #1: Bom você perguntar isso, porque de que adianta ter uma disciplina de mídias e tecnologias se a escola não dispõe de um espaço, muitas das vezes não dispõe de um rádio, de uma TV, de um aparelho de DVD, de um cabo. Eu me via numa situação assim de abortar uma atividade porque eu não tinha um cabo que conectasse o computador ao Data Show, que conectasse o projetor a uma caixa de som, entendeu? Então chega a ser contraditório né, você ter essa disciplina na escola e não dispor do mínimo para poder trabalhar. Quando eu trabalhei com essa disciplina, praticamente eu trabalhei dentro do laboratório quando era possível, quando funcionava, né, quando a chave estava no lugar, porque muitas das vezes nem a chave estava no lugar e a gente ia das máquinas, então se tivessem 10 máquinas, seis funcionavam. Precisava colocar cinco alunos em cada máquina, o acesso à internet às vezes era precário, o equipamento também às vezes estava danificado. Então tudo isso, a gente tentava na medida do possível, mas te confessor que por inúmeras vezes a gente tentou né, desenvolver algumas atividades e que foram impossibilitadas pela falta de recurso mesmo dentro da escola. É eu lembro que o outro professor sugeria as alunas irem para a lan house, eu já não tinha essa disponibilidade, mas eu sei que algumas vezes ele chegou a ir na lan house com as alunas né, então tem essa questão também.

Pesquisadora: Qual é a sua opinião em relação a presença do celular em sala de aula? Você já realizou práticas formativas com os alunos do Curso Normal através do celular? Por quê?

Professora #1: Olha eu nunca realizei assim nenhuma prática formativa com o celular na sala de aula, nem quando eu dava a disciplina de mídias e nem agora, mas eu não sou contra ao uso do celular em sala de aula, muito pelo contrario. Essa coisa de que o uso do celular é proibido, que não pode! Eu crio alguns combinados com as alunas, coisas muito praticas, muito simples entendeu? O telefone não precisa ficar desligado, o telefone tocou você pede licença, você vai lá fora, você atende e volta. É assim a gente está tendo aula, não faz sentido a gente ficar o tempo todo no celular, mas como eu disse pra você né, que eu não sei se são práticas formativas, mas eu por inúmeras vezes eu fiz e continuo fazendo é de propor sim algumas coisas pra elas dentro da sala de aula. Então assim, eu preciso de um vídeo, ah tem

quantas pessoas com internet dentro da sala de aula? Ah tem cinco, então vamos sentar agrupados, em grupos e vamos tentar baixar tal vídeo e assistir? A gente assiste ao vídeo e discute e aquilo que te falei, nem sempre eu tenho a disposição uma televisão e um dvd que eu possa passar os meus vídeos entendeu? E isso me facilita em sala de aula. Já passei trabalhos pra elas via grupo de *WhatsApp*, né por exemplo: semana que vem eu não vou, mas vou deixar essa tarefa. Podem responder pelo próprio *WhatsApp* entendeu? Essas atividades, essas pequenas atividades eu uso constantemente com o celular, não sei se são as praticas formativas que você acredita que seja, mas eu faço isso muito, é por ai.

Pesquisadora: Você acha que esta disciplina deve permanecer no 1º Ano do curso Normal ou trocaria para outro ano?

Professora #1: Então como eu te falei, eu acho que é uma disciplina que deveria transversalizar todos os anos, entendeu? Se ela for só dois tempos eu acho que seriam interessantes dois tempos no primeiro, no segundo e no terceiro ano. É a minha opinião né, porque é... São coisas que estão mudando sempre, todos os dias, muitas inovações são postas, então não dá pra você trabalhar só no primeiro ano. Quando você chegar lá no terceiro ano outras coisas estão surgindo, outras tecnologias, outras novidades, então eu acho interessante ela aparecer nos três anos, minha opinião. Por exemplo, até no momento que essas alunas estão preparando as aulas praticas delas né, precisando de recursos pra poder trabalhar os conteúdos dos planejamentos, é elas podem usar entendeu? Ao invés de estar usando um papelzinho, um cartaz, aprender a fazer um Power Point, usar um Data Show, entendeu? Então eu acho que assim é essa disciplina se ela permanecesse nos três anos ela seria uma grande aliada nossa, até na hora desses alunos apresentarem seminário, as suas aulas práticas, entendeu?

Pesquisadora: Como professor, você considera que discutir sobre as tecnologias na atualidade faz diferença na formação dos seus alunos do Curso Normal? Por quê? **Professora #1:** Ana, tudo quem vem pra somar obviamente vai fazer diferença, tudo aquilo que vem pra, assim me empoderar enquanto profissional, me dar mecanismos, subsídios pra que eu possa desenvolver melhor meu trabalho, obviamente é importante, é fundamental, vai acrescentar. Então assim como eu disse anteriormente né, então assim é uma disciplina que está aí e se ela fosse trabalhada, ela deveria ser trabalhada, se nós tivéssemos os recursos necessários, espaço e tempo, com certeza ela seria uma aliada, entendeu? Com certeza.

Pesquisadora: Quais foram suas maiores dificuldades/desafios ao ministrar esta disciplina?

Professora #1: Eu lecionei a disciplina em 2013 e em 2014 pedi para largar essa disciplina porque vi que deixei um pouco a desejar e em 2014 eu trabalhei apenas com laboratório de

AEE, na ocasião LIBRAS, entendeu? Bom se eu pegaria de novo, não. Eu não pegaria de novo, a menos que eu tivesse condições de investir na minha formação dentro dessa área. Eu sei que eu aprendi fazendo né, eu não tive nenhuma orientação, na ocasião a coordenadora pedagógica não tinha muita coisa para me orientar né? Eu fui trocando figurinhas com quem já tinha lecionado a disciplina, conversando com colegas, com um ou outro, conversando com aluno. Eu acho que isso foi muito bacana porque eu troquei muita coisa com aluno, é aquela coisa que Paulo Freire fala você ensina, mas você também aprende. Eu acho que nessa disciplina eu mais aprendi do que ensinei, mas eu não me vejo mais lecionando essa disciplina, não me vejo. Tive essa experiência e se precisasse retomar, eu tentaria pegar uma outra coisa, eu acho que eu não me aventuraria de novo a pegar essa disciplina a menos que eu tivesse formação.

Transcrição da entrevista realizada com o Professor 2:

Pesquisadora: Bom dia professora#2, obrigada por aceitar o convite em participar desta da entrevista. A minha pesquisa, no âmbito do Mestrado, estuda a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias, que compõe o currículo do Curso Normal. O meu interesse é conhecer as práticas formativas e experiências realizadas nesta disciplina, ouvindo as vozes dos professores regentes.

Pesquisadora: Dê sua opinião sobre a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias no Curso Normal.

Professor#2: A disciplina é boa, a proposta da disciplina eu acho que é válida, só que a falta de recurso e a falta de espaço pra trabalhar eu acho que atrapalha, só que a disciplina e até o currículo mínimo né foi bem trabalhado. Eu acho que ao invés de estar no primeiro ano que eles estão muito sem base, ela deveria ir para o 2º ano ou 3º ano, eu acho que essa arrumação não foi uma arrumação legal.

Pesquisadora: Para você existem mais possibilidades ou desafios na regência da disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias?

Professor#2: Eu acho que tenho mais desafios né pra trabalhar, mas tem possibilidades também. As ideias que surgem né, os conteúdos você tem como adotar e trazer alguma coisa pra prática, pra realidade dos alunos, só que aí é como eu falei no início, a dificuldade dos recursos, do material, as vezes até um ano de visitação dos espaços, que não dá condições pra gente trabalhar, isso é um desafio pra gente. A gente não consegue avançar em muitas coisas devido a essa falta.

Pesquisadora: Você possui alguma formação específica para lecionar esta disciplina?

Professor#2: O Estado não forneceu nada. Já fiz curso de informática, já fiz alguns cursos na área de informática educativa, mas focado mesmo para a disciplina, não. Tiveram alguns cursos oferecidos ao longo do ano, mas assim nunca contempla o nosso horário, o horário que tem a maioria dos professores é... de disponibilidade. Não oferece alguma coisa que a gente possa, num horário que eu possa fazer. Não tem uma farta possibilidade de fazer curso. (Após essa afirmação perguntei quem oferece este curso, se foi uma iniciativa do estado ou da própria escola) e o professor respondeu: Quem oferece esse curso é o pessoal do NTE (Núcleo de Tecnologia do Estado), mas não via alguma coisa prática mesmo pra gente avançar. A gente já levantou várias questões na escola sobre isso, de ter mais formação para os professores, a gente questionava de ter um momento para os professores, mas a isso nunca se ofereceu com tanta ênfase. Até se deu ênfase muito aquelas pessoas que ministravam essa

disciplina, o foco veio para Português e Matemática. Então a gente questionava, veio até um questionário de avaliação do núcleo que o foco era Português e Matemática e a disciplina de Mídias e Tecnologias não era lembrada.

Pesquisadora: Você utilizou recursos tecnológicos como prática formativa para trabalhar com esta disciplina no curso Normal? (*Facebook, AVA, Youtube, Blogs, WhatsApp*) Como foi?

Professor#2: A gente construiu *blog* né, eles fizeram vídeos de entrevistas, pesquisaram pessoas, não usei o *Facebook*, o *WhatsApp* também não cheguei a usar com a turma, eu só trabalhei um ano com a disciplina, foi uma coisa nova. A gente tentou adequar na medida do possível com o que a gente tinha naquele momento. Mas o *blog* ficou e esse ano eu estou com uma turma de ex-alunos em outra disciplina e eles já até deram a sugestão de fazer um *blog* e tal porque eles gostaram da ideia da utilização. Então eles tiveram a experiência no primeiro ano e pediram pra entrar com isso (uso do *blog*). **Intervi, pedindo que o professor falasse como foi o trabalho com o *blog*, ele respondeu:** Eles construíram *blogs* em grupos, a gente dava um tema, eu lembro que na época “tava” o bum da falta da água, de muito calor, da situação de São Paulo, então a gente pegava tópicos do que estava acontecendo e começava a entrevistar pessoas e fazia comentários, colocava a entrevista e fazia um comentário do que estava acontecendo. Fazia também a questão da violência, temas que eles tinham mais afinidade né, aí discutiam na sala, pesquisavam na escola e em outros espaços, entrevistavam pessoas e colocavam lá no *blog* para as turmas avaliarem, e um comentava o *blog* do outro.

Pesquisadora: Ainda na perspectiva do uso das tecnologias em suas aulas, o que rendeu destes recursos como prática formativa?

Professor#2: Olha como a maioria era imatura ainda com isso tiveram alguns casos de alunos não terem desejo de continuar, aquela empatia de continuar com o trabalho, mas tiveram bons resultados, os alunos se interessavam, diziam que já tinham um *blog* pessoal e traziam, de querer fazer, de comentar. Uma das turmas até se envolveu em registrar a semana do curso normal também, através de um material, de fazer um trabalho, de colocar uma sala pra eles para expor os trabalhos, então muitos avançaram essa ideia pra prática deles. Espero que eles continuem com essa ideia.

Pesquisadora: Você acha que as redes sociais podem ser usadas para a aprendizagem desta disciplina? Explique:

Professor#2: Eu acho que sim, né? Muitos alunos tem aquela ideia errada ou certa em relação ao uso, não sabem utilizar as redes sociais, a gente levantava debates na sala, eles traziam experiências com relação ao *WhatsApp*, com relação ao *facebok*, com outras redes sociais de

conversa, de diálogos, de horas passando. Inclusive levantava até essas questões uso muito manuais de pesquisas na internet, pra eles se alertarem em relação a pedofilia, com relação a sequestros, com relação a exposição mesmo. Tiveram casos que eles relataram de alunos que postaram fotos nuas de outros né, de colegas, ex-namorados, eles alimentavam bastante o debate. Eles discutiam os temas também usando as redes sociais.

Pesquisadora: Você é contra ou a favor da permanência desta disciplina no curso Normal? Por quê?

Professor #2: Eu acho que é uma disciplina boa, dá pra continuar no curso normal, eu acho que deve, o ideal é que tivesse em todos os anos, que fosse uma disciplina em crescente, é um conteúdo e um tema que os professores e os alunos vão usar na sala de aula né, trabalhar com mídias, trabalhar com equipamentos tecnológicos, a proposta da disciplina é boa e eu acho que deveria continuar no curso normal, mas o professor que for trabalhar com a disciplina tem que ter uma empatia, gostar daquilo, ter uma experiência, uma prática, ter uma formação também pra isso né. A escola deveria ter recursos pra utilizar porque precisa. É uma disciplina bastante prática que precisa de recursos que muitas vezes o Estado não fornece.

Pesquisadora: Você fez uso da sala de informática para realizar atividades desta disciplina no Curso Normal?

Professor #2: Usamos algumas vezes né, na medida do possível quando a sala de informática tinha o computador funcionando, nós tentamos usar algumas vezes. Utilizamos o núcleo de cultura pra passar alguns vídeos de temas voltados pra uso de tecnologia né, utilizamos em alguns momentos realmente a sala de informática, na medida do possível a gente utilizava os computadores que funcionavam, né, ou então até pra ver os *blogs*, a gente usava a sala de recursos pra avaliar os *blogs*, aí colocava na tela cheia pra todos os grupos olharem o que os outros postaram casos eles não tivessem acessado em casa, a gente utilizava sim.

Pesquisadora: Qual é a sua opinião em relação a presença do celular em sala de aula? Você já realizou práticas formativas com os alunos do Curso Normal através do celular? Por quê?

Professor #2: Bom o celular eu só utilizei com eles a questão de gravar vídeo né, eles faziam alguma filmagem, alguma coisa assim. Em sala de aula mesmo a gente não utilizava não. Assim gravar um vídeo, eu deixava utilizar o celular se não tivesse câmera, o celular já tem esse recurso, então eu utilizava o celular pra gravar alguma informação ou até gravar um áudio, entrevista que eles fizessem na pesquisa, utilizava dessa ferramenta. (Intervi perguntando se tinha algum incômodo em relação ao uso do celular) e o professor respondeu: a gente segue a lei que fala sobre o não uso do celular na sala de aula, então eu permitia o celular só quando tivesse alguma atividade nesse sentido, se tocasse, saía da sala pra atender,

inclusive eu fazia isso também, se tocasse o celular, eu saia da sala pra atender. Então eles já tinham essa regra clara né, de não utilizar o celular na aula, somente quando fosse algum trabalho voltado, né...fez a pesquisa, gravou em áudio, então o celular era utilizado para apresentar aquela pesquisa, tem um vídeo, então vamos utilizar para apresentar o trabalho.

Pesquisadora: Você acha que esta disciplina deve permanecer no 1º Ano do curso Normal ou trocaria para outro ano?

Professor #2: Se só tiver em um ano, eu acho que deveria ficar no segundo ou terceiro ano, mas o ideal seria passar por todos os anos do curso normal. Se fosse só no 2º ou 3º é porque eles já vão estar mais apegados a questão do celular, aí já vão estar mais integrados à prática da sala porque já fizeram o estágio, então já vão estar mais maduros pra disciplina né. No primeiro ano eles estão ainda meio perdidos sem saber o que é o curso normal. Então a disciplina na visão de muitos alunos é uma disciplina desnecessária, não tem importância, mesmo a gente trabalhando a questão prática. Pra eles é uma disciplina que não tem tanto valor, sendo no 2º ou 3º ano eles já vão ter visto a realidade da sala de aula, então vão dar um valor maior à disciplina. (Intervi perguntando se os alunos apresentavam uma leitura de desvalor em relação a disciplina, pedi que o professor comentasse mais a respeito) e ele respondeu: Tinham alguns alunos que levavam isso, “ah pra que essa disciplina, não tem tanta importância”. As vezes até alguns trabalhos não eram feitos por conta disso, não esquentavam a cabeça né, davam importância a algumas disciplinas mais práticas, mais assim conteudistas né. Por ser uma disciplina que eles gostaram, que tinha uma coisa da realidade deles, eles não davam muito valor, a internet, o computador, o celular a gente já usa no dia a dia, então na visão de muitos né, não tinha importância de aprender. Então quando eles vêm, aí eu vejo com o 2º ano hoje, aí eles já comentam, “não por que a gente não usa *blog* agora, não sei o que”. Porque eles já tem uma autoridade, já fizeram o estágio, já viram que os alunos utilizam, já viram que é uma ferramenta de utilizar na sala de aula.

Pesquisadora: Como professor, você considera que discutir sobre as tecnologias na atualidade faz diferença na formação dos seus alunos do Curso Normal? Por quê? **Professor #2:** Eu acho que faz porque eles vão, quando chegar na sala no dia a dia eles vão se deparar com isso, alunos com celular, principalmente quando eles pegarem do 6º ao 9º ano e ensino médio, eles vão se deparar com isso. No 1º segmento a gente não vê tanto isso, mas já encontra também alunos com celulares na sala né, de repente relatos de aluno que de repente grava o outro, grava briga e posta na internet. Então é algo que tem que se discutir mesmo em sala de aula. Se o aluno já sai com essa visão de trabalhar isso no dia a dia, ele vai chegar na sala de aula mais, não digo preparado, mas mais alinhado com a realidade.

Pesquisadora: Quais foram suas maiores dificuldades/desafios ao ministrar esta disciplina?

Professor#2: Falta de recurso, falta de apoio pra disciplina, a falta de motivação de muitos alunos também, isso foi uma dificuldade pra disciplina, a gente tinha um grupo que avançava, queria fazer e se superava mas tinha grupos que não se interessavam, não queriam fazer ou faziam de qualquer maneira e não se inteirava pra fazer ... “Ah isso?, vou deixar pra fazer”. Tanto que a disciplina teve reprovação né, e isso é algo que não tinha necessidade. É uma disciplina tão prática que não precisava ter aluno reprovado, mas tiveram né na atividade. A escola não vê a importância em si, a questão de equipe pedagógica, não dá aquela importância pra disciplina né, o Estado mesmo, o currículo não dá importância pra disciplina porque ela é uma disciplina que reprova sozinha, ela só reprova se tiver com mais outras duas disciplinas, ela não reprova, ela não tem um peso de reprovação, né. A gente vê na realidade hoje que a gente não quer reprovar, mas é uma disciplina que teoricamente dá uma base pra uma pratica no dia a dia e não tem aquela importância e aquele reconhecimento que é necessário. (Em relação a aprovação, mesmo um aluno não tendo feito nada, nenhuma atividade, ele vai passar nessa disciplina). Continuei conversando com o professor que também participou de duas reuniões sobre a reformulação curricular e perguntei ao mesmo sobre o que ele acha dessa questão de tirar a disciplina ou não tirar, como ele vê tudo isso. O mesmo respondeu: Na verdade eu vejo que eles (o sistema) não discute com os pares, não vêem a realidade da sala de aula né, tem um discurso todo pronto, da importância da disciplina que tem o professor estar preparado pra trabalhar com a tecnologia, mas não oferece na formação isso, que deveria oferecer. Tem outras disciplinas que a gente viu na reformulação curricular que são importantes que estão sendo retiradas e colocando outras disciplinas que a gente não vê um embasamento pra formação, uma necessidade, né. Até na discussão eu dei uma ideia de ampliar o currículo né, ampliar a carga horária, já que tem que inserir novas disciplinas, vamos aumentar a formação, o tempo de formação. Então isso é importante. Agora, retirar a disciplina eu não acho legal e com o novo currículo se for aprovado do jeito que veio a proposta, a disciplina acho que sai do currículo. Aí cada outra disciplina, vai ter que tentar inserir as tecnologias no dia a dia, o que eu já faço com algumas disciplinas que eu ministro. Eu tento utilizar a tecnologia nas disciplinas. Como possibilidade na Educação Infantil, em um bimestre, se não me engano no quarto do segundo ano, que fala sobre literatura infantil, a gente utiliza a realização de curtas infantis. Então a gente usa a tecnologia pra poder eles realizarem o curta. (Continuei pedindo que o professor falasse mais um pouco sobre o curta) ele respondeu: Então, quando eu ministro no 2º ano né, eu sempre trabalho com os alunos a questão da literatura infantil. Literatura na Educação Infantil que é o tema do 4º

bimestre, se não me engano, a gente vai trabalhando literatura, como trabalhar com as crianças na faixa etária da Educação Infantil, e eu peço sempre para os alunos em grupo escolher um livro de literatura infantil, ler o livro e a partir desse livro que eles construam um curta infantil, um filme né, curta pra apresentar para as crianças. Na época quando a gente tinha no curso normal, na escola a gente tinha crianças do 1º segmento, a gente apresentava pras crianças, levava as crianças para assistir. Com o fim disso, a gente parou de apresentar, a gente só apresenta para os alunos da turma mesmo. Mas é uma prática que eu tenho feito deve ter uns quatro, cinco anos. A gente sempre faz nessa disciplina, eles filmam com o recurso deles, tem o figurino, eles criam, tem alunos que se esforçam, que fazem trabalhos excelentes, tem aqueles que fazem de qualquer maneira né, só pra ganhar nota e tem gente que se dedica mesmo e dali forma algo interessante pra eles. E eu sempre converso que é uma coisa que eles podem fazer no dia a dia em sala de aula também, pegar uma atividade com as crianças e fazer um filme. Como hoje, a gente acha no youtube um monte de filmagens feitas em sala de aula com os alunos, eu acho bem interessante. (Perguntei se os alunos trocam essa experiência em algum ambiente online, se divulgam) ele respondeu: Eu nunca fiz essa divulgação não, a gente só faz no âmbito da escola, como eu não estava ministrando essa disciplina no 2º ano tem uns dois anos, eu voltei esse ano, então eu não tinha essa perspectiva de colocar nem divulgar. Até há uns dois anos atrás, eu não peguei mais essa disciplina no 2º ano, eu encontrei uma pessoa, acho que de Minas que tem um festival de curtas, eu até pensei de levar os alunos, de fazer essa troca, de pegar os trabalhos que eles fazem e de fazer essa divulgação, mas aí como eu não fiquei né, de repente pra esse ano a gente consegue ter essa ideia, pra gente de repente fazer uma divulgação destes curtas, nesse sentido.

Pesquisadora: Perguntei ao professor se o mesmo lecionaria a disciplina novamente, caso o mesmo tivesse esta oportunidade.

Professor#2: Se tivesse recurso é uma disciplina que eu gostaria de ministrar (risos), mas devido à falta de recursos é uma disciplina que eu não escolho para trabalhar, porque eu não tenho muitos recursos pra atuar né, no espaço escolar. Se tivesse um laboratório funcionando a contento, com computadores funcionando, com acesso a internet, né, que a gente pudesse utilizar o computador na escola, que os alunos não precisassem usar a internet de casa né, que muitos reclamavam, “ ah eu não tenho internet em casa, né ou então ah meu tenho celular só é pré-pago, eu não tenho conta, não tenho internet, acabou esse mês, to sem dinheiro, né, se tivesse esses recursos para a gente utilizar né. Câmera fotográfica na escola, filmadora na escola, é são vários mecanismos, várias tecnologias que a gente pudesse utilizar para

trabalhar. É uma disciplina excelente pra ser ministrada, mas sem isso é pedreira, pedreira, somos heróis em trabalhar com essa disciplina sem recursos né, a gente tira leite de pedra como diz o ditado aí.

Transcrição da entrevista realizada com o Professor 3:

Pesquisadora: Oi professor#3, primeiramente eu quero agradecer imensamente por você concordar em participar da pesquisa, te agradeço muito, foram muitas tentativas (risos). Eu queria te entrevistar porque você foi o primeiro professor que ministrou esta disciplina nova no Curso Normal. O meu interesse é conhecer as práticas formativas e experiências realizadas nesta disciplina, ouvindo as vozes dos professores regentes.

Pesquisadora: Dê sua opinião sobre a disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias no Curso Normal.

Professor#3: Olha, é... a primeira experiência que eu tive não foi nem exatamente no Clélia Nanci, tá? Em 2008 eu trabalhei no Curso Normal no Colégio Frederico Azevedo e lá o PPP, eles trabalhavam com uma disciplina chamada Tecnologia Educacional. Foi lá que eu tive assim meu primeiro contato, é trabalhando para o Curso Normal com esse tipo de disciplina. E se a sua pergunta foi da importância da disciplina no sentido da formação pras alunas, é... eu acho muito importante tá. Acho muito importante sim porque hoje em dia né, informática, é... mídias, tecnologias, isso faz parte da vida cotidiana de praticamente todas as pessoas e qualquer profissional precisa ter um mínimo de conhecimento e dominar um pouco esse assunto pra poder trabalhar com os alunos, porque os jovens principalmente são aqueles que estão mais inteirados desse tipo de novidade, de tecnologia, das coisas que surgem. Então o profissional precisa tá no mínimo inteirado, capacitado pra lidar com essa realidade.

Pesquisadora: Para você existem mais possibilidades ou desafios na regência da disciplina de Integração das Mídias e Novas Tecnologias?

Professor#3: Olha Ana, eu acho que deveria haver muito mais possibilidades né? Porém, dentro da realidade que a gente vive, de escolas públicas, estadual, o que a gente vê mesmo é muito mais desafios, porque você dar conta de uma disciplina que fala de mídias, que fala de tecnologia sem você ter um suporte pra poder trabalhar isso, sem você ter um equipamento, é coisas né que lhe ofereçam pra você poder usufruir das possibilidades que a disciplina oferece, isso se torna um grande desafio. Então em cima disso, eu acho que os desafios, é... se se sobrepõem as possibilidades. **(Durante a entrevista pedi que o professor falasse dentro dos desafios apontados pela disciplina, alguns exemplos dos mesmos) O professor respondeu:** A estrutura, sala, equipamentos, tudo o que se refere a aquilo que é colocado no currículo mínimo, é...o Estado ou a escola, não sei, não oferece praticamente nada de aparato pra que a coisa seja no mínimo bem trabalhada. Nós é que temos que correr atrás de praticamente tudo pra poder realizar um bom trabalho.

Pesquisadora: Você possui alguma formação específica para lecionar esta disciplina?

Professor#3: Olha ter eu tenho tá, mas foi assim mera coincidência porque isso nunca foi exigido ou colocado como pré requisito. Eu tenho um curso de extensão em Mídias e tecnologias pela UFRJ.

Pesquisadora: Você utilizou recursos tecnológicos como prática formativa para trabalhar com esta disciplina no curso Normal? (*Facebook, AVA, Youtube, Blogs, WhatsApp*) Como foi?

Professor#3: É eu trabalhei com ambiente virtual de uma maneira geral. Eu trabalhei com internet e trabalhei com *Facebook*, até porque o currículo mínimo tem uma parte que fala para fazer trabalho com rede social. Então nós utilizamos o *Facebook*, é sites, *blogs*, foi mais em relação a pesquisa de assuntos que eram de interesse da disciplina, de reportagens e trabalhamos também com e-mail. Olha Ana, lembro que nós formamos primeiramente um grupo no *Facebook* pro pessoal da turma, tá? A primeira intenção foi essa, formamos um grupo pra gente poder se comunicar. E também teve uma questão de que a gente colocava no grupo é alguns assuntos, algumas reportagens, alguns links que eram interessantes ou que eram pertinentes sobre assuntos que a gente tava trabalhando no momento, serviu pra isso também. E sinceramente as únicas coisas que consigo me recordar é isso. Não me recordo de outras funções do *Facebook* não, que não fosse pra comunicação do grupo e pra postagem de links de coisas interessantes pra gente. Eu acho que era só isso, não tenho certeza, não consigo lembrar. **(Perguntei se essa comunicação pelo *Facebook* era feita a distância ou na escola, no laboratório)** O professor respondeu: Há de se colocar também que isso era uma coisa de que, três, quatro anos atrás né, então era tudo assim, muito recente, não existiam tantos recursos, tantas ferramentas, o *Facebook* não era o que ele é hoje em dia tá? Existia concomitantemente o Orkut também que muita gente ainda usava, o *Facebook* “tava” vindo ali como novidade e tal. E tinha a questão das fotos também, a gente postava as fotos lá no grupo, fotos que poderiam ser trabalhadas na turma, enfim isso aí. Não nunca chegamos a usar no laboratório de informática o *Facebook*, era mesmo uma coisa a distância, geralmente nas próprias residências até porque eu não me recordo de nenhum aluno que tinha, é que tivesse internet no telefone celular pra gente poder utilizar naquela época em sala de aula, acho que nem tinha isso ainda. Era uma coisa muito mais, como você própria falou tipo um EaD, uma coisa bem a distância.

Pesquisadora: Ainda na perspectiva do uso das tecnologias em suas aulas, o que rendeu destes recursos como prática formativa?

Professor#3: Olha eu achei que contribuiu muito pra formação delas, mas assim eu acho interessante frisar que o trabalho não foi só com internet tá? É eu desenvolvi um trabalho com elas com outras ferramentas também, com outras mídias, nós trabalhamos com jornal, nós reescrevemos reportagens, eu trabalhei com fotografia, eu trabalhei com filmagem, eu trabalhei com gravador de voz, tá? Aquele gravadorzinho que é utilizado muito em reportagem. Então assim, foi uma gama de coisas que nós utilizamos que eu lembro assim que nós fizemos trabalhos muito bacanas, encantaram muito e que foram de extrema importância para a formação dessas meninas e alguns desses recursos elas utilizaram no decorrer do curso também porque a disciplina ela é ministrada no primeiro ano do curso normal e elas levaram isso pra frente. Tanto é que algumas chegaram a relatar que tinham trabalhado de novo, é fotografia ou filmagem, é... é...nos anos seguintes em trabalhos de outras disciplinas também, lembrando e sendo meio que inspiradas pelo trabalho que foi desenvolvido no primeiro ano. Ah esqueci, trabalhamos com rádio também tá, nós fizemos uma simulação de uma rádio na turma, um programa de rádio. Foi com esse gravador que falei na pergunta anterior. E a rádio também foi sensacional, foi muito bacana, eles fizeram entrevistas e colocaram no ar a entrevista da rádio da turma. Foi muito legal. (Perguntei se a rádio foi colocada em algum lugar da escola ou disponibilizada online, que falasse como foi) O professor respondeu: Não, a escola não tinha nenhuma estrutura de rádio, e nem colocamos é... na internet não. Isso foi um trabalho final da disciplina onde em grupos eles foram divididos pra fazer trabalhos que envolvessem as diferentes mídias. Então na internet, foi só o grupo de internet, aí como te falei, teve o grupo do jornal, e teve o grupo de vídeo, de execução de vídeo, teve um grupo de fotografia e teve o grupo da rádio, então eles praticamente gravaram um programa onde eles realizaram entrevistas com alguns professores, eles falaram de notícias do mundo e algumas coisas referentes a educação também e essa essa espécie de rádio ela foi colocada pra ser ouvida pelos outros grupos só na nossa turma, só em sala de aula tá? Não foi compartilhado com outras pessoas não, foi um trabalho só de sala de aula mesmo.

Pesquisadora: Você acha que as redes sociais podem ser usadas para a aprendizagem desta disciplina? Explique:

Professor#3: Acho! Acho que é uma boa ferramenta de aprendizagem sim pra disciplina, porque a gente pode discutir a questão do uso da rede social né? É fazer uma análise, sei lá quase antropológica sobre a questão do uso da rede social, e você saber os limites, o que que pode ser colocado, o que deve o que não deve, como se utilizar, então assim, eu acho muito bacana você trabalhar com rede social sim. Sempre direcionando né, pra questão do correto

uso pelo aluno, a visão crítica do uso de uma rede social, eu acho muito bacana, muito importante.

Pesquisadora: Você é contra ou a favor da permanência desta disciplina no curso Normal? Por quê?

Professor#3: Olha Ana, eu acho assim que a disciplina eu acho super válido que ela continue sim tá, eu acho que ela se encaixou muito bem numa turma de primeiro ano porque como eu já falei pra você até lá atrás, é... ela serve assim como algo que eles possam vir a utilizar no decorrer do curso tá, isso sendo trabalhado logo no primeiro ano, com uma visão assim bem crítica, eu acho que eles vão saber utilizar essas mídias, essas tecnologias no decorrer do curso e principalmente, despertar neles a consciência de que esse trabalho com as mídias não é uma coisa só pra eles poderem ter um conhecimento só pra eles ou poderem é melhorar, mexer melhor ou lidar melhor com as tecnologias, mas principalmente, despertar neles a consciência de que essas mídias elas podem e devem ser utilizadas por eles como ferramentas pedagógicas, como algo que eles possam utilizar futuramente para a aprendizagem tanto deles como principalmente dos alunos que eles poderão ter lá na frente. Eu acho que a disciplina deve continuar sim.

Pesquisadora: Você fez uso da sala de informática para realizar atividades desta disciplina no Curso Normal?

Professor#3: Não, não utilizei a sala de informática em nenhum momento. Pra te falar a verdade, eu acho que a sala de informática nessa época tava desativada, passando por alguma obra, reparo, sei lá. Eu sei que eu nunca consegui utilizar aquela sala não, nunca tinha internet, não usei.

Pesquisadora: Qual é a sua opinião em relação a presença do celular em sala de aula? Você já realizou práticas formativas com os alunos do Curso Normal através do celular? Por quê?

Professor#3: Ana, eu acho que o problema não está no celular. O problema está no uso que eles fazem do celular durante as aulas, tá, o uso abusivo, o uso excessivo tá e o uso desrespeitoso. Mas isso a culpa não é do celular, a culpa é do aluno, então assim, a questão é conscientizar esse aluno, de colocar que tem hora pra ser utilizado e a maneira como deve ser utilizado. Eu já pedi pra usar o celular na sala de aula sim, é não me recordo se já fiz de forma assim que o uso tenha sido todos em conjunto, pesquisando alguma coisa, mas como eu trabalho sempre com algum tipo de grupo é na internet, um grupo da turma na rede social, às vezes eu peço pra acessar, as vezes eu posto alguma coisa e peço pra eles darem uma olhada, as vezes até pra fazer uma pesquisa rápida sobre determinado assunto, então eu acho válido a utilização do celular sim. Hoje em dia o aparelho celular virou um recurso que tá integrado na

questão das mídias e tecnologias, não há como negar, não há como fugir disso. A questão é a forma com que ele vai ser utilizado dentro da sala de aula.

Pesquisadora: Você acha que esta disciplina deve permanecer no 1º Ano do curso Normal ou trocaria para outro ano?

Professor#3: Eu acho que ela deve permanecer no primeiro ano sim. No primeiro ano como eu já falei na resposta anterior pra eles terem um primeiro contato, e fazer uma análise crítica do uso até porque é essas mídias elas vão perpassar por varias disciplinas no decorrer do curso, então eu acho que o primeiro ano tá um local bem adequado pra ser inicio de um trabalho.

Pesquisadora: Como professor, você considera que discutir sobre as tecnologias na atualidade faz diferença na formação dos seus alunos do Curso Normal? Por quê?

Professor#3: Sim faz muita diferença porque como eu já falei isso vai passar por eles no decorrer do curso, várias atividades eles vão trabalhar com essas mídias, acredito que nas formações posteriores isso vai passar também por eles, seja em nível de graduação de pós-graduação e principalmente, é pra aqueles que seguirem na carreira, eles vão ter que lidar com isso nas mãos dos alunos deles também, então esse preparo é de extrema importância para a formação do futuro professor.

Pesquisadora: Quais foram suas maiores dificuldades/desafios ao ministrar esta disciplina?

Professor#3: Bom. Ter pego essa disciplina pra trabalhar no Clélia Nanci, é ... eu não considerei assim tanto um desafio no sentido é profissional porque como eu falei, eu já havia trabalhado uma disciplina muito parecida em outra instituição que foi a disciplina de tecnologia educacional e eu já tinha assim...é um pouco de conhecimento teórico do assunto em função do curso de mídias que eu já tinha feito. O desafio foi trabalhar num local em que não me era oferecido nenhum aparato, é tecnológico ou de equipamentos, não era oferecido nenhum tipo de apoio de coordenação de orientação pedagógica, onde foi me dado somente o currículo mínimo que era recém-lançado e pra uma turma de primeiro ano onde muitos não têm a menor noção do que estão fazendo ali e utilizam essas mídias somente para a diversão. O maior desafio é você fazer com que esses jovens é... direcionem o uso da... a utilização da mídia como ferramenta pedagógica, como algo que possa ser útil e influenciar na formação deles, esse foi o maior desafio. E hoje em dia se eu trabalharia essa disciplina, é aquela questão né, quando a gente faz concurso para disciplinas pedagógicas, a gente não tá lá para escolher o que a gente vai trabalhar.

Pesquisadora: Perguntei ao professor se o mesmo lecionaria a disciplina novamente, caso tivesse esta oportunidade.

Professor#3: É... Se me perguntassem e se eu tivesse a oportunidade de optar, eu vou ser muito sincero, eu acho que eu não optaria por pegar não, até porque a minha praia dentro do Curso Normal já algum tempo é outra. Mas se tivesse que trabalhar, trabalharia, trabalharia sim e tentaria fazer um trabalho tão bacana como eu fiz da primeira vez.